UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

Biblioteca do Instituto Franciscano de Antropologia: histórias e memórias

Autora: Cleonice Aparecida de Souza

Orientadora: Profª. Drª. Maria do Carmo Martins

Tese de Doutorado apresentada à Comissão de Pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação, na área de concentração de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte.

Campinas
2012

© by Cleonice Aparecida de Souza, 2012.

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA
DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO/UNICAMP
ROSEMARY PASSOS – CRB-8ª/5751

So89b

Souza, Cleonice Aparecida, 1972-
Biblioteca do Instituto Franciscano de Antropologia: histórias e memórias / Cleonice Aparecida de Souza. – Campinas, SP: [s.n.], 2012.

Orientador: Maria do Carmo Martins.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.

1. Biblioteca do Instituto Franciscano de Antropologia. 2. História da Educação. 3. Ensino superior. 4. Educação. 5. Memória. 6. Teologia da libertação. I. Martins, Maria do Carmo, 1964- II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

12-133/BFE

Informações para a Biblioteca Digital

Título em ingles: Library of the Franciscan Institute of Antropology: history and memories
Palavras-chave em inglês:
Library of the Franciscan Institute of Antropology
History of Education
Higher Education
Education
Memory
Theology of Liberation
Área de concentração: Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte
Titulação: Doutor em Educação
Banca examinadora:
Maria do Carmo Martins (Orientador)
Maria Angela Borges Salvadori
Katya Mitsuko Zuquim Braghini
Heloisa Helena Pimenta Rocha
Norma Sandra de Almeida Ferreira
Maria de Fátima Guimarães (Suplente)
Ubirajara Alencar Rodrigues (Suplente)
Ernesta Zamboni (Suplente)
Data da defesa: 13/08/2012
Programa de pós-graduação: Educação
e-mail: cleo_souza@uol.com.br

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

TESE DE DOUTORADO

Biblioteca do Instituto Franciscano de Antropologia: histórias e memórias

Autora: Cleonice Aparecida de Souza
Orientadora: Profª. Drª. Maria do Carmo Martins

Este exemplar corresponde a redação final da Tese defendida por Cleonice Aparecida de Souza e aprovada pela Comissão Julgadora.

Data: 13 / 08 / 2012

Assinatura da orientadora: Maria do Carmo Martins

COMISSÃO JULGADORA:

2012

Gastei uma hora pensando um verso
que a pena não quer escrever.
No entanto ele está cá dentro
inquieto e vivo.
Ele está cá dentro
e não quer sair.
Mas a poesia deste momento
inunda minha vida inteira.
Carlos Drummond de Andrade – *Poesia*

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS vii

RESUMO ix

ABSTRACT ix

LISTA DE FIGURAS x

LISTA DE QUADROS xi

LISTA DE TABELAS xii

APRESENTAÇÃO 01

CAPITULO 1*:* A PRESENÇA FRANCISCANA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA 08

1.1 Brasil: Ensino Superior e seu cenário até a década de 70 09

1.2 Os franciscanos no Ensino Superior do Brasil 15

1.3 O Instituto Franciscano de Antropologia (IFAN) e o Ensino Superior 22

CAPÍTULO 2: HISTÓRIA DA BIBLIOTECA DO IFAN 31

2.1 A gestão da Biblioteca do IFAN no período de 1992-2001 37

2.2 Livros para descarte e a recuperação da memória franciscana no Brasil..... 39

2.3 Um olhar cuidadoso para uma coleção especial e rara 47

2.4 O sistema de seleção e classificação 62

2.5 As Editoras e o acervo da Biblioteca do IFAN 70

CAPÍTULO 3: A MARCA DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA BIBLIOTECA DO IFAN (1990-2002) 73

CONSIDERAÇÕES FINAIS 101

REFERÊNCIAS 105

APÊNDICE A: Lista de *Cadernos do IFAN* por ano das publicações, com a temática de cada fascículo e os autores dos artigos..... 118

APÊNDICE B: Lista dos títulos publicados pela Editora Vozes, separados por década, que compunham o acervo da biblioteca até o ano de 2010 132

AGRADECIMENTOS

Sou imensamente grata à minha orientadora Maria do Carmo Martins que tornou possível a realização deste trabalho. Sua generosa cumplicidade garantiu que este trabalho chegasse ao seu término. Sua constante presença ao meu lado, no transcorrer de toda a pesquisa, foi fundamental no diálogo que travei com as fontes deste trabalho. Em particular, agradeço seu carinho e atenção, nesta última fase do trabalho quando perdi alguém muito querido.

Quero agradecer ainda às professoras do grupo Memória e a professora Águeda, pelo cuidado e paciência em seus ensinamentos que tantas contribuições trouxeram para que eu amadurecesse minhas ideias e tornasse este trabalho mais consistente. Assim como aos colegas das disciplinas, que participei no meu doutorado, pois contribuíram de forma singular com o meu processo de formação intelectual e me enriqueceram sobremaneira compartilhando comigo generosamente experiências vividas. Minha gratidão em especial a Priscila pelo seu carinho e que esteve sempre presente apoiando-me de todas as formas possíveis, compartilhando as alegrias e angustias desta trajetória.

Agradeço ainda, de forma especial, as professoras Heloisa e Norma, que compuseram a banca do exame de qualificação e que, com suas observações e sugestões, contribuíram de forma preciosa para a conclusão deste trabalho.

Agradeço as funcionárias Nadir, Cleo e Rita, da Faculdade de Educação da UNICAMP, pela colaboração durante todo o curso e que foram sempre disponíveis e atenciosas.

Sou grata à minha família com quem compartilhei cada alegria, decepção e sucesso durante todo este tempo. Em especial aos meus pais, Maria (*in memoriam*) e Miguel, pela compreensão, apoio, carinho e amor. A minha tia Terezinha, ao meu primo José e ao meu irmão Antonio que motivam e incentivam a realizar os sonhos.

A minha enorme gratidão aos meus amigos que sempre me incentivaram e colaboraram de tantas formas para que eu chegasse até este momento e que conseguem entender, por vezes, a minha ausência. Aos amigos, alguns antigos,

outros novos, com os quais tenho a graça de conviver, pelo apoio e incentivo constantes sem os quais a vida seria mais difícil.

Sou grata aos colaboradores do Sistema de Bibliotecas da USF pela atenção e carinho, pois sem eles esta trajetória seria muito mais tensa e árdua.

Agradeço, ainda, a USF pelo apoio institucional, incentivo, ensinamentos e oportunidade.

Por fim, agradeço a todos que, de alguma forma, colaboraram na elaboração deste trabalho, pois se torna difícil no momento da conclusão fazer justiça à contribuição de cada um que direta ou indiretamente colaborou com a realização deste trabalho.

RESUMO

Este trabalho privilegia a Biblioteca do Instituto Franciscano de Antropologia (IFAN) da Universidade São Francisco, localizada em Bragança Paulista (São Paulo – Brasil), criada em 1984. Sua origem localiza-se na conexão de demandas, embates políticos e teológicos, num país recém saído da ditadura militar. Seu acervo acolhe obras oriundas de diferentes conventos franciscanos e aquelas que foram incorporadas com o intuito de atender reflexões balizadas por questões sociais, cujos referenciais teóricos situam-se na teologia da libertação. Essa biblioteca se inscreve na história da presença franciscana na educação superior brasileira, sobretudo na década de 1970, quando os franciscanos assumiram a direção do Instituto de Ensino Superior da Região Bragantina, em 1976. Essa pesquisa contemplou duas linhas de investigação simultâneas. Na primeira, analisou obras e documentos que permitiram identificar aspectos das histórias e memórias da formação de tal biblioteca e, na segunda pesquisou a composição de seu acervo e os princípios que nortearam sua organização e acesso. Tomar essa biblioteca como objeto de pesquisa significou refletir tanto acerca das implicações da valorização das histórias e memórias franciscanas quanto atentar para a conservação de um patrimônio bibliográfico singular pela Ordem Franciscana.

ABSTRACT

This thesis focuses the Library Library of the Franciscan Institute of Anthropology – IFAN of the University San Francisco, located in Bragança Paulista (São Paulo - Brazil), established in 1984. The Library emerged from necessity of the Institut, but in the middle of demands and theological and political conflicts of a country recently emerged from the military dictatorship. The collection hosts singular documents from Franciscan convents in addition to those that were incorporated to meet reflections buoyed by social issues, whose theoretical frameworks on the Theology of Liberation. This library is inscribed in the history of the Franciscan presence in the Brazilian higher education, especially in the 1970s, when the Franciscans took charge of the Institute of Higher Education the region of Bragança Paulista in 1976. This research included two simultaneous lines of inquiry. At first, it analyzed works and documents that have identified aspects of the stories and memories of the formation of such a library and the second line investigated the composition of its collection and the principles that guided its organization and access. Having this library as research object meant to reflect both on the implications of the valuation of Franciscan stories and memories and the attention to the conservation and preservation of a unique bibliographic patrimony of the Franciscan Order.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	Instituições de Educação Superior 1945 e 1964, 1983	10
Figura 2	Matrículas nas instituições de Ensino Superior, 2000	12
Figura 3	Evolução do Número de Instituições, por Natureza e Dependência Administrativa Brasil – 1980-98, 2000	14
Figura 4	Espaço de trabalho do IFAN, 1986	28
Figura 5	Setor de Seleção da USF em Bragança Paulista com livros oriundos dos conventos franciscanos, 2010	40
Figura 6	Livros oriundos dos conventos franciscanos e armazenados no setor de seleção da USF- Bragança Paulista, 2008.....	41
Figura 7	Livros empilhados oriundos dos conventos franciscanos no setor de seleção da USF- Bragança Paulista, 2008	42
Figura 8	Processo de desinfestação na Biblioteca USF, Bragança Paulista, 2009	44
Figura 9	Livros após processo de desinfestação. Aguardando processamento técnico na Biblioteca Central USF, Bragança Paulista, 2010	45
Figura 10	Livros que se encontram no setor de seleção da USF, Bragança Paulista, em precárias condições, 2010	46
Figura 11	Livros selecionados para compor o acervo da Biblioteca de Obras Raras, 2009.....	48
Figura 12	Livros desde o século XVI no acervo de obras raras USF, Bragança Paulista, 2010	55
Figura 13	Espaço físico do acervo de obras raras da USF, Bragança Paulista, 2010.....	56
Figura 14	Espaço físico do acervo - Biblioteca do IFAN - Bragança Paulista, 2010	61
Figura 15	Livros da contemporaneidade na Biblioteca do IFAN, Bragança Paulista, 2010	68

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	Identificação da Ordem Religiosa a que pertencem os autores.....	83
Quadro 2	Autores e seus respectivos títulos, assunto e exemplares do acervo da Biblioteca do IFAN …….	90

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 Dados quantitativos do acervo que compõem a Biblioteca do IFAN, 2010..... 69

Tabela 2 Editoras com mais de 10 exemplares que compõem o acervo da Biblioteca do IFAN..... 71

APRESENTAÇÃO

Certa palavra dorme na sombra
de um livro raro.
Como desencantá-la?
É a senha da vida
a senha do mundo.
Vou procurá-la.
Vou procurá-la a vida inteira
no mundo todo.
Se tarda o encontro, se não a encontro,
não desanimo,
procuro sempre.
Procuro sempre, e minha procura
ficará sendo
minha palavra.
Carlos Drummond de Andrade – *A palavra mágica*

O valor histórico e a importância da Biblioteca do Instituto Franciscano de Antropologia (IFAN) para os franciscanos nos estimularam a investigar a história desse acervo, localizado em Bragança Paulista, SP, na Universidade São Francisco (USF). Tomar essa biblioteca como objeto de pesquisa significou tanto refletir acerca das implicações da valorização das histórias e memórias franciscanas quanto atentar para a conservação, na contemporaneidade, de um patrimônio bibliográfico singular mantido pela Ordem Franciscana.

O primeiro contato com o objeto do meu doutorado – a Biblioteca do IFAN – foi em 1990, quando comecei a trabalhar no Sistema de Bibliotecas da USF. Desde então, acompanhei a chegada e o processo de tratamento e de identificação do acervo dessa Biblioteca, criada por determinação da Província da Imaculada Conceição do Brasil da Ordem dos Frades Menores [1].

A questão norteadora, e que instigou esta pesquisa, está ancorada na constatação de que a criação, a expansão e o funcionamento dessa biblioteca foram

[1] A expressão Província refere-se a um conjunto de conventos. Este trabalho trata dos franciscanos, religiosos católicos que realizam voto de pobreza, castidade e obediência. Vivem em fraternidades, designadas por conventos e se localizam, tradicionalmente, junto das cidades. São reunidos sob um governo comum da Ordem Franciscana. A Província da Imaculada Conceição abrange os Estados do Espírito Santo, Rio de Janeiro, São Paulo, Paraná e Santa Catarina.

de grande importância para a instituição universitária na qual ela se localiza, assim como para a própria Ordem Franciscana. A história de sua criação foi marcada por preocupações que estavam presentes em alguns dos pressupostos da Teologia da Libertação (TL), como se poderá ver mais adiante, neste trabalho, e ocorreu num contexto em que o país convivia com sua recente redemocratização.

A presença de teólogos vinculados à Teologia da Libertação orientou as linhas de pesquisa e de atuação do Instituto Franciscano de Antropologia, o que, por sua vez, implicou a solicitação e a aquisição de obras bibliográficas para a sua Biblioteca – uma biblioteca especializada – voltadas às diferentes temáticas da área social, bem como a promoção, por esse Instituto, de eventos relativos ao cenário sociocultural, como seminários e conferências, por exemplo. Isso constitui a marca inicial da Biblioteca do IFAN.

Em termos históricos e institucionais, percebe-se que seus momentos significativos ocorreram na época de sua criação, nos anos de 1980, passando por um grande impulso nos anos 90 – por ocasião da transferência dos livros que se encontravam nas casas franciscanas para a sede da Universidade São Francisco em Bragança Paulista – e, posteriormente, nos anos 2000, num cenário de disputas, embates e resistências internas às transformações decorrentes de uma política de reengenharia institucional na USF.

Em uma breve retrospectiva, é possível dizer que a Biblioteca do IFAN foi criada na esteira de formação do IFAN no ano de 1984. Cerca de 18 anos depois do início da organização de seu acervo, por volta de 2002, ele foi transferido para Curitiba e abrigado na Associação Franciscana Senhor Bom Jesus (AFESBJ), entidade que se tornou o centro administrativo do complexo educacional de ensino superior dos franciscanos [2] e passou a gerir esse acervo.

Sabe-se que sua mudança não foi casual, uma vez que ocorreu no momento de uma nova reengenharia institucional da universidade, iniciada em 2000. A transferência do acervo se deu concomitantemente à transferência de Frei Orlando Bernardi para aquela cidade. Destaco que Frei Orlando foi Diretor do IFAN de 1992 até 2001, período em que o acervo da Biblioteca desse Instituto aumentou consideravelmente, em virtude de um intenso trabalho de seleção das obras

[2] O complexo engloba Campinas (SP), Bragança Paulista (SP), Itatiba (SP) e São Paulo (SP), Curitiba (PR), Blumenau (SC), Lajes (SC), e Petrópolis (RJ).

oriundas dos diferentes conventos franciscanos, encaminhadas à USF em 1990. Foi no final dessa década que se iniciou a catalogação do acervo junto ao Sistema de Bibliotecas da USF.

Cumpre pontuar que, nesse contexto, o IFAN continuou a responder à Casa Nossa Senhora da Paz – Ação Social Franciscana (CNSP-ASF), mantenedora da USF, que, por sua vez, era e ainda é subordinada à Província da Imaculada Conceição.

Ao começar a pesquisa, atentei para o fato de a instituição religiosa tratar de forma complexa, tanto o instituto quanto a biblioteca especializada que nele se encontrava. E foi um evento, no mínimo curioso, a separação entre o acervo bibliográfico e o Instituto Franciscano de Antropologia nesse período. A preocupação com a localização e com a gestão do acervo da Biblioteca do IFAN sugeriu-me que havia um cuidado particular com as histórias e memórias, a identidade e as questões políticas imbricadas na perspectiva de existência da própria Ordem Franciscana.

Por isso é importante perceber essa biblioteca imersa numa dinâmica de movimento que extrapola o seu acervo e diz respeito às disputas, aos embates e às resistências internas contrárias às transformações decorrentes da reengenharia institucional, particularmente após 2000. Essa situação ganha contornos visíveis com o retorno desse acervo para a USF, campus de Bragança Paulista, em 2007, quando o então ex-Diretor do IFAN, Frei Orlando Bernardi, retorna também para a USF, agora na condição de membro do IFAN, subordinado ao Frei Agostinho Piccolo[3], e traz de volta parte do acervo que com ele fora transferido para Curitiba.

As ações que balizaram a origem, a organização e o acesso da Biblioteca do IFAN ultrapassavam orientações meramente técnicas da biblioteconomia, porque tais procedimentos estavam imbricados em relações de poder e na formação de teólogos da própria Ordem Franciscana bem como na emergência de estratégias de inserção dos franciscanos no universo mais amplo do ensino superior.

Por outro lado, cabe pontuar que a criação das Faculdades Franciscanas inscreve-se no panorama mais amplo do país, na década de 1970, em que a oferta de cursos superiores bem como sua privatização estão sendo ampliadas (RIBEIRO, 2002).

[3] A gestão de Frei Agostinho Piccolo foi de 1989 a 1991 e de 2001 a 2009.

Foi no ano de 1976, que as Faculdades de Bragança Paulista, que abrangiam 21 cursos, mantidos pelo Instituto de Ensino Superior da Região Bragantina, presente na região desde 1969, passaram a ser administradas pela Ordem Franciscana.

Tomei como uma das hipóteses de trabalho que a Biblioteca do IFAN foi constituída como um lugar de memória e resistência de um dado olhar franciscano marcado, sobretudo, pela Teologia da Libertação, pois ela incorporou obras destinadas a atender reflexões ancoradas em questões sociais, para além das obras oriundas de diferentes conventos franciscanos.

Na perspectiva de Le Goff (2003, p. 469) "A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, mas memória coletiva é não somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder." Além disso, e indo ao encontro das contribuições teóricas de Nora (1993, p.21-22) entende-se por lugar de memória

> Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar. Os três aspectos coexistem sempre (...). É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência vivida por pequeno número, uma maioria que deles não participou.

Os lugares de memória, para Nora, são lugares em todos os sentidos do termo, vão do objeto material e concreto, ao mais abstrato, simbólico e funcional, simultaneamente e em graus diversos, esses aspectos devem coexistir sempre.

A outra hipótese que me orientou é a de que uma biblioteca não é um mero repositório de conhecimentos sistematizados em diferentes suportes (impressos textuais, imagéticos, audiovisuais e sonoros), mas sim um mundo, a um só tempo, completo e por completar, cheio de segredos. Ela está submetida a um regime de mudanças e ciclos que contrastam com a representação de permanência, insinuada por suas longas fileiras ordenadas de livros. Arrastados pelo desejo dos leitores, os livros vão entrando e saindo das bibliotecas, num movimento semelhante ao das marés.

A partir de uma passagem de Nora, em seu verbete “Memória” Le Goff (2003, p.467) diz

> [há] os lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais como os cemitérios e arquiteturas; lugares simbólicos como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais, como os manuais, as autobiografias ou as associações.

A biblioteca é um espaço de ação cultural, um lugar de memória que, ao disponibilizar um acervo, possibilita que um observador mais atento desvele a trajetória, a memória e a identidade da instituição lhe deram origem. Esse observador, num movimento de aproximação e reconhecimento do acervo, pode perceber a política de aquisição, seleção e descarte que originou e configurou o acervo, bem como as práticas e concepções que perpassam o delineamento de uma dada cartografia para recuperação e disseminação da informação, mediante a lógica que orientou a elaboração de seus instrumentos de consulta (BATTLES, 2003).

Dessa forma, descobrir e percorrer as prateleiras de uma biblioteca pode ser comparado a uma *viagem metafórica* (COLOMBO, 1991), em que os objetos encontrados transformam-se em sinais e em indícios de acontecimentos distantes.

A par de tais hipóteses, acreditei que seria possível captar indícios nos documentos privilegiados nessa pesquisa os quais me permitiriam rastrear as histórias e memórias da Biblioteca do IFAN, reconhecendo que a pesquisa com fontes documentais é sempre tensa, pois o documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de força que ai detinha o poder (LE GOFF, 2003).

As fontes privilegiadas nesta pesquisa encontram-se entre alguns dos títulos que compõem o acervo da Biblioteca do IFAN, documentos do período de 1984-2002: periódicos da USF, documentos institucionais e da Ordem Franciscana (cartas, ofícios, regimento, estatuto etc.), e, ainda, obras especializadas em franciscanismo (LE GOFF, 2007; SANGENIS, 2004; SABATIER, 2006; MOREIRA, 1996; BERNARDI 2003 e 2005; RÖWER, 1941, 1943, 1947, 1951 e 2008; MIRANDA, 1969), dentre outras.

Cito aqui, como exemplo de fontes do acervo, a Revista *Vida Franciscana,* uma publicação interna da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, criada em 1923 para registrar os grandes momentos da Ordem e da entidade, tornando-se um elo entre as fraternidades. Através de crônicas, artigos,

depoimentos e documentos, especialmente os necrológios, a revista conta, ano após ano, a história da Província. Tanto é assim que de seu primeiro número, datado de 1923, até 1939, ela foi escrita apenas em alemão devido ao grande número dos frades missionários da Província da Saxônia no Brasil. De 1939 a 1941, ela tem artigos tanto em português como em alemão, passando a ser escrita, definitivamente em português a partir de 1941. Há também os periódicos *A Ordem (1921)*, *Vozes* (1907), REB (*Revista Eclesiástica Brasileira*, 1941), SEDOC (*Serviço de Documentação*, 1968) e o *Grande Sinal* (1947).

Na trajetória dessa pesquisa contemplei duas linhas de investigação simultâneas. Na primeira delas, realizei a análise de obras e de documentos que permitiram identificar aspectos das histórias e memórias da formação dessa Biblioteca e, na segunda, pesquisei a composição do acervo da Biblioteca do IFAN, analisando os títulos, os autores, as editoras que fazem parte de seu catálogo, assim como os princípios que nortearam a organização desse acervo e seu acesso, considerando que tais livros destinavam-se ao grupo de pesquisadores do IFAN, desde o projeto idealizado em 1984, que vem se concretizando, vagarosamente, de fins da década de 1980 até a atualidade.

Para apresentar a trajetória desta pesquisa, estruturei a tese em três capítulos.

No primeiro capítulo teço considerações sobre a presença franciscana na educação superior brasileira, sobretudo na década de 70, quando os franciscanos assumiram o Instituto de Ensino Superior da Região Bragantina em 1976. Esse processo se dá no período da ditadura militar quando era presidente do Brasil o General Ernesto Geisel e o Ministro da Educação e Cultura, Ney Braga.

No capítulo seguinte, analiso a história da Biblioteca do IFAN da USF*, campus* de Bragança Paulista, com o foco na ampliação de seu acervo, denominado como segundo período de gestão da Biblioteca, por causa de seu significativo crescimento e de uma maior especialização, ocorrida entre os anos de 1992 e 2001. A análise dos documentos permitiu-me identificar as histórias e memórias relativas à formação da Biblioteca do IFAN. Nessa direção, considerei o sistema de classificação e seleção adotados e identifiquei as editoras presentes nesse acervo. Senti-me, também, motivada a lançar um olhar cuidadoso para um conjunto de

obras que foi garimpado no período e que originou uma coleção especial, a qual passou a compor o acervo da biblioteca de Obras Raras, em 2002.

No terceiro capítulo, ancorei a discussão da criação, organização e ampliação do acervo da Biblioteca do IFAN junto à Teologia da Libertação defendida e pesquisada pelos intelectuais e teólogos do IFAN. No acervo da biblioteca há marcas de autores militantes da Teologia da Libertação e produções intelectuais, fruto de eventos temáticos, realizados no Instituto, a partir de uma postura crítica e de um dado olhar teológico.

O conjunto desses capítulos busca contribuir para a ampliação da compreensão das histórias e memórias dos franciscanos e da presença franciscana na educação superior brasileira, tendo por mote a Biblioteca do IFAN.

CAPÍTULO 1

A PRESENÇA FRANCISCANA NA EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRA

As histórias e memórias da biblioteca do Instituto Franciscano de Antropologia (IFAN) suscitaram-me o desejo de investigar e compreender o sentido histórico de sua criação para a Ordem Franciscana e sua importância para a Universidade São Francisco (USF)[4]. A Biblioteca do IFAN foi criada na USF, em 1984, e localiza-se no *campus* de Bragança Paulista. A USF é hierarquicamente vinculada à Província da Imaculada Conceição da Ordem dos Frades Menores do Brasil.

Essa biblioteca foi criada no IFAN, a partir de demandas, de embates políticos e teológicos marcados pelo movimento da Teologia da Libertação, num país recém-saído da ditadura militar. Dentre as várias marcas desse processo de redemocratização, duas cabem ser destacadas, neste trabalho de pesquisa: primeiramente a busca por novos sentidos para as instituições e as organizações sociais, e a busca por maior participação política dos cidadãos em todos os níveis. Em segundo lugar, o surgimento de uma nova configuração da sociedade civil, resultante de uma série de movimentos sociais, com a efetiva valorização de diferentes sujeitos políticos: operários, camponeses, favelados, mulheres etc. (MARTINS, 1996, p. 105).

Nessa redemocratização, o papel de grupos de pessoas pertencentes às instituições religiosas que lutaram no movimento *Brasil Nunca Mais*, a marca de sua inserção nas Comunidades Eclesiais de Base e sua participação em movimentos

[4] Quanto à sua organização acadêmica, as Instituições de Ensino Superior, do sistema nacional, classificam-se em universidades, centros universitários, faculdades integradas, faculdades, institutos ou escolas superiores, sendo estas públicas, quando criadas ou incorporadas, mantidas e administradas pelo poder público (federal, estadual ou municipal) ou privadas, quando mantidas e administradas por pessoas físicas ou jurídicas de direito privado. A cada uma das modalidades de oferta de ensino superior, incluindo cursos fora da sede e de educação à distância, correspondem normas para autorização de funcionamento, reconhecimento, credenciamento e outras, estabelecidas em legislação específica (Decreto n° 3.860/2001). As universidades podem criar cursos superiores a partir da decisão dos colegiados competentes dessas instituições. Os cursos autorizados, por sua vez, solicitam reconhecimento quando já tiverem realizado, pelo menos, 2/3 da duração total prevista (INEP/MEC, 2000).

sociais, a partir de pressupostos da Teologia da Libertação, também podem ser notados.

Mas é no contexto da história da Educação Superior brasileira, durante e após a ditadura militar, que aparecem os primeiros sinais da estruturação do IFAN e da Biblioteca Franciscana, como componentes do reforço identitário da ordem religiosa. A presença franciscana na educação superior, bem como as tentativas de sua ordem religiosa de criar uma universidade que respondesse às demandas do sistema superior de ensino e, ao mesmo tempo, atendesse às especificidades franciscanas, serão aprofundadas a seguir.

1.1 Brasil: o Ensino Superior e seu cenário até a década de 1970

O desenvolvimento do sistema de educação superior brasileiro, no que tange às suas origens e características, pode ser considerado um caso atípico no contexto latino-americano. Desde o século XVI, os espanhóis fundaram universidades em suas possessões na América, as quais eram instituições religiosas, que recebiam a autorização do Sumo Pontífice, através de Bula Papal. O Brasil Colônia, por sua vez, não criou instituições de ensino superior em seu território até início do século XIX, ou seja, quase três séculos mais tarde que os espanhóis (SAMPAIO, 2000).

No Brasil, a chegada da Família Real Portuguesa, em 1808, fugindo das forças napoleônicas, foi a razão inicial para a criação das primeiras escolas superiores brasileiras, devido, principalmente, a pressões exercidas pelas elites da sociedade de forma geral.

Alguns levantamentos revelam o aparecimento das três primeiras instituições de ensino superior no Brasil: a Escola de Medicina do Rio de Janeiro, a Escola de Medicina da Bahia e a Escola de Engenharia e Arte Militar do Rio de Janeiro. De forma sucinta, algumas datas ilustram, também, a trajetória da educação superior no Brasil: em 1827 foram criados os Cursos de Ciências Jurídicas em São Paulo e em Olinda; em 1889, são criadas 14 Escolas Superiores. A Universidade de Manaus, em 1909, no período do ciclo da borracha e, em 1912, a Universidade do Paraná, no contexto do ciclo do café. Posteriormente foram criadas a Universidade do Rio de

Janeiro, em 1920, a de Minas Gerais, em 1927, a de São Paulo, em 1934, e, em 1961, a Universidade de Brasília (SAMPAIO, 2000).

Nesse contexto, um breve histórico da educação superior brasileira até 1960 indica que o crescimento do ensino superior ocorreu com base na criação de institutos isolados e de universidades que aglutinavam alguns desses institutos. Esse crescimento foi desordenado e fora do controle governamental, sendo assim criados institutos isolados, contrariando as expectativas estudantis. Na figura 1 é possível observar estes dados apresentados por Cunha:

Ano	Universidades	Estabelecimentos isolados
1945	5	293
1964	37	564

Figura 1 – Instituições de Educação Superior 1945 e 1964
Fonte: Cunha (1983, p. 254).

Em 1964, um Golpe de Estado instituiu o governo militar. Em 1965, a convite do Ministério da Educação e Cultura, o consultor americano Rudolph Atcon realizou um estudo propondo a implantação de um modelo empresarial de estrutura administrativa para as universidades. Houve ainda o estudo da Comissão Meira Matos, instituída pelo governo militar, para analisar as questões estudantis, e os estudos do Grupo de Trabalho Interministerial para a implantação da Reforma Universitária – grupo instituído por Decreto Federal, em 1968, e constituído por membros do Ministério da Educação, do Ministério da Fazenda, do Ministério do Planejamento, do Congresso Nacional e das universidades (SAMPAIO, 2000).

Depois desses estudos, foi implantada a Reforma Universitária, em 1968, no mesmo ano em que o regime militar trouxe à luz o Ato Institucional nº 5 (AI-5), que atacou os direitos civis e políticos, perseguindo os opositores do regime, especialmente professores e estudantes. Como se sabe, os conflitos entre estudantes e autoridades governamentais e dirigentes pró-ditadura foram constantes neste período. Um fator decorrente do Golpe para a educação foi à reestruturação da representação estudantil, com a extinção da UNE.

Os militares evitavam, desse modo, a organização dos estudantes em nível nacional, permitindo apenas a criação e a existência dos Diretórios Acadêmicos (DA's) e dos Diretórios Centrais dos Estudantes (DCE's), mas só no âmbito dos cursos e das universidades, respectivamente. Tais entidades representativas não deveriam exercer ações políticas, tidas pela ditadura como "subversivas". Ainda para manter sobre controle a juventude brasileira são instituídas disciplinas de caráter ideológico e manipulador: como a disciplina Estudos de Problemas Brasileiros (EPB), por exemplo, no ensino superior (ARANHA, 1996).

Após a tomada do poder pelos militares, as universidades passaram a ser objeto de uma ingerência direta do governo federal, que afastou um grande número de professores, principalmente na Universidade de Brasília.

Na ocasião, também foram criadas as Assessorias de Informação nas Instituições Federais de Ensino Superior, com a intenção de coibir as atividades de caráter considerado subversivo pelo governo militar, tanto de professores quanto de alunos. A base da atual estrutura e funcionamento da educação brasileira foi definida num momento histórico importante, com a aprovação da Lei nº 5.540/68, da Reforma Universitária. E, muitas das medidas adotadas pela Reforma de 1968 continuam, ainda hoje, a orientar e conformar a organização desse nível de ensino (OLIVEN, 1989).

Contudo, por meio dessa reforma manteve-se o sistema de estabelecimentos isolados, apesar de ela explicitar que o modelo desejável para o ensino superior era a universidade. A Lei da Reforma Universitária trouxe mudanças como a unificação do vestibular; criou carreiras de curta duração para graduação; instituiu um ciclo geral nos currículos universitários e estabeleceu a matrícula por disciplinas em forma de créditos; implementou o sistema de pós-graduação para formar cientistas e professores; extinguiu a cátedra e incorporou os departamentos como forma de organização das instituições; criou a carreira docente baseada nos títulos e méritos e determinou o princípio da dedicação exclusiva (CUNHA, 1983).

Assim, a Reforma Universitária se apropriou de algumas reivindicações dos estudantes na década anterior, mas sua lógica foi estabelecida de acordo com o modelo socioeconômico do governo militar, que precisava ampliar o acesso ao ensino superior.

O ensino superior tornou-se, assim, uma relevante estratégia de reprodução e ampliação da classe média, importante mercado consumidor no modelo de desenvolvimento econômico associado ao capital internacional e fonte de legitimidade do regime militar-autoritário (SILVA JR.; SGUISSARDI, 1999). A expansão do ensino superior foi muito acelerada na década de 1970, conforme podemos observar na figura 2.

Ano	Matrículas
1968	278.295
1971	561.397
1977	1.159.046
1980	1.377.286

Figura 2 – Matrículas nas Instituições de Ensino Superior
Fonte: INEP/MEC, 2000.

A expansão quantitativa do ensino superior também é considerada digna de nota por Boas (2004), que observa a criação de 267 novas Instituições de Ensino Superior (IES), no período de 1960 a 1967, das quais a maioria era privada. As matrículas somavam 180 mil, sendo que 82 mil desse montante pertenciam às IES particulares (BOAS, 2004).

Nota-se que, a partir da década de 60, houve um processo de privatização sem precedentes no ensino do país, caracterizando a educação como um grande negócio, desresponsabilizando o Estado de seu dever de oferta de vagas, destinando verba pública para a iniciativa privada – posicionamento que tem continuidade nas décadas seguintes.

O perfil do aluno no ensino superior privado, ao longo da década de 70, inclui, além de "jovens recém-egressos do curso secundário, pessoas mais velhas, já empregadas, que não tinham oportunidade de estudar e que viam no ensino superior uma possibilidade de melhoria no mercado ocupacional" (SAMPAIO, 2000, p. 63).

Outra característica marcante desse período é que a privatização, no ensino superior, ocorria para além das atividades de graduação, com as instituições de ensino voltando-se para as especializações e para as atividades de atendimento

sociais, isto é, pelas vias “extensionistas”. Segundo o documento do INEP/MEC (2000), como grande parte do setor privado dependia dos subsídios governamentais, seu alcance ultrapassou as fronteiras do sistema público federal, atingindo as instituições privadas, que procuraram adaptar-se a algumas de suas orientações.

Percebe-se, portanto, que a participação de setores privados na educação superior continuou em crescente desenvolvimento, apesar de haver enfrentado dificuldades em alguns momentos com as matrículas, pois tais setores adequavam suas formas de atuação e desenvolvimento institucional, garantidos pelas várias ondas decorrentes da Reforma Universitária de 1968 e pelo modo como o modelo de diversificação institucional fora nela assegurado.

A Reforma Universitária preconizava que o Ensino Superior deveria ser ministrado em universidades e, excepcionalmente, em estabelecimentos isolados, organizados como instituições de direito público ou privado. As universidades deveriam oferecer ensino, pesquisa e extensão. No entanto, o que ocorreu, na década de 1970, foi a expansão do sistema de ensino superior, em função do aumento do número de instituições privadas e de estabelecimentos isolados (FIGUEIREDO, 2005).

Essa expansão do sistema ocorreu com a aquiescência do governo e, no ano de 1980, mais da metade dos alunos do ensino superior estava matriculada em estabelecimentos isolados, sendo a grande maioria em faculdades privadas, como podemos observar na figura a seguir (INEP/MEC, 2000).

Anos	Total Geral	Universidades					Federações e Integradas				Estabelecimentos Isolados				
		Total	Federal	Estadual	Municipal	Particular	Total	Estadual	Municipal	Particular	Total	Federal	Estadual	Municipal	Particular
1980	882	65	34	9	2	20	20	1	-	19	797	22	43	89	643
1981	876	65	34	9	2	20	49	1	1	47	762	18	68	126	550
1982	873	67	35	10	2	20	51	-	2	49	755	18	70	122	545
1983	861	67	35	10	2	20	57	-	1	56	737	18	69	111	539
1984	847	67	35	10	2	20	59	-	1	58	721	18	64	108	531
1985	859	68	35	11	2	20	59	-	1	58	732	18	64	102	548
1986	855	76	35	11	3	27	65	-	2	63	714	18	79	115	502
1987	853	82	35	14	4	29	66	-	-	66	705	19	69	99	518
1988	871	83	35	15	2	31	67	-	1	66	721	19	72	89	541
1989	902	93	35	16	3	39	64	-	-	64	745	19	68	79	579
1990	918	95	36	16	3	40	74	-	-	74	749	19	67	81	582
1991	893	99	37	19	3	40	85	-	3	82	709	19	63	78	549
1992	893	106	37	19	4	46	84	-	3	81	703	20	63	81	539
1993	873	114	37	20	4	53	88	-	3	85	671	20	57	80	514
1994	851	127	39	25	4	59	87	-	3	84	637	18	48	81	490
1995	894	135	39	27	6	63	111	5	5	101	648	18	44	66	520
1996	922	136	39	27	6	64	143	4	7	132	643	18	43	67	515
1997	900	150	39	30	8	73	91	-	1	90	659	17	44	72	526
1998	973	153	39	30	8	76	93	-	-	93	727	18	44	70	595

Figura 3 – Evolução do Número de Instituições, por Natureza e Dependência Administrativa
Brasil – 1980-98
Fonte: Inep/MEC, 2000.

A figura mostra que nos anos de 1980 e 1990 do século XX, foram criadas, majoritariamente, unidades de ensino superior, de caráter privado no Brasil.

O Instituto de Ensino Superior (uma entidade privada de ensino), do qual se originou a Universidade São Francisco, foi criado no auge da Ditadura Militar em 1969 e era o mantenedor das Faculdades de Bragança Paulista.

Em 1975, em meio a uma crise financeira, estas faculdades passaram para a administração dos franciscanos e, segundo a mitologia franciscana, por ação de um grupo de frades empreendedores, que perceberam a potencialidade de atuar no ensino superior.

O regime autoritário era enfático na política educacional ao fixar uma instrumentalidade à vida acadêmica, pois a modernização das atividades de ensino e pesquisa deveria estar atrelada às demandas do campo econômico, o qual passava por um processo de reestruturação. Segundo Silva e Sguissardi (1999, p.183) nesse período:

> Duas formas de privatização são postas em prática: a direita, pelo implemento e subvenção, com dinheiro público, a criação mais ou menos indiscriminada de instituições de ensino superior privadas; a indireta, através da criação de fundações de direito público ou privado, numa tentativa de o Estado desobrigar-se, do ponto de vista econômico-financeiro, da manutenção do Ensino Superior e aumentar o seu poder de intervenção nos termos citados.

Em fevereiro de 1984, o Conselho Federal de Educação aprovou a Carta-Consulta para Reconhecimento da Universidade São Francisco[5], demonstrando ao Conselho Federal de Educação (CFE) que a instituição tinha as condições patrimoniais, administrativas, financeiras, acadêmicas e comunitárias para ser Universidade. Em seguida, a Universidade elaborou o seu Estatuto, Regimento, Plano de Carreira Docente e seu Modelo Organizacional. Ao final dessa etapa, ocorreu o reconhecimento da Universidade São Francisco, pela Portaria de Reconhecimento nº 821, de 24 de outubro de 1985. O Ministério da Educação, usando da competência que lhe foi delegada pelo Decreto nº 83.857, de 15 de agosto de 1979, e tendo em vista o Parecer do CFE nº 629/85, conforme consta no processo nº 23001.001105/85-06 do Ministério da Educação, concede o reconhecimento à Universidade São Francisco – USF[6].

1.2 Os Franciscanos no Ensino Superior do Brasil

Para os frades franciscanos, a formação intelectual confunde-se com as origens da própria Ordem, fundada no início do século XII, tendo a sua frente Francisco de Assis. Ao longo dos séculos, em todos os países em que se fizeram

[5] Conforme Resolução nº 3/83 e Portaria CFE nº 11/73 foi enviado o Parecer nº 95/84, aprovado em 16 de fevereiro de 1984. Processo nº 1.241/72 publicado na *Documenta* nº 278, de fevereiro de 1984, páginas 66-71.

[6] Foi publicado no Diário Oficial da União, de 30 de outubro de 1985, página 15.824. Dom Serafim de Araújo Fernandes emitiu seu parecer conclusivo ao relatar o Processo de Reconhecimento da Universidade com as seguintes palavras: O reconhecimento da Universidade São Francisco restaura, em maior plenitude, a Universidade de Santo Antônio do Rio de Janeiro, aprovado pelo Alvará Régio de 11 de junho de 1776, e vem coroar a presença institucional da Ordem Franciscana no contexto do ensino superior no Brasil, consolidando e complementando as atividades educacionais e culturais que esta, a Ordem Franciscana, por seus membros, exerce no presente, e as que desenvolveram no passado, desde o século XIII, no Ocidente e no Oriente, e no Brasil, desde quando o franciscano e desembargador Frei Henrique Soares de Coimbra e seus oito companheiros, com Pedro Álvares Cabral, lançaram âncoras em Porto Seguro, e, precisamente a 1° de maio de 1500, celebraram a Primeira Missa em terra firme do Continente, assinalando com a marca franciscana o nascimento da Nação Brasileira e sua Tradição Cultural.

presentes, os franciscanos mantiveram e cultivaram a formação acadêmica. Muitos deles foram professores de universidades como Paris e Oxford [7].

Constam dos relatos históricos franciscanos, a maioria das vezes narrados por membros da própria Ordem religiosa, que, desde a chegada dos franciscanos à colônia brasileira, sempre houve preocupação com a formação, teológica, moral e intelectual de seus membros, e foram muitas as criações de conventos com tal finalidade (MIRANDA, 1969).

Por isso, desde a colonização, os franciscanos trabalharam entre os índios tanto na catequese quanto na formação de membros da Ordem e na educação de leigos. No final do século XVI, fundaram, na Bahia, um internato para meninos índios, além de aldeias em outras localidades nordestinas e uma no Espírito Santo. Nos conventos fundados no século XVIII, no Norte e no Sudeste, há registro de aulas de alfabetização e de gramática latina. Foram também ampliadas as atividades pelo extremo Sul do Brasil, e, em 1776, o Convento Santo Antônio do Rio de Janeiro foi elevado à categoria de Universidade[8].

Com as atividades do que se denominava, na época, Universidade, foi sediada a nova Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, e os franciscanos passaram a manter o seminário de estudos filosóficos e teológicos, que catequizava índios, mediante missões volantes e fixas, no ensino elementar ministrado pelos padres, nas escolas gratuitas dos conventos do interior, na pastoral entre os escravos africanos dos portos e das fazendas, nas jornadas missionárias das zonas auríferas de Minas Gerais e Goiás, para a pacificação dos mineradores.

---

[7] No século XIII, os franciscanos já ocupavam as cátedras nas universidades medievais e casas de estudo da Europa. Dentre eles: **Boaventura de Bagnoregio**: filósofo e teólogo escolástico medieval. Em 1243 entrou na OFM, tornando-se ministro da Ordem, em 1257, e também cardeal de Albano. Foi canonizado em 1482 e declarado Doutor da Igreja em 1588; **Guilherme de Ockham:** filósofo medieval entrou para a Ordem em 1300, estudou e ensinou filosofia na Universidade de Oxford; **João Duns Scotus:** filósofo e teólogo da tradição escolástica. Foi beatificado em 20 de março de 1993, durante o pontificado de João Paulo I; **Raimundo Lúlio:** escritor, filósofo, poeta, missionário e teólogo da língua catalã. Provavelmente, pertenceu à Ordem Terceira dos Frades Menores; **Roger Bacon**: filósofo inglês que descreve o método científico como um ciclo repetido de observação, hipótese, experimentação e necessidade de verificação independente.

[8] O Convento de Santo Antônio do Largo Carioca, no Rio de Janeiro, teve sua pedra fundamental colocada no dia 4 de junho de 1608, pelo franciscano Frei Vicente Salvador, que escreveu o livro *História do Brasil,* dividido em cinco livros, onde narra o *modus vivendi* na Colônia, episódios conhecidos de seus primeiros governadores, bem como anedotas, o modo de falar e de viver nas terras ainda tão novas. Já Frei Mariano Veloso, estudioso da Botânica Brasileira, classificou estampas de plantas desenhadas por Frei Francisco Solano Benjamim. Frei Tomás Borgmeier, tido como um dos maiores entomólogos do mundo. Frei Francisco Sampaio foi conselheiro político de Dom Pedro I, autor do *Discurso do Fico* e do esboço da Primeira Constituição do Império brasileiro e Frei Antônio da Arrábida que foi professor de D. Pedro I e, mais tarde, professor de suas filhas.

Ainda em 1776, no âmbito das reformas iluministas pombalinas e por meio de um Alvará Régio, foram criadas as cadeiras de teologia dogmática, história eclesiástica e línguas (grego, hebraico, francês e inglês). Assim, o Convento Santo Antônio – que era frequentado por membros da Ordem, membros do clero secular e estudantes leigos – foi uma das primeiras instituições de ensino brasileira a oferecer estudos superiores completos (VEIGA, 2007).

Há, na literatura especializada, uma prevalência de trabalhos que versam sobre os jesuítas em relação aos franciscanos, como sinaliza Sangenis (2004, p.74)

> A presença dos franciscanos na educação brasileira é um tema quase intocado. Para vir à lume, há que se juntar pedaços, reconstituir fragmentos, identificar e valorizar indícios considerados secundários, reler documentos e fontes sob nova perspectiva, estabelecer conexões entre acontecimentos nacionais e supranacionais. A ação educacional e missionária dos franciscanos, resistindo a tantas intempéries, permeou quinhentos anos de história ininterrupta. Seu esforço de educar os filhos da terra e os que aqui chegaram, através da catequese, da criação de escolas nos seus diversos níveis, bem como sua dedicação às ciências e às letras, foram marcados por uma forte empatia com o povo, cujos interesses e aspirações comungaram. Indissociavelmente vinculado à formação das nossas gentes, o franciscanismo é parte da alma do Brasil.

Feitas as ressalvas, por se tratar de um texto eminentemente celebrativo da memória franciscana, ao estudar a história do franciscanismo no Brasil, são expressivas as referências de uma ação educativa (além da ação de conversão cristã) por parte da Ordem de São Francisco de Assis. Porém, ressalto que houve um período de rivalidade entre os franciscanos portugueses e brasileiros, que o Vaticano conciliou com a Lei da Alternativa de 1721 a 1828, tendo como objetivo uma distribuição dos principais cargos da Província entre os dois grupos de frades. Porém, em 1764, o Marquês de Pombal baixou uma lei proibindo a recepção de novos membros nas ordens religiosas do Brasil, a qual perdurou até por volta de 1891 (MIRANDA, 1969).

Em 1777, com a queda de Pombal e a subida ao trono português de D. Maria I, foi possível, aos franciscanos, receberem novamente membros na Ordem, com a ressalva de que as permissões dependeriam da boa ou má vontade do Governo. O auge das medidas contra as ordens religiosas aconteceu com um decreto do Ministério da Justiça do Império (19/05/1855), proibindo irrestritamente a recepção de noviços em todas as ordens religiosas no Brasil. Os franciscanos foram,

obviamente, atingidos. Na época os frades responsáveis pelas Províncias eram: Frei Antônio de São Camilo de Lellis (no Norte) e Frei João do Amor Divino (no Sul) [9].

Ao longo do Império, como já pontuamos, todas as ordens religiosas foram impedidas de acolher noviços, e, somente quando o arcebispo da Bahia, Dom Luís Antônio dos Santos, defendeu, após a Abolição (1888), que era necessário catequizar os índios, o governo permitiu que alguns conventos fossem repovoados com religiosos estrangeiros. Contudo, os frades missionários só chegariam em 1891, com o advento da República brasileira.

Diante do novo regime do governo, que ainda inspirava tanto instabilidade política como jurídica, os franciscanos alemães ficaram receosos de vir para o Brasil. O Decreto Federal de 07/01/1890 extinguiu o padroado[10] com todas as suas instituições, seus recursos e suas prerrogativas, estabelecendo a liberdade de cultos no Brasil, ou seja, determinou a separação entre igreja e poder civil. A partir daí, o catolicismo deixou de ser a religião oficial e o Estado passou a ser considerado leigo – fato que implicou a revogação da Circular de 19/05/1855, de Nabuco de Araújo, Ministro da Justiça, a qual proibia a entrada de noviços, possibilitando, com isso, que os franciscanos voltassem às suas ações.

Em decorrência de tais fatos, no ano de 1891, os frades alemães dirigiram-se para o Estado de Santa Catarina, dando, assim, início a uma nova fase de sua presença no Brasil. Eles adotaram um novo modelo de atuação instalado pela Província da Imaculada Conceição do Brasil, ou seja, nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, marcado por iniciativas destinadas à criação de conventos, paróquias e escolas em diferentes comunidades.

Percebe-se que, apesar do esboço de atuação no ensino universitário, ainda no período colonial, as crises políticas e as dificuldades de manutenção da Ordem Franciscana no Brasil imperial, fizeram com que suas ações educativas, ao serem

[9] Frei João do Amor Divino: na Província da Imaculada Conceição ocupou quase todos os cargos e ofícios: mestre de noviços, guardião, definidor, secretário da Província, procurador geral, custódio. Com a morte do Provincial Frei Antônio do Coração de Maria e Almeida, ocorrida a 19 de junho de 1870, quatro, dos seis sobreviventes da Província o elegeram Vigário Provincial, em 02 de julho de 1870. Ocupou este cargo durante 39 anos.

[10] O padroado foi criado através de um tratado entre a Igreja Católica e os Reinos de Portugal e de Espanha. A Igreja delegava aos monarcas destes reinos ibéricos a administração e organização da Igreja Católica em seus domínios. O rei mandava construir igrejas, nomeava os padres e os bispos, sendo esses depois aprovados pelo Papa. Assim, a estrutura do Reino de Portugal e de Espanha tinha não só uma dimensão político-administrativa, mas também religiosa. Com a criação do padroado, muitas das atividades características da Igreja Católica eram, na verdade, funções do poder político.

retomadas, no final do século XIX, tivessem nova conotação, muito mais voltada para a educação catequética e para a fundação de escolas, ficando a atuação franciscana no sistema superior de ensino reduzida a um segundo plano.

No início do período republicano, além de estabelecerem novos conventos, os franciscanos criaram escolas, uma vez que os tempos eram outros e requeriam novas estratégias de ação e novos métodos de atuação, que viabilizassem a sobrevivência e a permanência da Ordem Franciscana no país (MIRANDA, 1969).

Realizando as buscas sobre os franciscanos no período republicano, percebi o esforço da Ordem em sua reestruturação, assim como na manutenção conventual. Como ordem religiosa, além das questões políticas que orientavam a ação dos franciscanos na educação, havia também as próprias orientações da Igreja Católica, que procurava manter sua influência no setor educacional.

Por ocasião do Concílio Vaticano II (1962-1965), o Papa Paulo VI, na Declaração sobre a Educação Cristã, *Gravissimum Educationis* [11], deu o tom das nuanças que orientariam a atuação da Igreja Católica, nas décadas de 1960 e 1970, em relação ao campo educacional, ao propor a

> [...] importância da educação na vida do homem e a sua influência cada vez maior no progresso social do nosso tempo [...]. Na verdade, a educação dos jovens, e até uma certa formação continuada dos adultos torna-se, nas circunstâncias actuais, não só mais fácil mas também mais urgente. Com efeito, os homens, mais plenamente conscientes da própria dignidade e do próprio dever, anseiam por tomar parte cada vez mais activamente na vida social, sobretudo, na vida económica e política [...].

Esse documento, ao abordar as faculdades e universidades, principalmente as que estão sob a responsabilidade e o controle de instituições religiosas, expõe, também, a preocupação em formar pessoas capazes de ocupar cargos de destaque na sociedade e influenciá-la de acordo com a visão cristã de mundo.

[11] *Gravissimum Educationes.* Declaração sobre a Educação Cristã. Disponível em: http://www.vatican.va. Acesso em: 20 abr. 2009.

> A Igreja acompanha igualmente, com zelosa solicitude, as escolas de nível superior, sobretudo as Universidades e as Faculdades. Mais ainda naquelas que dela dependem, procura de modo orgânico que cada disciplina seja de tal modo cultivada com princípios próprios, método próprio e liberdade própria da investigação científica, que se consiga uma inteligência cada vez mais profunda dela, e, consideradas cuidadosamente as questões e as investigações atuais, se veja mais profundamente como a fé e a razão conspiram para a verdade única, segundo as pisadas dos doutores da Igreja, mormente de S. Tomás de Aquino. E assim se consiga a presença pública, estável e universal da mentalidade cristã em todo o esforço de promoção da cultura superior, e que os alunos destas instituições se façam homens verdadeiramente notáveis pela doutrina, preparados para aceitar os mais importantes cargos na sociedade e ser testemunhas da fé no mundo. (*GRAVISSIMUM EDUCATIONIS*, 1965)

Portanto, o fato de ser a educação, principalmente a educação formal por meio da instituição escolar, um dos principais mecanismos de divulgação, de contestação ou defesa de um conjunto de ideias, leva a Igreja e também o Estado a se preocuparem em influenciar os mecanismos, as fórmulas e a própria estrutura da educação.

No marco, portanto, da privatização do Ensino Superior e das decisões pontifícias de incentivo da presença dos religiosos católicos na oferta do ensino superior, além do próprio contato com a memória franciscana de uma atuação, em momentos anteriores da história da Ordem, neste nível de ensino, é que encontramos a configuração da Universidade São Francisco, com sede em Bragança Paulista, SP, no ano de 1985.

O ano de 1985 é o marco simbólico da vitória das forças democráticas brasileiras contra o poder do arbítrio militar, que já ultrapassava duas décadas. A luta da resistência democrática se travara desde a implantação da ditadura, em 1964, e, durante os governos militares, muitas políticas inspiradas na globalização foram formuladas, inseridas e implementadas sob o silêncio da nação amordaçada. É no fortalecimento do Estado autoritário, na consolidação da internacionalização da economia brasileira no interior do capitalismo, que se localiza o esforço de privatização do Ensino Superior, sem que o Estado perdesse o controle político e administrativo sobre ele (SILVA JÚNIOR; SGUISSARDI, 1999).

Assim, a inserção institucional da Ordem Franciscana no Ensino Superior no Brasil foi consolidada em 1985, o que complementou as atividades educacionais e culturais dos franciscanos. Segundo Ribeiro (2002, p. 161):

> Vale dizer que, no final dos anos [19]80, em razão do artigo 207 da nova Constituição Federal, que estabeleceu a autonomia didática, administrativa e financeira para as universidades, houve, por parte das instituições privadas, um intenso movimento no sentido de ampliarem seu porte para pleitear a condição universitária.

A partir desse artigo inserido na Constituição Federal, percebe-se a adoção de uma estratégia de autorregulamentação apresentada para a educação superior, enfatizando a autonomia e a autogestão para as novas instituições.

Em março de 1985, a Comissão Nacional Para a Reformulação da Educação Superior (CNRES) foi criada no MEC. Essa comissão produziu um relatório, divulgado no mesmo ano, que pode ser considerado o único texto do MEC com algum impacto sobre o sistema educacional, desde o estudo que tratou da proposta da Reforma Universitária de 1968. Uma marca da CNRES foi a heterogeneidade de seus membros, o que implicou a ausência de consenso nas questões apresentadas, quase todas elas afinadas com as diretrizes do Ministério da Educação (CUNHA, 1997).

O relatório da CNRES contém muitas das propostas que irão aparecer nas políticas governamentais dos anos de 1990, cujos eixos são a avaliação vinculada à autonomia e o problema da diversificação institucional.

Como desdobramento dos trabalhos da CNRES, foi criado, no início de 1986, o Grupo Executivo para a Reformulação da Educação Superior (GERES), o qual, com base no Relatório daquela Comissão, deveria sistematizar as questões suscitadas, preparando as medidas legais para uma Reforma Universitária. O Grupo afirmava ter promovido vários encontros com entidades representativas da comunidade universitária, e o então presidente da Andes observava que, não obstante a coleta de subsídios junto às entidades, o GERES trabalhava “a portas fechadas”, tendo o MEC mantido o seu relatório em sigilo. Na verdade, em outubro de 1986, num clima de tensão em virtude da deflagração de uma greve nas autarquias é que o Relatório e o anteprojeto, resultantes dos trabalhos do GERES, foram divulgados. O repúdio a esses documentos foi de tal ordem que impediu sua votação no Congresso Nacional, de onde foi retirado (RIBEIRO, 2002).

Evidentemente, as reformas na educação superior, em todo o mundo, a partir de final dos anos 1970, foram condicionadas pelos matizes nacionais e pela correlação de forças que estavam dadas no campo social. No caso brasileiro, a

mobilização em torno da defesa da educação pública e, particularmente, a força do movimento docente do ensino superior conseguiu adiar por um bom tempo a reforma da universidade (RIBEIRO, 2002).

Sendo assim, a Universidade São Francisco surgiu num contexto de efetiva mobilização pela ampliação do ensino superior, bem como inserida num processo de redefinição do que seriam as características dessas instituições.

Esse período caracteriza-se pela recriação do sistema educacional brasileiro que havia sido fragmentado e privatizado durante a ditadura militar. Mesmo com ampla mobilização em defesa do ensino superior público, sabemos, também, que a reforma educacional dos anos de 1990 facilitou a ampliação do sistema privado.

1.3 O Instituto Franciscano de Antropologia (IFAN) e o Ensino Superior

> A religião é, sob muitos aspectos, um dos temas mais complicados para a universidade trabalhar. Muitos dos problemas nasceram da incapacidade de se distinguir adequadamente a prática e o estudo da religião. Esse impasse é criado pela compreensão limitada da religião por parte daqueles que a defendem e também dos que a criticam [...] a religião não é só o que acontece nas igrejas, nos templos e mesquitas. Há uma dimensão religiosa em toda cultura [...] É importante expandir nosso conhecimento sobre a religião de forma a nos permitir determinar exatamente a sua influência na chamada cultura secular[12] (TAYLOR, 2006).

A criação do Instituto Franciscano de Antropologia (IFAN) pelo Conselho de Administração Superior (CAS) das então Faculdades Franciscanas ocorreu em 04 de maio de 1984. De acordo com a 4ª Resolução tomada por esse Conselho, o IFAN teria por:

> Finalidade desenvolver a pesquisa pura, com vistas a aprofundar e divulgar o conteúdo da mensagem que Francisco de Assis descobriu e viveu elaborada, em termos filosóficos e teológicos pelos mestres pertencentes à assim chamada Escola Franciscana; pesquisa esta que será cotejada com as conquistas científicas modernas, e as novas expressões culturais de nossos dias (INFORMATIVO DAS FACULDADES FRANCISCANAS, 1984).

[12] Mark C. Taylor: professor de religião no Williams College, em Massachusetts e na Universidade de Columbia, em Nova York (EUA). Seu livro *Erring: a Postmodern a theology* tornou-se, desde o seu lançamento, há mais de 20 anos, um clássico da teologia e da filosofia.

De acordo com a Carta-Consulta[13] (04/10/1983) para o reconhecimento da Universidade São Francisco, o IFAN deveria promover suas atividades específicas através de dois Centros de Pesquisa: o Centro de Memória Franciscana (CMF) e o Centro de Memória Regional (CMR), que, atualmente, é o Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade São Francisco.

Portanto, a criação do IFAN foi importante para o reconhecimento da USF porque tal entidade chamou para si a responsabilidade pela pesquisa científica na USF. É necessário pontuar que a Biblioteca, objeto desta pesquisa, localiza-se no IFAN.

O IFAN, por sua vez, expressa não somente uma preocupação dos franciscanos com sua memória e formação, mas representa, também, um dos aparatos que identifica a Instituição de Ensino Superior na qual se insere. Tais ideias podem ser aprofundadas a partir das contribuições teóricas de Miranda[14] e de Sangenis[15], que abordam a atuação dos franciscanos, bem como nas pesquisas desenvolvidas por Frei Eloi Dionísio Piva[16], Frei Altair Anacleto Lorenzetti[17], Frei Sandro Roberto da Costa[18], Frei Cesar Külkamp[19] e Paula Maria de Assis[20], que contribuíram de modo significativo para circunstanciar historicamente como se deu a

[13] Carta-Consulta (04/10/1983, p. 52) sobre as funções e os objetivos da USF: "A Universidade São Francisco de Assis se definirá como uma instituição educacional viva e dinâmica, inserida e comprometida prioritariamente na sua região de abrangência e influência. Será destinada a pesquisar, assimilar, transmitir e aumentar o conhecimento humano, em todas as vertentes e ramos, promovendo e irradiando formas de cultura capazes de estender os horizontes da comunidade em que vive". O CENTRO DE MEMÓRIA FRANCISCANA: constituir-se-á basicamente numa Biblioteca especializada em Franciscanismo, e num Centro em que será guardada toda sorte de documentos históricos e outras expressões artísticas e religiosas da cultura brasileira e latino-americana, que tenham ligação com o movimento sócio-cultural e político-religioso que teve origem em São Francisco de Assis.

[14] MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. **Os franciscanos e a formação do Brasil**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

[15] SANGENIS, Luiz Fernando Conde. **Gênese do pensamento único em educação**: franciscanismo e jesuitismo na educação brasileira. Petrópolis: Vozes, 2006.

[16] PIVA, Elói Dionísio. **Transição Império-República**: desafio para a Igreja no Brasil. Roma: Pontifícia Universidade Gregoriana, 1985. (Tese de doutorado em história eclesiástica)

[17] LORENZETTI, Altair Anacleto. **Romanização do catolicismo e educação no Brasil (1890-1930**). Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná, 1999. (Dissertação de Mestrado em Educação)

[18] COSTA, Sandro Roberto da. **Processo de decadência da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil e tentativas de reformas (1810-1850).** Roma: Pontifícia Universidade Gregoriana, 2000. (Tese de Doutorado em História da Igreja)

[19] KÜLKAMP, César. **Fraternidade em currículo**: uma história do Colégio Bom Jesus Canarinhos em Petrópolis. Rio de Janeiro: Universidade Estadual do Rio de Janeiro, 2000. (Dissertação de Mestrado em Educação)

[20] ASSIS, Paula Maria de**. A concepção de educação na Revista Vozes durante os debates da LBD (1956-1965):** o período de Frei Aurélio Stulzer. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008. (Dissertação de Mestrado em Educação)

presença desses frades na história brasileira. Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não existe memória espontânea e de acordo com Nora (1993, p. 13)

> Que é preciso criar arquivos, que é preciso manter os aniversários, organizar as celebrações, pronunciar as honras fúnebres, estabelecer contratos, porque estas operações não são naturais. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento de história, mas que lhe são devolvidos.

Nesse contexto, a USF criou o IFAN, em 1984, em uma situação oportuna também para a Ordem estimular iniciativas destinadas à formação de teólogos franciscanos e viabilizar sua presença no campo da Educação Superior.

Desde 2004, o IFAN é definido, em seu Regulamento, como o órgão suplementar da Universidade São Francisco, dedicado ao ensino, à pesquisa e à extensão nas áreas do Franciscanismo, Teologia e Ciências da Religião, Estudos Humanísticos e Estudos da Cultura Moderna. Sendo regido pelo Estatuto e pelo Regimento Geral da Universidade São Francisco, e por um Regulamento próprio. Como órgão suplementar responde administrativamente à Reitoria e aos Órgãos de Deliberação Superior da Universidade.

> **Regulamento do IFAN**
> Capítulo I
> **Da definição, finalidade e objetivos**
> **Artigo 3**. Constituem objetivos do IFAN:
> **VI** Contribuir, por meio de suas atividades, para a concretização da Missão e dos Fins da Universidade São Francisco.

O artigo terceiro do regulamento do IFAN permite perceber que os franciscanos procuram legitimar o espaço do Instituto, explicitando suas contribuições para a USF cumprir sua missão, ao enfatizar a importância da atuação dos franciscanos no Ensino Superior.

O primeiro coordenador do IFAN foi Frei Hugo Baggio, nomeado e empossado em 1984[21]. Sua formação superior abrangia Filosofia, Teologia e Línguas. Foi Professor em Seminário e Mestre em Filosofia e Teologia em Petrópolis. Frei Hugo foi um pesquisador com larga experiência editorial em assuntos franciscanos.

[21] Primeiro coordenador do IFAN no período de 1984-1988.

O Instituto Franciscano de Antropologia, sob sua coordenação, com sede em Bragança Paulista, abrangeu uma vasta área de atividades relacionadas à Antropologia. O IFAN promoveu suas atividades por meio de seus dois Centros de Pesquisa: o Centro de Memória Franciscana e o Centro de Memória Regional[22].

Conforme entrevista publicada pelo *Informativo das Faculdades Franciscanas* (1985), Frei Hugo comentou os desdobramentos do IFAN, seus planos, seu funcionamento e sua expansão. Dizendo que:

> O trabalho deve explicitar-se pela elaboração do pensamento dos mestres franciscanos, no campo teológico e filosófico. Será uma pesquisa sempre voltada para o momento histórico.

Visando cumprir uma de suas atividades específicas, o IFAN realizou uma reunião em maio de 1985 em que propôs, para agosto daquele mesmo ano, um seminário sobre Comunidade e Preservação da Memória.

Em agosto de 1985, começou, no Centro de Memória Regional (CMR), a organização de uma "biblioteca de apoio, de autores regionais e sobre assuntos brasileiros" (INFORMATIVO DAS FACULDADES FRANCISCANAS, 1985). Tais materiais podem ser consultados, atualmente, no Centro de Documentação de Apoio à Pesquisa em História da Educação – CDAPH.

Nessa entrevista, Frei Hugo fala de tais desdobramentos dizendo que, em primeiro lugar, é um Centro de Memória Franciscana, e como tal, deveria se ocupar com a presença franciscana, suas realizações e sua influência no Brasil, desde 1500, quando os franciscanos aqui aportaram. Nessa perspectiva, Frei Hugo preocupou-se em identificar, conservar, preservar e acessar acervos, esquecidos em vários locais do Brasil. Ele ressaltou, também, que o IFAN constituiu o Centro de Memória Regional, destinado a fazer o levantamento da história da região, onde se localizava a Universidade, preocupando-se, ainda, com a memória da própria Universidade. "É um esforço para recolher e perpetuar a história da comunidade e sua cultura Regional" (INFORMATIVO DAS FACULDADES FRANCISCANAS, 1985).

[22] Vários artigos e trabalhos publicados sobre o Centro de Memória Regional da USF trazem o ano de 1986 como a data de sua criação, porém, uma de nossas fontes oficiais, o documento publicado no **Informativo das Faculdades Franciscanas** (1984, maio), aponta que o CMR foi criado oficialmente no ano de 1984 pela Resolução aprovada pelo Conselho Superior de Administração da faculdade.

Outro fato marcante da época, no Instituto, foi a presença e a atuação do historiador e professor Francisco César de Araújo, que iniciou suas atividades na USF como Assessor Cultural da Diretoria Comunitária de 1979-1984 e, em seguida, como diretor do Centro de Memória Regional. Para que o CMR pudesse funcionar, Araújo procurou orientação do Programa Nacional de Preservação da Documentação Histórica, do MEC, com o qual, mais tarde, pretendia estabelecer um convênio. Participou, ainda, do Grupo de Estudos de História Regional na Unicamp, no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, liderado pelo professor José Roberto Amaral Lapa (INFORMATIVO DAS FACULDADES FRACISCANAS, 1985; BUENO, 2005).

É possível observar que tais projetos inscreviam-se em iniciativas similares visando à identificação e à preservação de acervos documentais para pesquisas, pois, na Unicamp, o Centro de Memória (CMU) também foi criado em 1985 (DOE em 20-7-1985- Seção I - p. 35), por um grupo de professores, através da Portaria GR-162/85, de 01-07-85, diretamente subordinado à Reitoria [23].

Com relação aos projetos, Baggio dizia que o IFAN pretendia desencadear e agilizar sua finalidade através de vários mecanismos, como simpósios, encontros, reuniões de cunho histórico e científico e publicações na linha da Memória Franciscana, da Memória Regional e da Memória da própria Universidade, o que se concretizou no início da década de 1990 com as publicações *Cadernos do IFAN* (1992) e a coleção *Pensamento Humano e Estudos Franciscanos* (2002).

Ao pesquisar em diferentes fontes documentais, localizei, também, uma matéria intitulada “Resgate da contribuição franciscana”, a qual dizia:

> Os originais latinos das obras dos principais pensadores medievais franciscanos estão sendo trazidos para a língua portuguesa, com o objetivo de rastrear a filosofia, história e diversas ciências contemporâneas da Idade Média e redescobrir a contribuição dos pensadores da Escola Franciscana (INFORMATIVO USF, 1998, p. 6).

A partir dessa informação, fui conduzida ao acervo com a intenção de pesquisar e destacar quais eram as obras que pertenciam a essa ação divulgada em 1998. Foi possível constatar, no acervo da Biblioteca do IFAN, que as obras que foram traduzidas fazem parte da chamada *Coleção Pensamento Franciscano* (1998). O conjunto de textos publicados do autor Guilherme de Ockham mostra o

[23] http://www.centrodememoria.unicamp.br

pensamento bonaventuriano, que unifica duas teorias aparentemente contrárias: o magistério único de Cristo e o conhecimento inato de Deus em suas obras: *Escritos filosófico-teológicos de São Boaventura,* com a tradução de Luís Alberto De Boni e Jeronimo Jerkovic; *Obras políticas,* traduzidas por José Antônio de Camargo Rodrigues de Souza e *Lógica dos termos, traduzido* por Fernando Pio de Almeida Fleck. Outras publicações dessa Coleção que compõem o acervo da Biblioteca do IFAN são: *Obras escolhidas: carta a Clemente IV; A ciência experimental; Os segredos da arte e da natureza,* de autoria de Rogério Bacon com tradução de Jan G. ter Reegen, Luís A. De Boni e Orlando A. Bernardi; *Prólogo da Ordinatio,* de João Duns Scotus, com tradução e apresentação de Roberto Hofmeister Pich*; Oito questões sobre o poder do papa,* de Guilherme de Ockham; *Crônicas de viagem: franciscanos no Extremo Oriente antes de Marco Polo (1245-1330),* de João de Pian del Carpine, Guilherme de Rubruc, João de Montecorvino e Odorico de Pordenone e, por fim, *Escritos antiaverroístas (1309-1311) do nascimento do Menino Jesus, livro da lamentação da filosofia,* de Raimundo Lúlio com tradução de Bernadete Rosson, Sergio Alcides e Ronald Polito.

Outra iniciativa do IFAN foi a organização de um curso, enviado por correio, aos interessados de todo Brasil com o título *Curso por Correspondência sobre o carisma missionário franciscano,* contendo 23 unidades, em que cada uma tratava de um tema relacionado ao Franciscanismo[24].

Para Baggio, era fundamental ter um grupo de colaboradores diretos, pois o projeto e seu desdobramento necessitavam de um grupo de "especialistas" para levar a bom termo o programa.

[24] As unidades abordavam as seguintes temáticas: nº 1 - Uma vanguarda evangelizadora; nº 2 - Os fundamentos bíblicos da missão franciscana; nº3 - A fundamentação trinitária da missão franciscana; nº 4 – Princípio da missão franciscana nas primeiras fontes; nº 5 - O movimento franciscano; nº 6 - Missionários franciscanos no passado; nº 7 - A missão franciscana segundo fontes modernas; nº 8 - Cooperação interfranciscana hoje; nº 9 - A formação missionária no sentido franciscano; nº 10 - Contemplação e missão; nº 11 - O universalismo fundamental de Francisco de Assis proveniente de sua decisão por Jesus Cristo; nº 12 - Fraternidade universal: reconciliação com Deus, o homem e a natureza; nº 13 - Missão franciscana e anúncio da palavra; nº 14 - Empenho franciscano pela paz; nº 15 - A missão permanente dos franciscanos na Igreja; nº 16 - Francisco e a Igreja dos pobres; nº 17 - Teologia da libertação na visão franciscana; nº 18 - Incultação como tarefa franciscana; nº 19 - O diálogo com religiões não-cristãs; nº 20 - Missão franciscana entre os muçulmanos; nº 21 - Franciscanos num mundo secularizado; nº 22 - Atitude franciscana frente ao marxismo e nº 23 - Interpelação franciscana à ciência e à técnica.

> Com o tempo precisarei de outros auxiliares, como bibliotecário, arquivista, etc., pois o Instituto é um organismo autônomo e deverá estruturar-se buscando suas finalidades. Nesta época fazia parte do grupo um assessor em tempo integral, dedicado à Memória Regional, e com uma secretária em meio expediente (INFORMATIVO DAS FACULDADES FRANCISCANAS, 1986).

Figura 4 – Espaço de trabalho do IFAN

Fonte: *Informativo das Faculdades Franciscanas*, 1986, 3 (32) abril.
Frei Hugo Baggio – Diretor do IFAN (sentado à esquerda, de óculos)
Francisco C. Araújo – Assessor CMR (sentado à direita)
Secretária em pé (nos documentos pesquisados não consta o nome desta colaboradora).

Baggio pensava a expansão do Instituto aclarando e fundamentando melhor o objetivo de sua atuação: a educação para a Paz, na inspiração de São Francisco. Preservar a memória da Universidade, cuidar para que sua história não fosse um arquivo morto era uma de suas metas. Outra tarefa era a de colaborar com o Franciscanismo no Brasil, não apenas no estudo da influência dos franciscanos na História do Brasil, mas oferecendo subsídios que ampliassem tal influência. “Os trabalhos e pesquisas, aqui produzidos serão matéria-prima para estudos, teses, etc.” (INFORMATIVO DAS FACULDADES FRANCISCANAS, 1986). Além disso, com o estudo da Memória Regional esperava:

> Ajudar a Região a redescobrir seu passado e entregar-se mais conscientemente a uma ação, onde a atividade seja sempre mais consciente e o povo não se contente com "escrever" a história, mas se preocupe com "fazê-la" (INFORMATIVO DAS FACULDADES FRANCISCANAS, 1986).

No *Informativo das Faculdades Franciscanas* (1985), o IFAN divulga, como uma das primeiras atividades do CMR, os contatos com organismos congêneres, pessoas e entidades, destacando que, em abril de 1985, o CMR marcou presença no Encontro Regional de Arquivos Privados, criado com o objetivo de traçar uma Política Nacional de Arquivos, além de promover o intercâmbio de informações e experiências. Em junho, participou do I Encontro Nacional de Arquivos Privados em Curitiba-PR. Porém, foi na visita ao Arquivo Histórico Regional da Universidade Federal de São Carlos, que obteve vários subsídios importantes, principalmente no que diz respeito a convênios para a custódia de documentos públicos, sua classificação, catalogação, restauração e colocação em condições de acessibilidade à pesquisa formalizada.

Nessa época iniciou-se, de forma modesta, uma coleção de autores regionais e sobre assuntos brasileiros, a qual deu suporte à origem do CMR. E, em 1989, o CMR do IFAN firmou convênio com o Poder Judiciário local, razão pela qual recebeu todo o acervo documental do Fórum de Bragança Paulista. Os documentos datavam de 1750 a 1950 e são de significativo valor do ponto de vista do patrimônio historiográfico (INFORMATIVO, 1989).

Frei Agostinho Salvador Piccolo foi o segundo coordenador do IFAN no período de 1989-1991, retornando em meados de 2001 até 2009. Franciscano da Província da Imaculada Conceição do Brasil, com sede em São Paulo, Frei Agostinho tinha formação em Filosofia e Teologia pelos Institutos da Província, e obteve Licenciatura em Letras Neolatinas pela Universidade de São Paulo (USP). Discípulo dos franciscanólogos Kajetan Esser e Fernando Uribe, concluiu mestrado em Espiritualidade Franciscana no Pontifício Ateneu Antonianum, de Roma (PICCOLO, 2005). Em sua gestão ocorreu o primeiro Simpósio do IFAN (25 a 28 de setembro de 1990) intitulado "*O homem perante o novo milênio*".

Na pesquisa que realizei sobre o acervo que compõe a Biblioteca do IFAN, constatei que ela incorpora uma coleção de obras temáticas, o que pode também garantir uma nova classificação dos conhecimentos, na medida em que ela se mantém (BURKE, 2003). Muitos dos livros que compõem o acervo da Biblioteca do

IFAN referenciam o pensamento, ação e comportamento franciscano. A biblioteca é um dos lugares onde guarda as memórias, pessoais e coletivas e para Colombo (1991, p. 19)

> Gravar e arquivar o nosso passado parece-nos hoje algo de muito necessário, tão indispensável como catalogar cada momento da nossa própria experiência, fotografando as imagens colhidas durante viagens, gravando em vídeos os momentos da vida de nossos filhos ou os programas televisivos que mais nos parecem dignos de serem "conservados", amontoando no computador nossas receitas culinárias e os números de telefone, os gostos dos amigos e o faturamento do último mês.

Nesse sentido, o acervo da biblioteca cumpre um papel importante para salvaguarda da memória dos autores que estão ali representados. O acondicionamento e a preservação dos documentos, bibliotecas e objetos dizem respeito aos passos da criação dos escritores. Muitos dos documentos preservados nesse acervo contêm minúcias do ato de escrever e do cotidiano desses autores, e, sobretudo, contam a história de uma época.

Apesar de os frades franciscanos sempre enfatizarem a doutrina de Francisco de Assis como o elemento essencial de sua formação intelectual, moral e teológica, a leitura do acervo, desde sua constituição inicial, evidencia outra forma de perceber esta biblioteca, que corresponde muito mais à preocupação com as questões socais da época. Ademais, a criação de uma coleção específica no acervo de livros, composto por obras que foram recebidas e acolhidas como parte das memórias das casas franciscanas no Brasil e, ao mesmo tempo, que permitiram gerar uma coleção de Obras Raras, acrescentam mais dados sobre a história da biblioteca franciscana.

CAPÍTULO 2

HISTÓRIA DA BIBLIOTECA DO IFAN

> Se as "palavras" só remetem às "coisas" na medida em que assinalam igualmente sua ausência, tanto mais os signos escritos, essas cópias de cópias como diz Platão, são, poderíamos dizer deste modo, o rastro de uma ausência dupla: da palavra pronunciada do fonema e da presença do objeto real que ele significa.
>
> Jeanne Marie Gagnebin[25]

História e memória, apesar das aparentes semelhanças, como se repete insistentemente, diferem (LE GOFF, 2003; NORA, 1993). O substrato de ambas talvez seja igual: o passado. É, em primeiro lugar, a ele, ao passado como temporalidade, que remetem a construção da memória ou a operação histórica. A dissonância entre os dois fazeres, porém, é grande: a memória tecida sobre um determinado evento ou conjunto de eventos dificulta a percepção histórica que se pode ter desses episódios, refaz o itinerário de atribuição de sentidos, constrói um fato oferecendo explicação coerente a episódios na origem desconexos. Constrói-se, assim, a memória histórica que do apelo individual atinge dimensão coletiva. Memória histórica que (re)cria o passado, operando temporalidade como textualidade, fundindo referenciais que estabilizam o presente (PINTO, 1998, p. 206).

A história da biblioteca está atrelada ao registro da informação, sendo complexo separá-la de um contexto mais amplo que seria a própria história do homem. Em Nínive, Iraque (antiga Mesopotâmia), os arqueólogos encontraram cerca de vinte duas mil placas, que ali estavam desde o século XII a.C. A biblioteca mais antiga que se tem notícia pertencia ao Rei Assurbanipal. Entretanto, a biblioteca mais célebre e grandiosa da Antiguidade, foi a de Alexandria, século IV a.C. que chegou a ter cerca de 700.000 volumes. Essas primeiras bibliotecas eram

[25] GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer.** São Paulo: Editora 34, 2006, p. 44.

usadas apenas por sacerdotes e reis, os poucos privilegiados que sabiam ler e escrever. Com o aparecimento da imprensa, e consequentemente, do livro impresso, da Revolução Francesa e da Revolução Industrial, as possibilidade de acesso às bibliotecas foram ampliadas (SILVA; ARAÚJO, 2003; BURKE, 2003; CHARTIER, 1999).

Se, no princípio, os livros dos conventos eram guardados num armário colocado na sacristia ou na própria igreja e, nesse armário, estava a própria biblioteca, durante os primeiros séculos da Idade Média (VII e VIII) houve uma mudança surpreendente na organização de bibliotecas e na atividade bibliotecária. Tais mudanças, inevitavelmente, afetaram a maneira de ler os livros, em decorrência do enriquecimento e da diversificação das coleções particulares, dado o aparecimento de livros menos caros e a multiplicação de materiais.

Para Schwarcz (2002, p. 122),

> A criação da biblioteca ocorre no momento em que a humanidade começa a dominar a escrita, sendo a biblioteca mais antiga, segundo os historiadores, a Biblioteca do Rei Assurbanipal (Séc. VII a.c.), cujo acervo era formado por placas de argila escritas em caracteres cuneiformes (as denominadas Bibliotecas Minerais, por serem constituídas com argila). Seguindo-se as Bibliotecas Vegetais e Animais, constituídas por rolos de papiros e pergaminhos, de que foram exemplo as Bibliotecas dos babilônios, assírios, egípcios, persas e chineses, surgem as Bibliotecas de Papel e Livro, ainda predominantes até os dias de hoje. Acessíveis a toda a população, possuem um caráter intelectual e civil através da especialização em diferentes áreas de conhecimento.

Segundo Battles (2003, p. 86), o "número de livros cresceu drasticamente do século XV ao século XVII, engendrando um misto de excitação e de ansiedade [...]". De fato, a primeira explosão bibliográfica ocorre a partir de 1448, com a imprensa de Gutenberg, que teve relevância intelectual e histórica, como salienta Weitzel (2002, p. 62):

> A importância histórica da invenção da imprensa reside em dois fatos: primeiro, a promoção da laicização do conhecimento com a quebra do monopólio da informação, restrita, antes, aos mosteiros e aos castelos da nobreza; e, em seguida, como consequência, a possibilidade de aumentar o alcance das descobertas científicas e dos tratados filosóficos através das publicações de cunho científico.

Tal processo de ampla circulação de ideias, garantida pela imprensa, resultou tanto na ampliação da publicação de obras entre religiosos quanto na formação e ampliação de bibliotecas. Com as vantagens que a disseminação do conhecimento e

a emergência da indústria editorial trouxeram, surge também uma nova preocupação, a de preservar e conservar o acervo bibliográfico para gerações futuras, tomando o cuidado para que estas tenham acesso a um material de qualidade, similar ao seu original (BURKE, 2003).

As bibliotecas são símbolos de poder e de prestígio, carregam dons e possibilitam viajar no tempo e no espaço. Ao evadir-se de Portugal, D. João não esqueceu a biblioteca − que veio em três viagens sucessivas −, assim como D. Pedro I não abriu mão das obras e do lustro que elas garantiam: nada como iniciar uma história autônoma tendo uma biblioteca para assegurar um passado e conferir erudição a um país recém-emancipado (SCHWARCZ, 2002, p. 123).

É possível dar sentido à biblioteca através de uma longa viagem ao mundo da cultura e do saber, pois como podemos entrar em uma biblioteca sem imaginar o que este espaço significa. O que está depositado em uma biblioteca? O registro de uma sociedade, de um tempo. Para Le Goff (2003, p. 419) “A apreensão da memória depende do ambiente social e político: trata-se da aquisição de regras de retórica e também da posse de imagens e textos de apropriação do tempo”.

De acordo com Battles (2003, p. 15), “[...] cada tipo de biblioteca incorpora uma certa concepção a respeito da natureza dos livros, na medida em que favorece determinadas funções sociais, culturais ou místicas.”

Nesta perspectiva vou ao encontro do pensamento de Le Goff (2003) que o documento é monumento. Sendo assim, um monumento é em primeiro lugar uma roupagem, uma aparência enganadora, uma montagem. É necessário, portanto, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos documentos-monumentos.

Os frades franciscanos zelam pelo constante aprimoramento intelectual de seus membros, por isso, em cada casa franciscana, há sempre uma biblioteca e um frade que, como bibliotecário, cuida da manutenção, preservação e das novas aquisições. Por que em toda casa franciscana há uma biblioteca e um frade que cuida deste lugar?

É possível constatar isso já no Capítulo[26] de 12 de outubro de 1811, há dois séculos, quando se concluíram, por antecipação, os estudos teológicos no Rio de Janeiro.

> A norma e obrigação estatutária sobre o cuidado com os livros e inventário dos mesmos, aquisição dos que eram necessários, e obrigação do Guardião de colocar 6 tomos durante o período de seu mandato, são, identicamente, outras referências explícitas em atas capitulares, pois preocupavam-se de que forma os futuros franciscanos poderiam continuar a história, se não deixarem os ganchos onde amarrar a continuidade (MIRANDA, 1969, p. 263).

Nesse sentido, a biblioteca, para os franciscanos, era e é um lugar de memória da Ordem. Nesse sentido, para Nora (1993) os *lugares de memória* são espaços socialmente produzidos para que as lembranças de determinados grupos sociais pudessem sobreviver ao tempo e, fundamentalmente, a um tempo (como é o nosso) em que tudo parece fugaz e efêmero. Essa preocupação com a fugacidade do tempo é tão central para o autor que ele afirma: "se ela [a memória] não estivesse ameaçava não se teria a necessidade de construí-los [os lugares de memória]", ou seja,

> Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos (NORA, 1993, p. 7).

Sendo assim na trajetória desta pesquisa, uma das linhas de investigação que privilegiei foi a análise de obras e de documentos que me permitiram rastrear as histórias e memórias da formação da Biblioteca do IFAN na Universidade São Francisco, pois [...] a utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para estar interposta, quer nos outros, quer nas bibliotecas". (Le Goff, 2003, p. 421).

[26] Forma encontrada pelos Institutos de vida religiosa, como assembleia institucionalizada, reunindo os membros convocados em seus diferentes níveis, para abordar questões relacionadas com a forma de vida professada. Conforme as constituições gerais dos franciscanos no Art. 215, Parágrafo1º**.** Compete ao Capítulo provincial analisar o estado atual da vida e atividade dos irmãos da Província, procurar e propor meios oportunos para seu crescimento e emenda, deliberar e, de comum acordo, tomar decisões sobre novas iniciativas e assuntos de maior importância, bem como realizar as eleições. Parágrafo 2º**.** Compete ao Capítulo provincial elaborar os Estatutos particulares da Província, os quais, no entanto, necessitam da aprovação do Definitório geral; os outros Estatutos peculiares da Província são elaborados pelo Capítulo provincial com autoridade própria.

É nesse sentido que se entende que as bibliotecas são locais de memória e preservam a memória social. Como mostra os exemplos citados por Burke (2005, p. 87-90), em uma cultura impregnada pelas escrituras, portanto pelos livros, as memórias coletivas ou individuais são moldadas por outras histórias particulares ou de grupos, que ficam no registro da memória social. Esses seriam alguns indicativos dos efeitos dos livros na sociedade escrita no que se refere à memória social, embora Burke sinalize, também, que a memória não seja transmitida ou moldada apenas pela leitura, mas também pelas experiências vividas e pelas representações que tais escritos podem gerar entre os letrados.

Os franciscanos, conhecido como grupo voltado para a ação e associado à mística religiosa, foi um dos grupos religiosos que se modernizou com a ampliação da imprensa, pois suas ideias e sua doutrina passaram a circular por meio de livros, publicados, principalmente, pela editora Vozes. É notório, para os franciscanos, sua capacidade de produzir uma bibliografia que seja autorreferente e que aluda à sua própria historicidade. A maior parte das fontes pesquisadas são publicações feitas por franciscanos e para franciscanos, fato que, evidentemente, coloca algumas armadilhas para o pesquisador. Daí não ficar sempre claro, pelas fontes consultadas neste trabalho, a separação entre a história narrada e as memórias franciscanas.

A Biblioteca do IFAN recebe da Editora Vozes, no mínimo, um exemplar de todos os volumes lançados sobre os franciscanos. Dentre os primeiros livros mais antigos publicados pela Editora Vozes, os quais constam do acervo da Biblioteca do IFAN estão *A vida e o culto de Santo Antônio* (1906), de Frei Luís Reinke e *Cecília* (1909), de Frei Basílio Röwer e Frei Pedro Sinzig.

Destaco, todavia, que esse fator acabou também sendo um favorecedor para este estudo, uma vez que a Biblioteca do IFAN, composta de livros que valorizam as memórias do franciscanismo, possui um expressivo conjunto de obras publicadas no Brasil no início das atividades da Editora Vozes, em 1901, e que compõe o acervo.

Segundo fontes franciscanas, foi na esteira da criação das escolas, que Frei Ciríaco Hielscher, cofundador e professor da Escola São José, com permissão do Governo da Ordem, comprou uma impressora usada, porque os conteúdos das publicações impressas da época não iam ao encontro dos ideais franciscanos. Essa iniciativa deu origem à Editora Vozes.

A preocupação com o controle da formação intelectual dos alunos e com o conteúdo que deveriam aprender está na base da criação da editora, e, desse período, merecem destaque alguns livros publicados: *O primeiro livro de leitura,* editado pelos professores da Escola Gratuita São José; *A vida e o culto de Santo Antônio*, de Frei Luís Reinke; *Cecília,* de Frei Basílio Röwer; *Breves meditações para todos os dias do anno*, de Frei Pedro Sinzig, e *Manná: o alimento da alma devota*, um livro de orações populares escrito por Frei Ambrósio Johanning (ANDRADES, 2001).

Esta tipografia, que deu origem à Editora Vozes, foi utilizada para imprimir os livros que seriam adotados em diferentes escolas, para além das franciscanas, e outras publicações impressas que circularam amplamente entre diferentes segmentos sociais disseminando ideais, padrões e valores franciscanos. O lucro dessa tipografia serviria de fundos para pagar professores leigos que, porventura, trabalhassem com crianças – fato que me permitiu compreender um pouco melhor não somente esse Instituto, mas também as características principais dessa biblioteca especializada (FIGUEIREDO, 1979).

As obras recentes da Editora Vozes que vieram a compor o acervo da Biblioteca do IFAN sobre franciscanismo são: *Província da Imaculada Conceição do Brasil e seu plano de evangelização* (2003), *O Franciscanismo e a Santíssima Trindade,* (2000), *Meu Deus e meu tudo: mensagem de São Francisco de Assis aos fiéis penitentes* (2001), *Estudos e pesquisas sobre o Franciscanismo das origens* (2004), *Fontes Franciscanas e Clariana* (2004), *Evangelização: contribuição franciscana* (2000), *História das Filhas da Caridade da Província do Rio de Janeiro: Brasil 1849-2003* (2006) *e Aniversários e escalação dos frades da Província da Imaculada Conceição do Brasil* (2008).

Essa ligação entre a biblioteca franciscana do IFAN e a Editora Vozes garantiria, como se pode perceber, uma alimentação permanente que visava ao crescimento e à qualificação do acervo. As marcas da identidade franciscana seriam, deste modo, asseguradas pela editora, que colocaria títulos em circulação, e pela valorização desses livros/títulos no espaço específico da pesquisa e da formação intelectual franciscana numa universidade. Todavia, o acervo da biblioteca teve, ainda, outros fatores e ações que, conjugadas, reforçaram o desenvolvimento rápido da biblioteca.

2.1 A gestão da Biblioteca do IFAN no período de 1992-2001

Na gestão da Biblioteca do IFAN, identifiquei como período de ampliação o momento em que constatei um aumento expressivo do acervo dessa biblioteca, decorrente da retomada, com maior vigor, da identificação e seleção de títulos no Sistema de Bibliotecas da USF e das demandas oriundas dos pesquisadores do Instituto. Reconhece-se que, nesse período (de 1992 a 2001), quando Frei Orlando Bernardi atuou como coordenador do IFAN, houve um significativo crescimento e uma maior especialização da biblioteca, constituindo, portanto, o que denominamos uma biblioteca franciscana. Esse crescimento se dá, simultaneamente pela aquisição de novas obras e pela recuperação de uma grande quantidade de livros que se encontravam espalhados por várias casas franciscanas no Brasil e que passaram, também, por um processo de recolha, garimpagem e cuidado.

Foi sob sua gestão, ainda, que se configurou uma coleção de obras raras, originadas do mesmo trabalho de seleção no interior da própria biblioteca franciscana. A coleção de livros raros passou, em 2002, a constituir-se como uma Biblioteca de Obras Raras, segundo o sistema de bibliotecas da Universidade São Francisco, que será apresentado no item 2.1 como um olhar cuidadoso para uma coleção especial e rara.

É importante identificar a figura desse coordenador para entender esta biblioteca, pois sua figura está intimamente associada à sua sobrevivência em momentos de crise, que serão abordados a seguir.

Frei Orlando Bernardi iniciou seus estudos com os Franciscanos, em 1947, aos 14 anos de idade em Rio Negro (PR), passando, a seguir, por Agudos (SP), Curitiba (PR) e Petrópolis (RJ), onde se ordenou sacerdote em 1961. Completou seu currículo com estudos superiores em Roma, defendendo tese sobre Teologia Dogmática, em 1965. Durante 13 anos (1966-1979) foi professor de Teologia em Petrópolis. Nesse ínterim, trabalhou também na Editora Vozes e, na sequência, foi Pároco em Niterói e em Ipanema, no Rio de Janeiro. Atualmente é pesquisador do IFAN (BERNARDI, 2005).

No período em que coordenou o IFAN lançou, em 1992, uma publicação intitulada *Cadernos do IFAN*[27], que eram temáticos e destinados a veicular a produção teórico–científica do Instituto pela publicação das contribuições mais significativas apresentadas em seus seminários, colóquios e semanas de estudos, dando, assim, expressão ao pensamento e à investigação dos pesquisadores ligados às atividades do IFAN e dos demais cursos da USF, utilizados por professores e alunos como instrumentos e provocação de trabalho.

Nessa publicação, o editor, Alberto da Silva Moreira[28], pesquisador do IFAN, almejava que as ideias e os conteúdos vinculados suscitassem e estimulassem maior debate e aprofundamento de tantas questões relevantes para a Ciência, a Filosofia, a Religião e a Sociedade. O APÊNDICE A apresenta a lista de *Cadernos do IFAN* por ano das publicações, com a temática de cada fascículo e os autores dos artigos.

Moreira (1999, p. 14), em seu artigo sobre *São Francisco e os horizontes da modernidade desencantada,* escreve:

> Exatamente nessas paragens conflitivas da pós-modernidade periférica podemos topar com Francisco de Assis. Também ele teve de fazer face à negatividade de um sistema sócio-histórico incorporado em costumes, instituições sociais, ritos e pessoas. Mas como chegar a São Francisco hoje? A primeira grande dificuldade é que dele nos separam camadas grossas de interpretação, domesticação e, sobretudo, de estetização. O São Francisco que a cultura da imagem nos apresenta e tolera é somente aquele dos passarinhos cantando, das fontes borbulhando, do romântico amor pelas flores do campo. Mas Francisco de Assis mesmo quem foi? Com certeza não foi a caricatura em que a projeção dos nossos desejos piedosos o transformou. Na verdade, o caminho de Francisco custou-lhe a abnegação de uma vida, exigiu-lhe o empenho de todas as energias que possuía.

Tendo em vista tais evidências, tomei, também, outra linha de investigação que foi pesquisar a composição do acervo da Biblioteca do IFAN, analisando os títulos, os autores e as editoras que compõem o seu catálogo, assim como os princípios que nortearam a organização desse acervo, o acesso e o perfil de seus leitores, tomando por base que tais livros destinavam-se ao grupo de pesquisadores do IFAN, desde o projeto, idealizado em 1984, que se concretizou vagarosamente no transcorrer da década de 1980 até a atualidade.

[27] *Cadernos do IFAN* 1992-2001, (1-30). ISSN 01042300

[28] Alberto da Silva Moreira é doutor em Teologia pela Westfalische-Wilhelms-Universität de Münster, com pós-doutorado em Ciências da Religião na Faculdade de Teologia Fundamental de Barcelona, e na Nottingham-Trent-University, na Inglaterra. Militante da Teologia da Libertação.

A importância de analisar os itens que compõe o acervo da Biblioteca do IFAN é enfatizada, porque a importância da educação e do aprimoramento intelectual está relacionada às bibliotecas. Tais conclusões não são expressas de maneira tão simples, é necessário investigar os elementos que compõem uma biblioteca (MANGUEL, 2006). Nessa linha de pensamento, considerei que seria possível captar indícios nos documentos privilegiados nesta pesquisa que me permitiriam rastrear as histórias e memórias da Biblioteca do IFAN.

A partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) e com o incentivo das inovações organizadas pela Igreja, os frades sentiram a necessidade de renovar, também, as bibliotecas. Novos livros foram adquiridos em quantidade razoável; na maior parte das bibliotecas franciscanas as estantes estavam lotadas de livros (MIRANDA, 1969).

2.2 Livros para descarte e a recuperação da memória franciscana no Brasil

Nos anos de 1980, iniciou-se, em grande parte dessas bibliotecas, a seleção e o descarte dos livros mais antigos. Foi então que, pelos anos de 1985-1986, Frei Constâncio Nogara[29], reitor da USF, pediu que as Casas não se desfizessem dos livros, mas os enviassem à Universidade. Os livros encaminhados para a USF, em grande quantidade, foram armazenados, sem ordem, em estantes de madeira, inadequadas para guardar livros, e num espaço que foi adaptado para funcionar como setor de seleção, localizado no *campus* de Bragança Paulista.

A área destinada ao setor de seleção correspondia a 470,71m^2, porém não localizamos quaisquer documentos relativos aos volumes e às listagens dos acervos recebidas das residências franciscanas. O acesso ao local onde o conjunto dos livros foi depositado – num espaço que, anteriormente, era utilizado pela universidade, que o dividia entre o almoxarifado e o depósito da gráfica –, se dá por uma porta grande e pesada que corre sobre trilhos. A iluminação, a temperatura e a ventilação são precárias e não atendem às especificações técnicas, assim como é inadequada a disposição das estantes e dos livros. A preocupação em minimizar tais

[29] Frei Constâncio Nogara OFM nasceu em 24/01/1934 e faleceu em 20/09/2002. Foi reitor em exercício da USF até 07/11/1999, sendo substituído em 30/10/2000. Foi o 'pioneiro' do processo que deu origem à Universidade São Francisco, dedicando seus últimos 27 anos às atividades educacionais.

dificuldades visa garantir a integridade desse acervo, considerando-se “idade e especificidades dos suportes” de algumas obras.

Figura 5 – Setor de Seleção da USF em Bragança Paulista com livros oriundos dos conventos franciscanos, 2010.

A figura 5 mostra que a ventilação desse espaço é dada pela porta de acesso e por pequenos vitrôs, localizados na mesma parede da entrada. Internamente, está dividida por ‘corredores’ de estantes onde os livros foram empilhados. Nas prateleiras que ficam encostadas nas paredes, os livros chegavam quase a alcançar o teto, como é possível observar nas figuras 6 e 7.

Figura 6 – Livros oriundos dos conventos franciscanos e armazenados no setor de seleção da USF- Bragança Paulista, 2008.

Figura 7 – Livros empilhados oriundos dos conventos franciscanos no setor de seleção da USF- Bragança Paulista, 2008.

Se, por um lado, tal fato exige uma vasta gama de procedimentos voltados à organização e à preservação do acervo, por outro, um olhar mais atento ao que parecia um amontoado disforme, por vezes, sem salvação, de papel velho e embolorado, nos permitiu localizar obras raras e preciosas.

Para Mindlin (1998, p. 2),

> A diferenciação entre obras raras e preciosas está no caso de as primeiras serem definidas em virtude da escassez de volumes com características idênticas, enquanto as segundas são identificadas nem tanto em razão de sua antiguidade ou número de exemplares disponíveis, mas, principalmente, das ilustrações, das anotações que contenha, do material empregado em sua confecção e de aspectos relativos ou subjetivos considerados pelo profissional responsável pela seleção.

Visando alternativas para o tratamento dos materiais do setor de seleção da USF, e tomando como referência procedimentos adotados pela Biblioteca Nacional, pela Universidade Federal de Minas Gerais e pelo Arquivo Edgard Leuenroth, na Unicamp, a USF decidiu pela implantação do processo de desinfestação de documentos com atmosfera modificada.

Figura 8 – Processo de desinfestação na Biblioteca USF, Bragança Paulista, 2009.

Após a aquisição dos equipamentos e de sua implantação, em meados de 2001, foi realizado o curso ministrado pela bibliotecária Maria Aparecida Remédio (Arquivo Edgard Leuenroth – Unicamp), que havia desenvolvido o equipamento de desinfestação. No procedimento, é utilizado saco plástico com vácuo e gás carbônico CO_2 e N_2 (Nitrogênio). Posteriormente, os materiais são higienizados página por página antes de serem encaminhados para a catalogação, conforme mostra a figura 9, e a sua disponibilização no acervo da biblioteca.

Figura 9 – Livros após processo de desinfestação. Aguardando processamento técnico na Biblioteca Central USF, Bragança Paulista, 2010.

Vale ressaltar que o acervo estava desorganizado e com acesso restrito num depósito na USF, por isso, houve ocasiões em que algumas obras sobre franciscanismo correram o risco de ser descartadas como material velho devido à idade e às precárias condições de preservação. Contudo é interessante notar que, apesar do estado frágil, elas não passaram por esse processo, por isso o objeto desta pesquisa – a Biblioteca do IFAN – me levou a refletir sobre as implicações da valorização das histórias e memórias franciscanas bem como a atentar para a

conservação de um patrimônio bibliográfico singular pela Ordem Franciscana na contemporaneidade.

Figura 10 – Livros que se encontram no setor de seleção da USF, Bragança Paulista, em precárias condições, 2010.

A preservação é um conjunto de medidas e estratégias de ordem administrativa, política e operacional que contribuem direta ou indiretamente para a preservação da integridade dos materiais. Já a conservação é um conjunto de ações estabilizadoras que visam desacelerar o processo de degradação de documentos ou

objetos, por meio de controle ambiental e de tratamentos específicos como higienização, reparos e acondicionamento (CASSARES, 2000, p. 12.).

Medeiros (2005, p. 1) faz uma afirmação relevante dizendo que:

> A importância de conservar e preservar um objeto que consideramos parte de um patrimônio está no fato deste se constituir registro material da cultura, da expressão artística, da forma de pensar e sentir de uma comunidade de uma determinada época e lugar, um registro de sua história, dos saberes, das técnicas e instrumentos que utilizava.

A autora diz, ainda, que para termos o registro da cultura é imprescindível a existência de um suporte material, como um objeto, uma construção, um documento (MEDEIROS, 2005).

2.3 Um olhar cuidadoso para uma coleção especial e rara

Visando preservar uma herança do passado e conservar o que se fez de bom, com o propósito de transmitir esse legado para o futuro, é que um olhar mais atento sobre as obras em estado mais precário permitiu localizar obras raras e preciosas, e, posteriormente, formar o acervo de Biblioteca de Obras Raras da USF. As bibliotecas de obras raras partilham essas histórias de como os livros foram encontrados, outros foram perdidos e alguns reencontrados. Na realidade, todos os livros raros têm alguma razão para estarem na estante: como, por exemplo, o fato de terem sido impressos poucos exemplares, ou por ser uma primeira edição, etc. (SOUZA, 2002)

A seleção de exemplares para compor o acervo de obras raras da USF, além da temática do franciscanismo, utilizou os critérios de raridade estabelecidos pelo Sistema de Bibliotecas da USF:

- Impressos na Europa até o século XVIII;
- Primeiros impressos na América Latina até 1835;
- Impressos no Brasil até 1841;
- Edições de tiragem reduzida;
- Exemplares de coleções especiais (Ernesto Leme, João Lyra, livros que pertenceram a pessoas de reconhecido papel público e/ou acervos relevantes para a pesquisa, por exemplo, a Brasiliana);

- Obras esgotadas;
- Exemplares com anotações manuscritas importantes, autografados por pessoas de reconhecida projeção;
- Primeiras edições de autores literários renomados;
- Exemplares de bibliófilo e
- Edições de luxo.

Figura 11 – Livros selecionados para compor o acervo da Biblioteca de Obras Raras, 2009.

Ao catalogar esse acervo, além de observar os critérios mencionados recomenda-se a consulta a outras bibliotecas que possuem esse tipo de material[30]. Essa pesquisa bibliográfica, também pode ser feita nas seguintes obras do século

[30] Estão disponíveis para consulta on-line e acesso gratuito os seguintes catálogos: Biblioteca Nacional – http://www.bn.br; Projeto de Imagens de Publicações Oficiais Brasileiras – http://www.eldis.org/static//DOC2257.htm; The Código Brasiliense at the John Carter Brown Library – http:// www.brown.edu/Facilitics/John_Carter_Brown_Library/CB; ALA – ACRL – Rare Book and Manuscripts Section – http://www.rbms.nd.edu; IFLA – Section on Rare Books and Manuscripts – http://www.ifla.org/VII/s18srbm.htm e Biblioteca do Congresso Americano – http://www.loc.gov

XIX: Índice Alfabético do Dicionário Bibliográfico de Inocêncio; Dicionário Bibliográfico Brasiliano de Sacramento Blake e Catálogo da Biblioteca Mário de Andrade.

Para o acervo estar disponível aos usuários, esse material é preparado, seguindo alguns critérios: não receber carimbos; fazer as notações (número de chamada, tombo, doador) apenas a lápis nº 6; usar uma papeleta de papel neutro com as informações da obra, que será colocada dentro do livro. Essas informações ficam do lado de fora, com a finalidade de auxiliar a localização do material.

De forma breve, pode-se dizer que, na Idade Média, o poder eclesiástico impunha uma rigorosa seleção dos livros, e somente aqueles autorizados tornavam-se objeto de trabalho dos copistas, no intuito de serem divulgados e, em circunstâncias específica, vendidos. Em regra, apenas as pessoas ligadas às ordens religiosas poderiam ter acesso aos originais, o que impunha ao livro "uma condição simbólica de objeto de segredo, ou mesmo o estereótipo de elemento carregado de poderes maléficos para os não-iniciados, o que indicava que deveriam ser manuseados sob a chancela dos conhecimentos exorcismatórios" (MARTINS, 2002, p. 95).

A produção de cópias também permitiu uma evolução do formato dos livros. Os rolos de pergaminhos ou papiro foram substituídos pelo códex, formato mais ou menos análogo aos dos livros que conhecemos hoje, embora em proporções distintas. As cópias dos manuscritos eram feitas manualmente em folhas de pergaminho – inicialmente foi utilizado o papiro, mas em função da fragilidade do material adotou-se o papel de origem animal –, dispostas em camadas e costuradas lateralmente.

No acervo da biblioteca de obras raras da USF há um exemplar cuja capa é de couro de animal. O livro intitula-se *O livro das Conformidades*, ao qual o autor Bartolomeu de Pisa dedicou mais de quinze anos de sua vida para escrevê-lo, e parece ter sido lido apenas superficialmente pela maioria dos autores que dele falaram. Partindo da ideia de que a vida de Francisco fora um seguimento perfeito da vida de Jesus, Bartolomeu de Pisa, quis reunir, sem perder nenhum, todos os traços da vida do *Poverello*, espalhadas nas diferentes legendas conhecidas de seu tempo. Ao estudar os fragmentos que o autor conservou, vê-se, de imediato, que

essa coleção pertencia à tendência dos zelantes da pobreza, como afirma Paul Sabatier (2006, p. 89):

> Não hesito em ver nele a obra mais importante que foi escrita sobre a vida de São Francisco. O autor não se coloca no ponto de vista da crítica histórica como é compreendida hoje, contudo, se é necessário renunciar em ver nele um historiador, mas sim compilador.

O documento mais antigo do acervo de Obras Raras da USF data de 1520 e é oriundo de conventos franciscanos. Entre os catalogados e disponíveis há ainda:

- Na área de filosofia publicada em 1520: DUNS SCOTUS, John. *Subtilitatis epidicticon.* Pavia: Jacob Paucidrapius Burgofranco.
- Biografia de São Francisco: BOAVENTURA. *Códice leienda maíor.*
- Franciscanismo, capuchinos, publicado em 1590: BARTHOLOMEUS. *Liber aureus inscriptus liber conformitatum vitae beati, ac seraphici patrics Francisci ad vitam iesu christi domini nostri:* nunc denuò in lucem editus, atqs infinitis propemodum mendis correctus à reuerendo, ac doctissimo P. F. Ieremia Pucchio Utinensi sodali franciscano. Bononiae: Apud Alexandrum Benatium.
- Introdução à Bíblia de 1566: CARTHUSIA, Dionysii. *Enarrationes piae ac eruditae in quinque mosaicae legis libros hoc est, Genesim, Exodum, Leviticum, Numeros, Deuteronomium.* Coloniae: Apud Lavedes Ioannis.
- O evangelho segundo Paulo publicado em 1556: D. Ioannis Chrysostomi archiepiscopi constantinopolitani enarrationes, partim antehac, partim nunc primum traduetae & aeditae, in D. Pauli Epistolas: Galatas, Ephesios, Philippenses, Colossenses, Thessalonicenses II.
- O assunto principal é teologia, livro de meditações e escritos contemplativos de 1548**:** INÁCIO. *Exercitiorum spiritualium:* editio princeps qualis in lucem prodiit. Romae: B. Herder.
- Coletas de orações publicadas em 1531: CARTHUSIA, Dionysii. *Insigne commentariorum opus, in psalmos omnes Davidicos:* quos ipse multiplici sensu, quantum fieri potuit, nempe Literali, Allegorico, Tropologico, & Anagogico (id quod nemo hactenus praestitit) non nisi.. Coloniae: Petrum Quentell.

Os historiadores franciscanos costumam dividir as hagiografias de Francisco de Assis em três grupos: o celanense, o bonaventuriano e o leonino. O destaque e a atenção, no acervo de Obras Raras da USF, se voltam para o grupo bonaventuriano, mas é importante lançar um rápido olhar sobre os textos de Celano, uma vez que a *Primeira vida* foi encomendada oficialmente. A *Primeira vida* foi escrita por ocasião da canonização de Francisco (1228-1229), por ordem do Papa Gregório IX. A *Segunda vida*, iniciada em 1246 e concluída em 1247, foi escrita a partir de material recolhido como resposta ao apelo do Capítulo Geral de Gênova, de 1244, de se recolher os sinais e prodígios da vida de Francisco, em vista de se escrever um "Tratado dos milagres", imprescindível na hagiografia medieval.

Todavia, o que acabou sendo recolhido foi um vasto material biográfico não presente na *Primeira vida*. A convite do Ministro Geral, Crescência de Jesi, Tomás de Celano escreveu a *Segunda vida*, aproveitando o material enviado, principalmente pelos três companheiros de Francisco (Leão, Rufino e Ângelo). Entretanto, a *Segunda vida* continha poucos milagres, razão pela qual, entre 1250 e 1253, Celano teve de escrever ainda uma terceira obra, o *Tratado dos milagres*, com cerca de 190 milagres, podendo ser considerado um complemento à *Segunda vida*.

Em 1257, no Capítulo Geral de Parma, o Ministro Geral, Frei João de Parma, renunciou ao cargo e indicou Boaventura para o generalato, pois dizia não conhecer ninguém melhor em toda Ordem. A tarefa de administrar a Ordem impunha muitas responsabilidades e requeria medidas, entre os quais: combater o joaquinismo[31], exaltar o ideal de pobreza e dos estudos, com livros e conventos estáveis, pois essas ações estavam intimamente relacionadas entre si e delas viria a sobrevivência da própria Ordem. São Boaventura enfrentou o joaquinismo com um processo contra João de Parma, elaborou o ideal de pobreza com as legendas e a vivência conventual com as *Constituições de Narbona*[32].

Boaventura não pertencia à primeira geração dos frades nem vivenciara o modo de viver, o ideal evangélico dos primeiros frades. Entrara na Ordem no final do generalato de Frei Elias, quando os estudos começaram a tomar sua importância e os primeiros conventos de alvenaria foram tomando o lugar das humildes choupanas dos primeiros tempos. Assim, para cumprir a determinação do Capítulo Geral (LM

[31] Joaquim de Fiore também conhecido como monge cistercense calabrês Gioacchino Da Fiore (1132-1202), foi um filósofo místico, defensor do milenarismo e do advento da idade do Espírito Santo.
[32] Primeiras constituições franciscanas.

prol. 3), Boaventura foi para a Itália e procurou os companheiros de Francisco para informar-se de todos os detalhes e das peripécias da vida e atividades do santo (LM prol. 4). No monte Alverne, onde Francisco tinha recebido os estigmas e onde ele mesmo havia escrito o *Itinerário da mente para Deus*, em 1259, Boaventura escreveu a *Legenda maior* [33].

As duas legendas de Boaventura ficaram prontas no início de 1263, sendo apresentadas e aprovadas pelo Capítulo Geral reunido em Pisa. Foram feitas 34 cópias, uma para cada Província. Estas foram declaradas a Vida Oficial de Francisco de Assis. O Capítulo seguinte, de 1266, além de aprovar definitivamente as duas legendas como as únicas a serem seguidas por toda a Ordem, decretou que todas as outras deveriam ser destruídas onde quer que se encontrassem. Ângelo Clareno, em sua *História das sete tribulações*, afirma que este decreto foi proposta do próprio Boaventura. Com efeito, até o fim do séc. XVIII só se conhecia o retrato de Francisco traçado por São Boaventura nas duas legendas[34].

Convém, ainda, fazer algumas considerações sobre o caráter de *legenda*. A palavra "legenda" quer dizer "para se ler", "para ser lido", não tendo fundamentalmente uma conotação de "lendário" ou "fabulístico". Deve-se ter presente que Francisco é um santo da Idade Média e, portanto, os primeiros autores a escrever a vida de Francisco de Assis são hagiógrafos e não propriamente biógrafos no sentido moderno.

Essa distinção é importante na medida em que o biógrafo se interessa pelos fatos da vida, por suas circunstâncias de lugar, de tempo, de causas etc., e o hagiógrafo descreve a vida de um santo, que vive e age à luz de Deus. Como homem medieval, penetrado pela religião e pela fé, o hagiógrafo desenvolve o plano que Deus traçou para o santo. O santo manifesta-se por virtudes e milagres, daí o interesse por tais atos, quer tenham ou não ocorrido. Busca-se a glorificação do santo e, através dela, a edificação do leitor.

---

[33] A *Legenda ad usum chori* (para o uso do coro, isto é, para o uso litúrgico) logo ficou conhecida como *Legenda menor*. Foi um dos escritos mais difundidos, uma vez que era copiada em todos os breviários franciscanos, tanto no tempo dos manuscritos como depois da invenção da imprensa. A *Legenda menor* é um resumo fidelíssimo da *Legenda maior,* feita pelo próprio São Boaventura ou por algum auxiliar seu e teve a maior influência nos frades. Foi principalmente a partir dela que se fizeram as pinturas e outras representações nas igrejas, nos missais e nos breviários, formando a mentalidade popular sobre Francisco.

[34] Por oposição às legendas de Celano, a *Legenda maior* ficou conhecida, nos primeiros tempos, como "legenda nova", considerando-se os livros de Celano como "legenda antíqua".

Boaventura escreve sem preocupação com a ordem cronológica dos fatos e sim com o curso espiritual da santidade, como modo como se desenvolveu o ideal evangélico de vida, criando fatos e elaborando feitos de sentido espiritual (LM prol. 4). Nesse prisma, é possível afirmar que a hagiografia medieval é um gênero literário especial e, por isso, deve ser lida e estudada tendo em vista esta realidade e não segundo os critérios da crítica histórica moderna. A hagiografia é obra de arte antes de tudo e merece uma leitura muito atenta e perspicaz, pois discernir entre o que é histórico e o que é literário é uma tarefa nem sempre fácil.

É importante, portanto, ter presente que a *Legenda maior* não deve ser entendida como uma narrativa histórica atual. Boaventura parece querer tirar Francisco das contingências históricas e colocá-lo fora do tempo. Ele mesmo reconhece no prólogo: "A história nem sempre segue a ordem cronológica dos fatos. A fim de evitar confusão, preferi ser mais sistemático" (LM prol. 4). Além disso, parece não restar dúvida que esta legenda foi influenciada pela *Segunda vida*, de Celano.

Jacques Le Goff (2007, p. 54), em seu livro sobre Francisco de Assis, escreve que "o autêntico ponto de partida da busca do verdadeiro Francisco é a obra fundamental do protestante Paul Sabatier, em 1894". Para Sabatier, os textos de Celano e de Boaventura são oficiais. Enquanto Celano escreve por determinação pontifícia, em vista do processo de canonização, Boaventura escreve, como Ministro Geral, para superar alguns conflitos dentro da própria Ordem e, com isso, segundo alguns autores, acabou transformando Francisco num santo como tantos outros.

Para Le Goff (2007, p. 57), ao falar do problema das biografias, diz: "Entre os outros textos que fornecem dados biográficos de São Francisco, é preciso dar um lugar à parte a duas obras de caráter mais lendário do que histórico, mas que desempenham um papel de primeiro plano na mitologia franciscana". O autor refere-se ao *Sacrum commercium* e aos *I Fioretti*, ou seja, quando se busca encontrar o "verdadeiro", o "espiritual", o "pobre", o "humano" em Francisco de Assis, deve-se sempre se aproximar das fontes com cautela, procurando discernir criticamente o contexto em que foram escritas e o modo como nos foram transmitidas.

Nesse contexto, as edições passaram, com o tempo, a ser ricamente ornamentadas, com encadernações luxuosas e ilustrações nas capas e no interior do volume. As *iluminuras* adornavam ricamente o livro e, além de representarem

episódios específicos do texto, apresentavam uma versão segundo os preceitos da Igreja. Entretanto, as encadernações foram uma herança dos bizantinos, e até o século XIV eram comuns as encadernações em ourivesaria ricamente produzidas em ouro e marfim, com pedras preciosas incrustadas na capa. Essa técnica era utilizada para os livros de Igreja que, em geral, eram colocados no altar para os cultos religiosos. Porém, em função do desgaste que esses livros sofriam com o tempo, adotou-se a substituição das pedras preciosas e dos ricos metais por couro ou veludo (MARTINS, 2002).

Cabe destaque, nessa coleção de obras raras da USF, um *fac-símile* (feito igual) de um incunábulo (obra produzida entre a data da invenção da imprensa, 1455/1456, e o ano de 1500) e cujo original se encontra no arquivo do Convento Franciscano "Cardeal Cisneros", de Madri. Trata-se da *Legenda Maior de São Boaventura* que foi situada, anteriormente, no conjunto das fontes franciscanas e o contexto histórico em que foi escrita.

No acervo de obras raras e de coleções especiais é possível encontrar publicações centenárias, livros, obras de referência (dicionários, enciclopédias, catálogos, etc.), relevantes à memória das políticas públicas de nosso país, à religião e à história brasileira. Os livros que compõem esse acervo pertencem às diferentes áreas do conhecimento, e, como já explicado, eles chegaram em quantidade variada e em estados distintos de conservação.

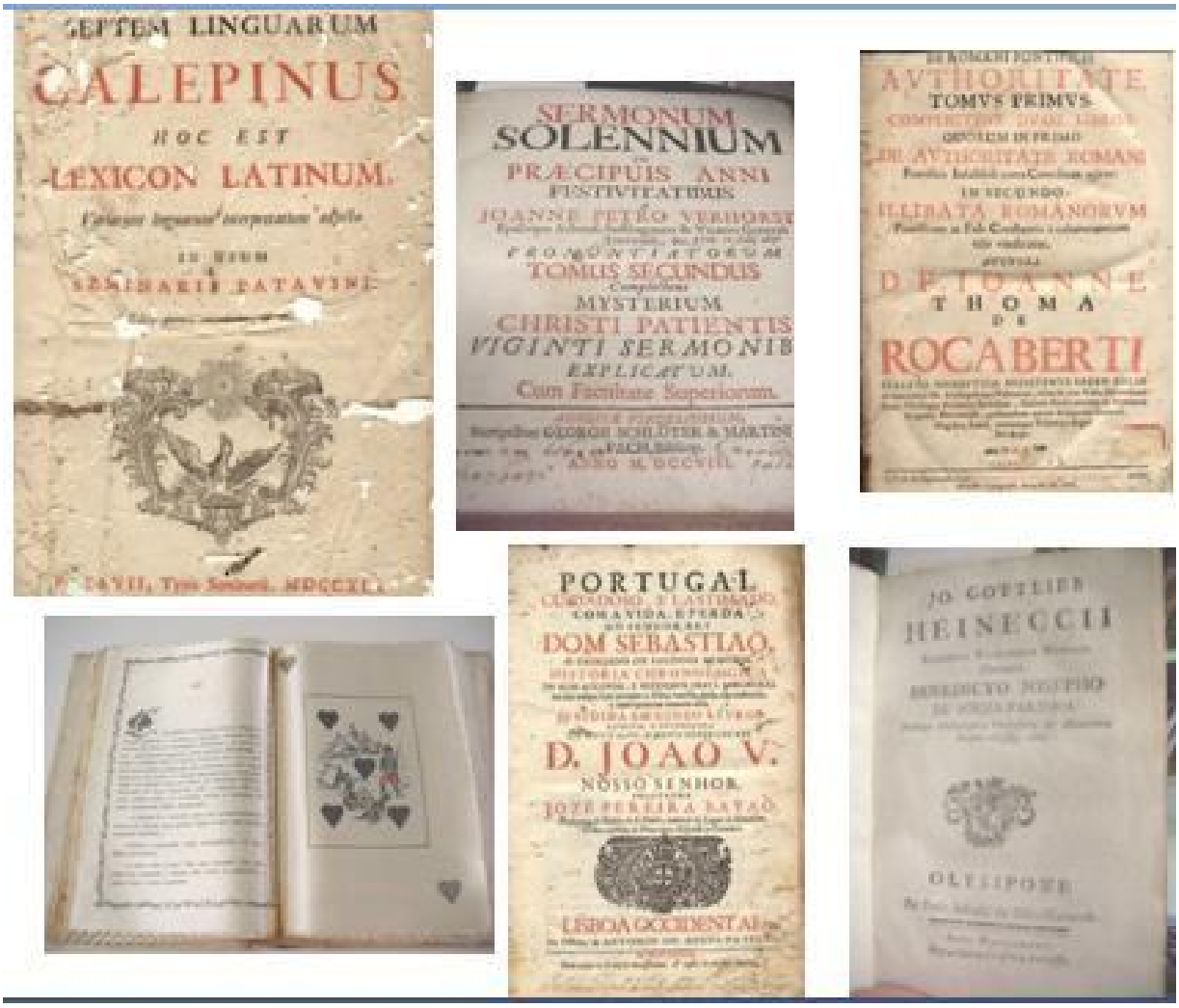

Figura 12 – Livros desde o século XVI no acervo de obras raras USF, Bragança Paulista, 2010.

O acervo da biblioteca de obras raras está disponível somente para consulta local, ou seja, não se realiza o empréstimo dessas obras. O espaço de consulta fica em um local reservado, na biblioteca central da USF, para que o funcionário oriente e acompanhe o usuário. O catálogo bibliográfico oferece várias modalidades de pesquisa e está disponível na Internet, onde é possível verificar os procedimentos técnicos relativos à gestão da informação, o Regulamento para uso das obras raras, entre outros.

Figura 13 – Espaço físico do acervo de obras raras da USF, Bragança Paulista, 2010.

Uma significativa parte do acervo de obras raras está em outro idioma e pertence à área de religião, fato que talvez esteja atrelado à chegada de frades alemães ao Brasil e à instalação de seus conventos nas cidades de Lages, Blumenau, Curitiba, São Paulo e Petrópolis, onde fundaram também escolas e constituíram bibliotecas no século 19.

Para Fischer, (2006, p. 238):

> As bibliotecas alemãs constituíam, na quase totalidade, em coleções principescas, eclesiásticas ou universitária, com predominância de títulos teológicos e acadêmicos. Isso se manteve dessa forma até a inauguração das primeiras bibliotecas públicas na Alemanha do início do século XX.

A biblioteca de Obras Raras e o setor de seleção da USF são visitados por pesquisadores, e, de maneira mais direta, pelos franciscanos. Entretanto, num determinado período na história, as bibliotecas tornaram-se instituições sagradas, ou essencialmente religiosas, às quais tinham acesso apenas aqueles que fizessem parte de alguma ordem religiosa. O livro tornou-se, assim, um objeto sempre presente, porém distante e, durante séculos, sua conservação e sua composição estavam essencialmente nas mãos dos religiosos, pois eles precisavam de livros em grande quantidade, transformando os conventos em focos da vida intelectual, científica e artística (MARTINS, 2002).

A Biblioteca do IFAN e o Instituto Franciscano de Antropologia representam não somente uma preocupação dos franciscanos com sua memória e formação, mas também é um dos aparatos que a Instituição construiu para garantir sua condição universitária, uma vez que as universidades devem congregar a condição de oferta do ensino e da pesquisa. O IFAN, desse modo, legitimava a instituição universitária e sua biblioteca corroborava a configuração de um espaço adequado e bem equipado, em termos de acervo, para que as pesquisas ocorressem.

As informações existentes sobre os conventos franciscanos revelam a existência de acervos bibliográficos de grande importância, e uma atuação significativa dos franciscanos no campo da instrução. As bibliotecas das casas possuíam obras dos enciclopedistas e dos filósofos da Ilustração. Grandes figuras que valorizavam a existência de uma biblioteca, originaram-se nos conventos franciscanos, como, por exemplo, Frei José Mariano da Conceição Veloso, botânico e polígrafo, que dirigiu, em princípios do século XIX, a Tipografia do Arco do Cego em

Lisboa, e se notabilizou por obras científicas da maior importância (MINDLIN, 2004, p. 105).

A Biblioteca do IFAN, mostra seu sentido não somente pelo nome a ela atribuído, ou por estar em uma instituição franciscana, mas também pelas várias vertentes das ideias de franciscanismo e o momento instituicional no qual foi criada. Uma biblioteca que foi crescendo e tornou-se fonte de referência e informação, sendo uma contribuição à cultura franciscana, à medida que constitui um acervo permanente de pesquisa e leitura, com efeito multiplicador.

A biblioteca pode tornar-se um objeto de disputa no interior de relações de poder e abordar questões políticas do local onde se insere. As obras adquiridas e a organização da biblioteca do IFAN revelam não haver dúvidas sobre interesses intelectuais em sua constituição.

A possibilidade de uma disputa que envolveu relações de poder e interesses conflitantes, parece estar por trás da transferência do acervo da Biblioteca do IFAN para a Associação Franciscana Senhor Bom Jesus (AFESBJ), na cidade de Curitiba, também pertencente à Província da Imaculada Conceição, em 2002, assim como de seu retorno para a USF em 2007. A transferência do acervo para Curitiba acontece num contexto de alterações administrativas ocorridas no organograma da USF, ou pelo menos esse era o argumento usado para explicar essa transferência.

Com a alteração administrativa, ocorreram redefinições de funções e de atribuições administrativas e o redimensionamento das frentes de atuação acadêmica, acarretando, por exemplo, o fechamento de alguns cursos e a abertura de novos.

Em 21/11/2002, o acervo da Biblioteca Franciscana foi transferido para Curitiba, concomitantemente à transferência de Frei Orlando Bernardi para aquela cidade. Ele foi Diretor do IFAN de 1992 até 2001, período de intenso trabalho de seleção para o acervo das obras oriundas dos diferentes conventos franciscanos. O acervo retornou à USF em janeiro de 2007, na mesma época em que Frei Orlando também voltou para a Bragança Paulista.

É necessário ler com olhar histórico os conflitos e tentar entender o porquê de a Biblioteca do IFAN ter sido transferida e depois levada de volta a Bragança Paulista. Segundo o reitor da USF à época, Frei Gilberto Garcia - OFM[35],

> As unificações das mantenedoras significam otimização de recursos e o aproveitamento por ambas as instituições daquilo que uma delas tiver desenvolvido de melhor. Significa, concretamente, a unificação das políticas de recursos humanos, de avaliação institucional e de desenvolvimento institucional. Significa, também, a possibilidade de intercâmbio entre docentes e discentes para programas de excelência, a possibilidade de co-edições e publicações dentro da mesma área de conhecimento, além da possibilidade de extensão de programas internacionais de uma para outra instituição, entre outros. (INFORMAÇÃO 2002,1(5) nov.)

Destacando as questões econômicas e anunciando uma tentativa de reordenar as relações internas de produção intelectual entre a Universidade São Francisco de Bragança Paulista e a FAE Centro Universitário, de Curitiba, o reitor anuncia que tais mudanças faziam parte de uma política institucional. Ainda, na mesma publicação, Frei Gilberto propõe, em seu pronunciamento, que:

> Cumpre um projeto maior dos franciscanos de unificar operacionalmente seus dois grandes blocos educacionais, a saber: a Universidade São Francisco, de um lado e a FAE e o Colégio Bom Jesus, de outro. Já há certo tempo os frades vinham estudando as possibilidades reais da aproximação concreta entre as mantenedoras Casa Nossa Senhora da Paz, de Campinas e a Associação Bom Jesus, de Curitiba. Embora ambas as instituições desenvolvessem a mesma missão e objetivos para a educação franciscana, a província dos frades ainda se via na condição de manter dois grupos educacionais distintos, por contingências históricas e legais. Eu mesmo estive e estou há cinco anos à frente desse projeto de aproximação das unidades educacionais mantidas pelos frades, com vistas à futura unificação estratégica.

Anunciando tratar-se de uma política e, enfatizando a configuração de ações estratégicas para sua realização, Frei Gilberto Garcia adianta em seu discurso que mudanças estruturais ocorreriam em um futuro próximo. A saída do Frei Orlando Bernardi da unidade de Bragança Paulista e sua mudança para Curitiba mostram parte destas mudanças.

O IFAN continuou funcionando na USF, mas alguns de seus pesquisadores foram dispensados e, consequentemente, diminuíram suas pesquisas. Chama a atenção, entretanto, o fato de um acervo, que já era numericamente importante, ter

[35] Assumiu a reitoria da USF em outubro de 2002 até 26/02/2010, quando deixou o cargo de Reitor para desempenhar novas funções ligadas à Mantenedora e ao Ministério da Educação em Brasília.

sido levado para Curitiba, juntamente com Frei Orlando que, sabidamente, havia empenhado esforços para sua configuração.

Ademais, destaco que, neste mesmo período, não se tem notícias de que a biblioteca, estando em Curitiba, tenha continuado a crescer. Em 2007, quando Frei Orlando retornou à USF Bragança Paulista, trouxe consigo o acervo e depois o acresceu com alguns exemplares por doação pessoal (livros que ele mesmo adquirira para seu uso pessoal).

Ainda neste período, os livros que a Editora Vozes doava à USF, passaram a fazer parte do acervo da biblioteca universitária, mesmo que fossem títulos relativos à temática franciscana.

O que se percebe, portanto, é que conflitos de interesses parecem ter se instalado em âmbito institucional, para que o Instituto tenha sido apartado de sua biblioteca.Embora as causas dessa transferência não estejam completamente claras, percebe-se que a própria instituição e seus membros dirigentes tinham dificuldade em compreender o que significava constituir uma Biblioteca Especial, com um acervo temático e com uma coleção de obras raras (que ficaram na USF), como se o seu desmembramento não causasse nenhuma desconfiguração em seu projeto original.

Registro, ainda, que o acervo também foi mudado de local no interior da própria universidade algumas vezes, porém sempre próximo ao espaço destinado ao IFAN. Em 2010, por exemplo, foi armazenado em um espaço reservado dentro da Biblioteca Central conforme mostra a figura a seguir.

Figura 14 – Espaço físico do acervo - Biblioteca do IFAN - Bragança Paulista, 2010.

A biblioteca é considerada um repositório do patrimônio intelectual e cultural que permite uma relação dinâmica entre conhecimento e pensamento – um espaço configurado como lugar de memória. A biblioteca permite pensar numa circulação e produção de saberes a partir do conhecimento preservado (NORA, 1993). Nessa lógica, sua constituição física também é de fundamental importância, fato que parece ter sido desconsiderado no momento de sua transferência.

Outro fator de grande importância, na constituição de uma biblioteca, refere-se às questões técnicas da seleção e da classificação do acervo.

2.4 O sistema de seleção e classificação

Abordarei de maneira sucinta, como se deu a organização, a seleção e a classificação iniciais da Biblioteca do IFAN, para situar os critérios que me orientaram no processamento técnico de tal acervo em suas fases posteriores.

Inicialmente, partes das obras que deram origem à Biblioteca do IFAN foram selecionadas pelo Frei Ildefonso da Silveira[36], que, como membro do IFAN, contribuiu para a ordenação da biblioteca, criando uma classificação que distinguia as obras de acordo com os diferentes assuntos relativos a São Francisco de Assis. Vale ressaltar que ele era historiador e que realizou, entre 1953-1957, estudos de especialização em História–Roma. A classificação elaborada pelo Frei visava, principalmente, reunir, no mesmo espaço, dentro do acervo, as obras de Franciscanismo.

A SÃO FRANCISCO
- A.1 Escritos e Comentários
- A.2 Biografias-fontes
- A.3 Biografias modernas em português
- A.4 Biografias modernas em outras línguas
- A.5 Monografias sobre São Francisco
- A.6 São Francisco nas Artes e na Literatura
- A.7 FONTES: Coleções sobre São Francisco / Outras Fontes / Bibliografias / Problemas Historiográficos / Interpretações

[36] Frei Ildefonso da Silveira trabalhou na USF/IFAN de 1991 até julho de 1997. Nasceu em 03/04/1922 vindo a falecer em 24/02/2002. Pesquisador da história e da espiritualidade franciscanas multiplicou seu conhecimento ao traduzir, em linguagem acessível, as fontes e a história franciscana. Foi ele quem coordenou a edição do volume *São Francisco de Assis - Escritos e biografias - Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano* (Vozes, 1ª edição, 1981). Foram muitos os seus artigos e livros, e o último (análise histórica de documentos franciscanos) foi entregue a Vozes no final de 2001. (www.franciscanos.org.br)

B ORDEM PRIMEIRA

B.1 História Geral
B.2 Monografias Hist./ Hist. Regional
B.3 Missões / Terra Santa
B.4 Lugares Franciscanos / História do Tempo de São Francisco etc.
B.5 Textos “Jurídicos” <Regra etc.>
B.6 Textos oficiais / Casas depend. do Governo Geral
B.7 Cerimônias / Rituais
B.8 Espiritualidade: sínteses / Monografias / Piedade etc.

B.9 Biografias <Menos Brasil>
- B.9.1 Biografias de Santo Antônio / Em português
- B.9.2 Biografias de Santo Antônio / Em outras línguas
- B.9.3 Monografias sobre Santo Antônio
- B.9.4 Santo Antônio na Arte e na Literatura
- B.9.5 Obras de Santo Antônio
- B.9.6 Outras Biografias <Exceto Brasil>

B.10. Escritores <Exceto Brasil>
- B.10.1 Escritos de Frei Egídio
- B.10.2 Escritos de Alexandre de Hales
- B.10.3 Escritos e comentários: São Boaventura
- B.10.4 Escritos e comentários: J. Duns Escoto
- B.10.5 Escritos de Mateus de Aquasparta
- B.10.6 Escritos de J. P. Olivi
- B.10.7 Outros escritores / Veja tb. Coleção “Spicilegium Bonav”: B.11.3
- B.10.8 Escritos de S. Bernardino de Siena

B.11. Coleções de Documentos
- B.11.1 Bullarium Franciscanum
- B.11.2 Analecta Fransciscana
- B.11.3 Spicilegium Bonaventurianum
- B.11.4 Acta Ordinis Minorun
- B.11.5 Annales Minorum <Wadding/Chiapini>

B.12. A ORDEM PRIMEIRA NO BRASIL
- B.12.1 História geral
- B.12.2 Províncias Gerais(Santo Antônio / Imaculada / Outras jurisdições / Capuchinhos)
  - B.12.21 Províncias de Santo Antônio
  - B.12.22 Províncias da Imaculada Conceição do Brasil
  - B.12.23 Outras Províncias (ex: Missões Franciscanas no Brasil)
  - B.12.24 Capuchinhos
- B.12.3 Monografias Históricas
- B.12.4 Missões / Ensino
  - B.12.41 Missões
  - B.12.42 Ensino
- B.12.5 Biografias
- B.12.6 Escritos sobre Franciscanismo
- B.12.7 Escritos diversos de Frades do Brasil

C. ORDEM SEGUNDA
C.1 Generalidade
C.2 S. Clara: Escritos / Biografias

D. ORDEM TERCEIRA
D.1 Secular
D.2 Regular <Congr. Relig.>

O critério utilizado por Frei Idelfonso foi a separação das obras de acordo com seus conhecimentos e estudos sobre São Francisco de Assis. Todos nós, conscientemente ou não, passamos a vida cultivando hábitos de classificação, pois classificar é dar um sentido lógico a tudo o que fazemos. Por exemplo, quando em casa arrumamos nossos pertences pessoais, de acordo com a mesma cor, tamanho, tipo, etc., realizamos um ato de classificação. Ou seja, essa organização sumária do acervo adotada pelo Frei Idelfonso visava ordenar os documentos de acordo com os seus estudos sobre Franciscanismo.

Sob esse prisma, o livro é tomado pelo olhar do colecionador, que não o observa mais pelo seu contexto, mas sim pelo seu agrupamento: de um caráter intensivo ele passa para um caráter extensivo. E, colocados lado a lado, os livros passam a permitir que até ideias opostas 'convivam' juntas.

As histórias de garimpagem dos livros dariam margem a muita especulação, é difícil utilizar o critério pessoal de preciosidade e/ou da predileção como leitor/organizador, embora tais critérios sejam legítimos para bibliotecas pessoais. Já para o caso das bibliotecas no interior das instituições, outros devem ser os critérios usados para pautarem a classificação.

Do ponto de vista da biblioteconomia, toda biblioteca traz consigo uma concepção de cultura, de saber e da memória – concepções que estão penetradas nesse espaço e, sobretudo, são definidas por toda a estrutura que a compõe: sua organização, a acessibilidade ao acervo, a materialidade de seus livros e as formas de classificação. De acordo com as regras da biblioteconomia, que passaram também ser consideradas por ocasião em que o acervo da Biblioteca do IFAN foi incorporado ao sistema de bibliotecas da USF, foi necessário alterar a classificação idealizada pelo Frei Idelfonso de acordo com a norma de Classificação Decimal

Universal - CDU[37], para integrá-las ao Sistema de Bibliotecas da USF, considerando a cultura de Frei Idelfonso sobre a temática, visando permitir uma melhor recuperação dos documentos.

Analisando estes documentos, observei que, inicialmente, havia uma preocupação quanto ao valor histórico e à importância da Biblioteca do IFAN para os franciscanos – o que me estimulou a investigar a história desse acervo. Vale pontuar que ações que balizaram a origem, a organização e o acesso da Biblioteca do IFAN ultrapassavam orientações meramente técnicas da biblioteconomia, porque tais procedimentos estavam imbricados em relações de poder e formação de teólogos da própria Ordem Franciscana bem como na emergência de estratégias de inserção dos franciscanos no universo mais amplo do ensino superior.

Observa-se que a Biblioteca do IFAN nasceu sem lugar próprio, era um amontoado de livros que tiveram uma seleção previa realizada pelo Frei Idelfonso. Com a automação implantada no Sistema de Bibliotecas da USF, em meados dos anos de 1990, a Biblioteca do IFAN começou a passar pelos procedimentos biblioteconômicos, principalmente a catalogação, e tais obras foram inseridas, no final dessa década, e indexadas como Franciscanismo no sistema, possibiltando, assim, a recuperação dessa informação, inclusive promovendo mostras temáticas dessas obras na Biblioteca Central da USF [38].

Ainda em meados da década de 1990, os materiais saíam do depósito para uma sala ao lado do IFAN. Frei Orlando fazia e ainda faz a separação dos livros, com seus próprios critérios de seleção, porém seguindo a lógica de materiais que contemplam ou se relacionam com o tema Franciscanismo.

Guinchat e Menou (1994, p. 83) ressaltam que :

> Estas duas operações, de escolha e aquisição, encontram-se no início da cadeia documental e permitem criar e manter o fundo documental, ou o conjunto de documentos necessários para responder às demandas de informação e aos objetivos do organismo. A seleção dos documentos é uma operação intelectual delicada, que deve ser realizada por um responsável competente no assunto tratado, em colaboração com os usuários.

[37] A CDU é uma linguagem de indexação e de recuperação de todo o conhecimento registrado e na qual cada assunto é simbolizado por um código baseado nos números arábicos e é dividida em 10 classes principais.

[38] De modo geral a indexação tem como objetivo identificar e selecionar os principais conceitos que representam a essência de um documento, ou seja, implica a preparação de uma representação do conteúdo temático dos documentos (LANCASTER, 2004).

Para isso, a política de seleção deve definir critérios com o objetivo de manter a coerência do acervo, no transcorrer do tempo, para que todo material adquirido obedeça a razões objetivas predeterminadas. Esses critérios garantem que o acervo seja fruto de um planejamento condizente com os propósitos e objetivos da instituição.

Portanto, desde 1986, quando começou a se constituir uma biblioteca especializada de obras de cunho franciscano, histórico, filosófico, espiritual e teológico e, segundo Baggio, com a "intenção de colocar todo o material à disposição de estudiosos e interessados" (INFORMATIVO DAS FACULDADES FRANCISCANAS, 1986), o interesse institucional em atribuir ao conjunto documental algum tipo de tratamento, ainda que de fato este não tenha sido o mais adequado, é, igualmente, considerado um fator que merece menção positiva, pois todos estes esforços podem ser considerados válidos de alguma forma [39].

O livro é um verdadeiro objeto de desejo e as bibliotecas são templos sagrados não tanto pela idade que têm ou pelo status junto à sociedade a que pertence, mas porque as bibliotecas são lugares especiais, pois abrigam livros, que, por si só, são objetos peculiares. Os livros nos trazem as respostas para uma vida melhor, como querem os manuais de auto-ajuda, ou porque sugerem que seus donos são dignos de um status elevado porque têm cultura (MANGUEL, 2006).

Nesse sentido, tornou-se um dado interessante perceber a política de seleção, e que razões teriam motivado a origem e a configuração do acervo da Biblioteca do IFAN, bem como as práticas e concepções que perpassaram o delineamento de uma dada cartografia para a recuperação e a disseminação da informação nesta biblioteca.

Num sentido mais amplo, as maneiras pelas quais os livros aparecem e se difundem entre a sociedade resgatam a historicidade das práticas que constituem o complexo universo da circulação desses livros, ao desvelar a importância histórica das ações cotidianas de personagens que, resguardadas as diferenças de tempo e

[39] O acervo informatizado da Biblioteca do IFAN oferece várias modalidades de pesquisa ao catálogo, empréstimo, devolução, bem como emissão de relatórios, estatística, reserva e renovação on-line. Para o gerenciamento do Sistema de Bibliotecas USF é utilizado o software PERGAMUM - Sistema Integrado de Bibliotecas - desenvolvido pela Divisão de Processamento de Dados da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. O sistema foi implementado na arquitetura cliente/servidor, com interface gráfica - programação em Delphi, utilizando banco de dados relacional SQL. O Sistema contempla as principais funções de uma biblioteca, funcionando de forma integrada.

lugar, compõem esse universo. Sem a presença desses personagens não seria possível, aos livros, cumprirem o seu ciclo de existência e, sem confluência cotidiana dessas ações, a vida nas bibliotecas investigadas também não existiria (DARNTON, 2010).

A atualização do acervo de periódicos é realizada através de assinatura, permuta e doação. O crescimento do acervo de livros, na Biblioteca do IFAN, é modesto e ocorre em dois movimentos simultâneos: o primeiro é através da seleção de acervos existentes, e o segundo refere-se às publicações mais recentes adquiridas sobre esta temática. O documento mais antigo do acervo, mencionado anteriormente, oriundo dos conventos, data de 1520, e se encontra na biblioteca de Obras Raras; já o mais recentemente incorporado ao acervo da Biblioteca do IFAN data de 2010[40].

A seguir uma mostra de alguns títulos que compõe o acervo da Biblioteca do IFAN.

[40] HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia da vida religiosa.** Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista [SP]: Editora Universitária São Francisco, 2010. 339 p. (Coleção Pensamento Humano).

Figura 15 – Livros da contemporaneidade na Biblioteca do IFAN, Bragança Paulista, 2010.

A tabela 1 representa um modelo exigido pelo MEC nas visitas para reconhecimento e/ou avaliação dos cursos de graduação e pela CAPES para os programas de pós-graduação, além de atender ao Decreto nº 6425 de 04 de abril de 2008, ao Censo da Educação Superior e a outros relatórios internos e administrativos.

Área do Conhecimento (CNPq)	**Títulos**	**Exemplares**
Ciências Sociais Aplicadas	8	8
Ciências Humanas	2315	3148
Linguística, Letras e Artes	21	27
TOTAL	**2.344**	**3.183**

Tabela 1 – Dados quantitativos do acervo que compõem a Biblioteca do IFAN, 2010.

De acordo com as áreas de conhecimento do CNPq, o acervo da Biblioteca do IFAN, até 2010, contava com 3.183 exemplares catalogados. É possível observar, quantitativamente, que a Biblioteca do IFAN é formada por um acervo significativo, por ser temática.

É um dado valioso notar que a configuração do acervo demonstra a composição da Biblioteca do IFAN, analisada pelas áreas do conhecimento estabelecido pelo CNPq, assim como os princípios que nortearam a organização desse acervo. Vale ressaltar que muitos livros do acervo apresentam relatos sobre a Ordem Franciscana no Brasil.

Segundo Battles (2003), desde a antiguidade,

> A biblioteca sempre foi o local mais apropriado para conservar e destruir livros em grande escala. Reunidas num único edifício, publicações das mais diversas origens acabam sendo alvo fácil para ódios políticos ou ainda para vítimas passivas de guerras e de acidentes naturais. Assim, a história das bibliotecas, vista em seu conjunto, tem pouca semelhança com a palidez de um salão de leitura. Envolvem desfechos violentos e interrupções abruptas, disputas e estratégias. É uma história conturbada. (parágrafo inicial da orelha do livro)

Partindo dessa citação, é possível dizer que as histórias das bibliotecas estão no silêncio e no imobilismo de volumes armazenados em estantes. Muitas vezes são histórias cheias de sobressaltos, de ódios e de conflitos. O acontecimento de transferência do acervo, seu posterior retorno e as dificuldades para inseri-lo no sistema de bibliotecas da própria USF mostram que também a biblioteca do IFAN apesar de seu viés histórico, não deixa de ser necessário o suporte dado por conhecimentos técnicos sobre sistemas de classificação e de organização de uma biblioteca, para que usuários possam caminhar por entre as estantes e localizar o que estão buscando nas áreas do conhecimento que ela congrega.

Nesse contexto, cabe um destaque para este trabalho de pesquisa, qual seja o de buscar novos sentidos para as instituições e para as organizações sociais, com maior participação política dos cidadãos, além de ressaltar os movimentos sociais presente na sociedade. A biblioteca é um espaço de diálogo com o passado e, ao mesmo tempo, uma possibilidade de criação e de inovação dos saberes.

2.5 As Editoras e o acervo da Biblioteca do IFAN

O conceito de Biblioteca Franciscana não está contido somente nas publicações da Editora Vozes, pois, apesar do vínculo, há outras editoras que compõem o acervo. Entretanto, na recém-proclamada República brasileira, entre fins do século XIX e as primeiras décadas do século XX, vemos constituir-se em Petrópolis, Rio de Janeiro, junto ao Colégio São José, criado pela Ordem Franciscana, em 1901, a Editora Vozes.

Na tabela 2, a seguir, é possível constatar que essa editora se destaca na formação do acervo da Biblioteca do IFAN com 534 exemplares, num conjunto de 3.183, sendo uma das mais antigas editoras do Brasil, em funcionamento ininterrupto.

EDITORA (local)	TÍTULOS	EXEMPLARES
Vozes (Petrópolis)	**306**	**534**
Collegio S. Bonaventura/Collegii S. Bonaventurae (Firenze)	**165**	**224**
Franciscaines (Paris)	**81**	**98**
Editora Universitária São Francisco (Bragança Paulista)	**56**	**93**
Porziuncola (Assis)	**47**	**55**
Dietrich-Coelde (Werl)	**36**	**51**
Paulinas (São Paulo)	**34**	**43**
CEFEPAL (Petrópolis)	**32**	**49**
Messaggero di Sant'Antonio (Padova)	**32**	**38**
Antonianum (Roma)	**31**	**39**
Biblioteca Francescana Provinciale (Milão)	**26**	**26**
Franziskus-Druckerei (Werl)	**23**	**33**
Franciscana (Braga)	**22**	**37**
Centro Italiano di Studi Sull'Alto Medioevo (Spoleto)	**21**	**21**
Francescane (Roma)	**17**	**18**
Herder (Freiburg)	**17**	**23**
Curia Generalis (Roma)	**16**	**21**
Loyola (São Paulo)	**15**	**25**
Schwann (Düesseldorf)	**15**	**23**
Franciscan Herald (Chicago)	**14**	**15**
Franciscana Aranzazu (Guipúzcoa)	**13**	**15**
Vita e Pensiero (Milão)	**13**	**15**
Biblioteca de Autores Cristianos (Madri)	**12**	**21**
EDIPUCRS (Porto Alegre)	**12**	**13**
Polyglottis (Vaticano)	**12**	**15**
Hermann Rauch (Wiesbaden)	**11**	**13**
Pax et Bonum (Roma)	**10**	**14**

Tabela 2 - Editoras com mais de 10 exemplares que compõem o acervo da Biblioteca do IFAN.

Além das 27 editoras elencadas na tabela 2, com até 10 títulos disponíveis no acervo da Biblioteca do IFAN, vale pontuar que, no geral, o acervo é composto por 514 editoras, porém as editoras não mencionadas na tabela têm uma variação de 1 a 9 títulos por editora.

A Biblioteca do IFAN, objeto desta pesquisa, está inserida em um cenário onde a criação das Faculdades Franciscanas inscreve-se no panorama geral do país

daquele período, década de 1970, momento em que está ocorrendo a ampliação da oferta de cursos superiores, bem como a sua privatização. Este estudo abrange desde o projeto dessa biblioteca, idealizado em 1984, o qual foi se concretizando lentamente em fins da década de 1980 até a atualidade, e analisa as editoras que compõem o seu acervo, tomando por base que os livros destinavam-se, principalmente, ao grupo de pesquisadores do IFAN.

Para Baratin e Jacob (2006, p. 11):

> A história das bibliotecas no Ocidente é indissociável da história da cultura e do pensamento, não só como lugar de memória, no qual se depositam os estratos das inscrições deixadas pelas gerações passadas, mas também como espaço dialético no qual, a cada etapa dessa história, se negociam os limites e as funções da tradição, as fronteiras do dizível, do legível e do pensável, a continuidade das genealogias e das escolas, a natureza cumulativa dos campos do saber ou suas fraturas internas e suas reconstruções.

Ao analisar as obras da Editora Vozes que compõe o acervo da Biblioteca do IFAN, indícios e pistas do sentido dessas obras, na formação do acervo, podem ser detectadas. O livro permite um reconhecimento do motivo pelo qual o conjunto dos objetos em que ele se insere devolve-nos às praticas sociais e situam o indivíduo. Não é simplesmente sua constituição física, mas sim um conceito que vem de vários lugares.

Uma das hipóteses de trabalho que se instalou nesta pesquisa, quando entrei em contato com o acervo dos livros e com alguns conflitos envolvendo esta biblioteca, é a de que a Biblioteca do IFAN foi constituída como um lugar de memória e resistência de um dado olhar franciscano marcado, sobretudo, pela Teologia da Libertação, pois ela incorporou obras destinadas a atender reflexões ancoradas em questões sociais, para além das obras oriundas de diferentes conventos franciscanos.

CAPÍTULO 3

A MARCA DA TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO NA BIBLIOTECA DO IFAN (1990-2002)

> Talvez todas as bibliotecas sejam inconcebíveis, pois, como a mente, refletem a si mesmas, multiplicando-se geometricamente a cada novo reflexo. E todavia esperamos de uma biblioteca de livros sólidos um rigor cuja ausência perdoamos na biblioteca da mente.
>
> Alberto Manguel[41]

> O autor ocupa uma posição responsável no acontecimento do existir, opera com elementos desse acontecimento e por isso a sua obra é também um momento desse acontecimento.
>
> Mikhail Bakthin [42]

A presença de teólogos, pesquisadores e autores de publicações oriundas do IFAN – tais como Alberto da Silva Moreira, Jung Mo Sung, Leonardo Boff e Frei Betto – vinculados à Teologia da Libertação, orientou as linhas de pesquisa e atuação desse Instituto, o que, por sua vez, implicou a solicitação e aquisição de obras voltadas às diferentes temáticas da área social para a Biblioteca do IFAN – uma biblioteca especializada; bem como na promoção de eventos relativos a tal cenário sociocultural. Tais ações realizadas no IFAN estavam imbricadas em relações de poder, na formação de teólogos franciscanos e na participação efetiva da Ordem Franciscana na educação superior.

No documento *A teologia da libertação: Leonardo Boff e Frei Betto*, o autor destaca que:

> Os dois principais teólogos da libertação brasileiros, Leonardo Boff e Frei Betto, estão, portanto, entre os precursores e inspiradores do altermundismo; com seus escritos e suas palavras participam ativamente nas mobilizações do "movimento dos movimentos" e nos encontros do Fórum Social Mundial. Se sua influência é muito significativa no Brasil, onde muitos militantes dos movimentos sociais, tais como sindicatos, MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e movimentos de mulheres provêm de comunidades eclesiais de base (CEBs) conhecidas na Teologia da Libertação, seus escritos também são muito conhecidos entre os cristãos de outros países, tanto da América Latina quando do resto do mundo. (LÖWY, 2009) [43]

---

[41] MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 163.
[42] BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 176
[43] Documento escrito por Michael Löwy em 04.09.09. O autor brasileiro é sociólogo e pesquisador do Conselho Nacional de Pesquisa Científica (CNRS) da França. Disponível em: http://www.adital.com.br/site/noticia.asp?lang=PT&cod=40899

Como se pode perceber, para os primeiros teólogos da libertação, a Teologia e a História desempenham uma relação de recíproca relevância, pois a teologia nasce dos desafios; dos anseios e das questões fundamentais que emergem da inserção, do engajamento e compromisso dos cristãos na transformação libertadora da História.

Vale lembrar algumas situações significativas do histórico da época da criação da biblioteca franciscana, entre 1985-1986, no Brasil, tais como: eleição para presidente, fim da ditadura, presença marcante da Teologia da Libertação e da CEBs - e o IFAN acolhe a iniciativa com este viés. Tudo isso permite aproximações e convida à leitura das tensões. Há possibilidades de a biblioteca franciscana dar conta de registrar as tensões daquele momento pela formação do acervo, pois nos remete ao cotidiano.

Moreira (1994, p. 8), como redator responsável pela publicação do *Cadernos do IFAN*, escreve na apresentação da obra:

> Inscreve-se entre os objetivos do Instituto Franciscano de Antropologia, além de constituir-se num centro de estudos e debates das grandes questões sociais e culturais do nosso tempo, a tarefa de promover a pesquisa, o estudo e a divulgação da Cosmovisão Franciscana. Neste sentido os *Cadernos do IFAN* passam a veicular, a partir do presente número e de forma não necessariamente sequencial, textos preparados especialmente para se constituírem em unidades temáticas de um estudo maior sobre a visão franciscana do mundo. O projeto, que leva o mesmo nome, congrega treze especialistas em Franciscanismo: historiadores, bolsistas, filósofos, teólogos e estudiosos da espiritualidade, que atualmente elaboram cerca de quatorze fascículos, cada um constituindo uma unidade temática da publicação, que poderá ser também aproveitada como um curso sobre a cosmovisão franciscana. Nesta edição apresentamos a Introdução Geral, que explicita detalhadamente a concepção do projeto, junto com sua primeira unidade, A Sociedade Medieval - O Mundo de Francisco de Assis. As demais aparecerão proximamente nas páginas destes Cadernos, sempre caracterizadas pela inscrição "Coleção Visão Franciscana do Mundo", intercaladas com edições que refletem outras problemáticas. O IFAN e os autores colocam esta coleção à disposição e à receptividade de todas aquelas pessoas, dentro da comunidade acadêmica da USF e fora dela, que desejam conhecer mais de perto a figura humana extraordinária que foi São Francisco de Assis, bem como o movimento por ele iniciado.

Os acervos têm a capacidade de registrar/narrar histórias pela sua trajetória, pelos critérios de seleção e de disseminação. Eles permitem explorar as múltiplas relações políticas, visões de mundo que se entrecruzem numa biblioteca.

Para Battles (2003, p. 23):

> No seu *Atlas do Romance Europeu,* Franco Moretti afirma que a "série" — o contexto cronológico em que surgem as obras excepcionais — é "a verdadeira protagonista da vida cultural". Moretti admite que "uma história da literatura como uma “história de normas" pode parecer uma "configuração menos inovadora e muito mais 'rasa' que aquela à qual estamos acostumados. [...] Mas é exatamente a isso que a vida se parece. Em vez de redimir a literatura de suas características prosaicas, deveríamos aprender a reconhecê-las e a compreender o que elas significam".

A plenitude de uma cultura está expressa em sua literatura tomada como um todo e os autores de livros logo pressentem a importância da biblioteca. As bibliotecas estão presentes nas obras de escritores que vão desde Shakespeare e Jonathan Swift até Umberto Eco. A biblioteca fornece um cenário com um poder de evocação tão grande que acabou se tornando um clichê.

> Como imaginar uma dessas histórias de suspense ambientadas na Idade Média sem a presença de uma biblioteca sombria? (Certa vez, tive vontade de escrever uma história de suspense na qual um livro seria usado como a arma do crime. Livros podem produzir um forte golpe lateral. Golpeie sua mão com a lombada de uma brochura fina e você verá que estou falando a verdade. Sempre que jogava *Detetive* achava um desperdício que o Coronel Mostarda não pudesse ter cometido o assassinato na biblioteca com *um livro...) (*BATTLES, 2003, p. 23).

Contudo, qualquer que seja o futuro da história do livro e das bibliotecas, seu passado mostra como uma área do conhecimento pode assumir uma identidade acadêmica distinta. Ela surgiu da convergência de diversas disciplinas num conjunto de problemas comuns, todos relacionados ao processo de comunicação. Inicialmente, esses problemas tomavam forma de questões concretas em campos desvinculados: Quais eram os textos originais de Shakespeare? Qual é a conexão entre cultura e estratificação social? (DARNTON, 2010, p. 190). Ao se debruçar sobre essas questões, os estudiosos se viram cruzando caminhos da mesma terra de ninguém, situada na intersecção de meia dúzia de áreas de estudo. Como diz Darnton (2010, p. 191):

> É evidente que a história do livro não começou ontem. Vem desde a cultura acadêmica renascentista, se não for mais antiga; e começou a sério no século XIX, quando o estudo do livro como objeto material levou a ascensão da Bibliografia analítica na Inglaterra. Mas o trabalho atual representa um desvio nas tendências estabelecidas de pesquisas na área, que podem ter suas origens no século XIX identificadas em edições antigas de The Library, Börsenblatt für den Deutschen ou dissertações da École dês Chartes. Essa nova tendência se desenvolveu na França dos anos de 1960. Em um curto período de duas décadas, a história do livro se tornou um campo de estudo rico e variado.

Nesse processo é fundamental o papel da biblioteca que reúne pesquisadores de diversas áreas e todos que desejam entender o livro com vigor histórico. Os livros não respeitam limites, ou seja, muitas vezes foram escritos por autores, compostos por gráficos que não trabalham em sua língua materna, vendidos por livreiros que operam cruzando fronteiras e lidos num idioma por leitores que falam outro. O livro, por sua própria natureza, deve ser internacional e interdisciplinar, pois as escritas dos livros não apenas relatam a história, mas fazem a história (DARNTON, 2010).

A biblioteca carrega consigo um potencial que as coleções públicas e as bibliotecas acadêmicas tendem a obscurecer. Da mesma forma que a biblioteca oferece uma passagem para o universo das ideias possíveis, o livro, enquanto objeto de estimação, revela a seu possuidor as conexões que os livros vão traçando individualmente em diferentes tempos e lugares – conexões refletidas na história de seus antigos donos, de suas encadernações, de suas páginas ainda fechadas. O livro é um objeto e, como todo objeto, traz a história de sua confecção. Ele é a porta e a chave, o passaporte e o meio de transporte. Neste sentido, de forma breve, ressalto a conexão da história da leitura e a história do livro quando Chartier (2007) concebe

> O livro não apenas como objeto de leitura, mas como um instrumento que desvenda a cultura da humanidade ao longo dos séculos. Sua atenção volta-se para a reação das sociedades diante das alternativas de acumular documentos ou destruí-los para não serem soterradas sob sua própria produção escrita.

Para Chartier (2007), se "não é possível ficar com tudo que se escreve, é necessário estabelecer critérios para fazer escolhas". Na sua obra *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII),* ele estuda esses parâmetros para compreender melhor como funcionam as culturas e quais os caminhos que são trilhados para se decidir que textos desejam guardar.

A leitura não está ainda inscrita no texto e, não há, portanto, distância pensável entre o sentido que lhe é imposta (por seu autor, pelo uso, pela crítica etc.) e a interpretação que pode ser feita por seus leitores; consequentemente, um texto só existe se houver um leitor para lhe dar um significado.

Para isso não podemos pensar na biblioteca como um depósito, pois a maioria das bibliotecas de pesquisa opera como centros nervosos de transmissão e orquestram sistemas de informação preservando o passado e acumulando energia para o futuro. É interessante imaginar que um texto lido e lembrado passa a ser,

nessa releitura, um lago congelado ou tão sólido como a terra, capaz de sustentar a travessia do leitor, contudo, ao mesmo tempo sua única existência está na mente, tão precária e fugaz como se suas letras fossem escritas na água.

Chartier, preocupado em traçar uma história da leitura, que tenha como um dos propósitos a (re)construção histórica das redes de práticas, que organizam culturalmente as maneiras diferenciadas de acesso aos textos de diferentes comunidades de leitores, faz uma pertinente advertência:

> Há contrastes, igualmente, entre as normas e as convenções de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos da interpretação. Contrastes, enfim, encontramos entre os diversos interesses e expectativas com os quais os diferentes grupos de leitores investem a prática da leitura. (CHARTIER, 1999, p. 13)

Sendo assim, pode-se pensar também na escassez de livros e material impresso em que o ato de ler representa ascensão social e status, embora, não seja a pretensão nesta pesquisa de refletir sobre as praticas de leitura presente no acervo da Biblioteca do IFAN. No entanto, quando Chartier (2004) vai aprofundando suas análises sobre a história dos livros, destaca três polos que definem, a seu ver, uma história do livro: a análise dos textos, a partir de suas estruturas e objetivos; a história do livro, com todas as formas que toma o escrito; e o estudo das diferentes práticas associadas a esses objetos ou de suas formas produzindo usos e significações diferenciadas.

Darnton (2007, p. 7) avisa que “precisamos saber mais sobre o mundo por trás dos livros”. É fundamental e necessário dialogar mais com as fontes para encontrar respostas a questões que no processo de pesquisa foram levantadas.

Ao se analisar o acervo da Biblioteca do IFAN, visualizando os títulos dos livros e a datas das publicações, será possível perceber que uma expressiva mudança ocorreu em relação aos temas publicados pela editora Vozes, e que forneceram à essa biblioteca outro significativo elemento identitário, desta vez associado não tanto à identidade e à filiação teológica franciscanista, mas ao fato de alguns franciscanos terem se envolvido com a Teologia da Libertação.

O APÊNDICE B apresenta a lista dos títulos publicados pela Editora Vozes, separados por década, que compunham o acervo da biblioteca até o ano de 2010. Como foi visto no capítulo 2, esta editora destaca-se dentre todas as que estão presentes no acervo (no total de 514), por ser a maior fornecedora de livros para a

biblioteca. De 2.344 títulos, temos um total de 306 títulos publicados pela Editora Vozes, contando 534 exemplares.

Pela lista dos títulos, percebe-se que, entre os anos de 1910 a 1970, eles versam sobre a Ordem Franciscana, a vida dos santos, as histórias de São Francisco e de Santa Clara, as questões gerais da teologia e da doutrina cristã católica. A partir de 1970, verifica-se que parte dos novos temas, que passaram a compor os títulos dos livros, refere-se à Teologia da Libertação e à vinculação dos franciscanos aos movimentos sociais, que visavam a uma maior justiça social.

O problema da militarização da América Latina e os consequentes regimes político-militares autoritários, com seus Sistemas de Segurança Nacional, suas ideologias justificadoras de repressões, violência e perseguição, criaram um clima de cativeiro e de exílio para muitos cristãos e não cristãos comprometidos com as transformações sociais e políticas necessárias para a superação da injustiça, da pobreza, da miséria e da dependência e de suas causas e fontes estruturais.

O contexto sociopolítico de violência, perseguição e repressão obriga também a Igreja e a própria Teologia a uma experiência de cativeiro e exílio. Isso fica evidente em quase todas as abordagens da Teologia da Libertação propostas no Encontro da Cidade do México e revela que o clima sociopolítico que condiciona a Teologia e a missão da Igreja de então é o clima do cativeiro e do exílio. Constata-se que o que já vinha anunciado em *El Escorial* (1972), principalmente pelas exposições aí proferidas por Héctor Borrat (Uruguai) e Cândido Padin (Brasil), que davam sinais do clima de perseguição já presente na América Latina, torna-se, agora, no Encontro do México (1975), um lugar comum para os que se envolvem com uma Teologia e uma evangelização libertadoras e comprometidas com as transformações da História e da sociedade na América Latina (COMBLIN, 1975).

Na década de 1970, os livros do teólogo peruano e sacerdote dominicano Gustavo Gutiérrez, considerado por muitos como o fundador da Teologia da Libertação, ocupa um lugar de destaque. Gutiérrez cria, no fim dos anos de 1960, um método teológico *desde* e *para a* América Latina pobre e oprimida. Deu a essa reflexão da fé, a partir do reverso da história, o nome de Teologia da Libertação. A ele deve-se a primeira obra sistemática de reflexão crítica a partir da práxis histórica da libertação em confronto com a palavra de Deus, acolhida e vivenciada na fé.

Na ótica de Gutiérrez, a teologia é representada como um ato segundo, que supõe como ato primeiro não uma práxis qualquer, mas a práxis de uma espiritualidade caracterizada pelo compromisso com o outro – que no contexto latino-americano é o empobrecido – e, depois, pela luta em prol da justiça que o Deus da vida não só comanda, mas compartilha. Nesse contexto, a teologia será uma reflexão crítica *a partir de* e *a respeito da* práxis histórica diante da palavra do Senhor, acolhida e vivida na fé (LIBANIO, 2004).

A Teologia da Libertação foi criada a partir das mudanças introduzidas pelo Concílio Vaticano II, de 1962. Essa proposta teológica incorporou algumas categorias do marxismo – e possibilitou o surgimento de Comunidades Eclesiais de Bases (CEBs) –, a opção preferencial pelos pobres e trouxe um debate que incendiou católicos no mundo todo. Culminou com sua proibição pelo Cardeal Joseph Ratzinger, o hoje Papa Bento XVI, que era prefeito da Sagrada Congregação Para a Doutrina da Fé (ex-Santo Ofício) no pontificado de João Paulo II.

Para se ter uma dimensão da tensão que a Teologia da Libertação gerava no interior da Igreja Católica Apostólica Romana é importante lembrar que em Puebla, no México, em 1979, João Paulo II fez um discurso duro afirmando que a Teologia da Libertação tinha o marxismo por base e chamou a igreja popular de paralela. Propôs que a Igreja se voltasse para as vocações sacerdotais, a família e a juventude, que entendia como prioridades.

Para a Teologia da Libertação, a vida do pobre é marcada pela fome e exploração, por cuidado médico inadequado, pela ausência de habitação digna, pela dificuldade em alcançar alguma educação, por salários injustos e desemprego, pelas lutas por seus direitos e também pela repressão.

O livro *Teologia da Libertação*, lançado na década de 1970, focaliza o Deus da Aliança com os marginalizados e desclassificados. Nesse livro, Gutiérrez (1975) afirma que o cristianismo da misericórdia não deveria ser apenas da assistência pela esmola, mas do compromisso com a superação das desigualdades sociais. Dessa forma, a Teologia da Libertação oferecia uma nova espiritualidade para o engajamento paroquial, comunitário e religioso. Isso se manifestou num "novo jeito de ser Igreja", que se concretizou nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

A obra de Gutiérrez tem um enfoque marxista da análise da realidade e a oposição mais forte da obra veio de alguns componentes da sociedade civil - representantes dos poderes econômicos, militares e políticos.

A teologia de Gutiérrez envereda pelos itinerários da práxis, assumindo as linhas da centralização da caridade e na vida cristã, da espiritualidade na ação, do caráter histórico da revelação, da vida da Igreja como lugar teológico, da valorização filosófica e escatológica das práxis humana histórica (LIBANIO, 2004).

Nos anos de 1980, um dos marcos editoriais na história da Editora Vozes é o lançamento da coleção Teologia da Libertação. Com vários títulos publicados, apresenta o fruto da reflexão teológica produzida na América Latina após o Vaticano II e Medellín. Articulando Teologia e Ciências Sociais, faz uma releitura da revelação cristã na perspectiva do pobre. Denuncia com indignação a injustiça social e anuncia uma nova fase, na qual a prioridade cabe ao pobre, ao marginalizado e ao excluído social.

Um dos autores que merece destaque nesse conjunto é o José Comblin, pois é possível observar uma percepção da necessidade de uma Teologia relevante para a América Latina em dois artigos seus, publicados em 1966 e 1967, nos quais se observam, indiretamente, indícios da percepção da necessidade de uma Teologia originalmente latino-americana[44].

No primeiro artigo, *a Teologia frente à evangelização,* José Comblin parte da interrogação sobre o que é a Teologia. Deixando de lado as definições clássicas, propõe que a Teologia é a leitura que intenta descobrir a mensagem de Deus dirigida ao ser humano de hoje. Está a serviço da evangelização, que consiste na denúncia da falsa interpretação do cristianismo e no anúncio do verdadeiro Evangelho de Jesus Cristo. A Teologia dos últimos séculos preparou-se pouco para esta tarefa. Foi predominantemente "clerical" e "acadêmica", daí uma Teologia com conceitos pouco aprofundados "porque sem referência suficiente à experiência da vida cristã" (COMBLIN, 1968, p.16).

De acordo com Comblin (1968) a Teologia dialoga com a Filosofia e com as Ciências Sociais, ampliando o leque de disciplinas humanas para trabalhar o

[44] Os dois artigos em: José COMBLIN, *Os sinais dos tempos e a evangelização*, p. 11-33. O primeiro artigo *A Teologia frente à Evangelização* consiste no texto da Aula Inaugural do IFTE de São Paulo, 1º de março de 1966 e foi publicado também em O SEMINÁRIO 41/210 (1966) 352-359. O segundo artigo, *O futuro dos estudos teológicos na América Latina,* foi publicado no volume coletivo: *Cristologia y pastoral.* Barcelona/Santiago do Chile: Eler/Dilapsa, 1967, p.207-224.

mistério cristão. Aqui, também, pode ser notada a marca da inserção nas Comunidades Eclesiais de Base e de sua participação dos movimentos sociais.

Nos anos de 1990, especialmente na sua primeira metade, ainda novos títulos que se voltam para a Teologia da Libertação são publicados. Muitas das obras desse período tratam dos estudos e debates das questões sociais e culturais com a tarefa de promover a pesquisa, o estudo e a divulgação da visão franciscana do mundo. A presença desses livros na formação do acervo da Biblioteca do IFAN leva a crer a intenção dos pesquisadores do Instituto em divulgar os autores importantes desta vertente teológica.

Dos títulos importantes desta década destaca-se Hugo Assmann. Mas, dentre os membros pioneiros dessa comunidade de investigação pode-se, a título de exemplo e correndo o risco de omissões, citar Enrique Dussel, Ivone Gebara, Maria Clara Lucchetti Bingemer.

A figura de Hugo Assmann destaca-se nessa comunidade de conhecimento teológico pelo seu papel significativo como agente desse conhecimento na configuração e expressão de uma Teologia originalmente latino-americana. Assmann e Gutierrez são os primeiros autores que conseguem mostrar, de forma mais orgânica e sistemática, as grandes linhas de força do pensamento teológico emergente nos anos de 1960, daí seu papel original e significativo no nascimento da Teologia da Libertação Latino-americana.

Não pretendo aqui um retrato amplo da obra desse autor e sim ressaltar seu papel e as bases que coloca para o nascimento da Teologia da Libertação e, concomitantemente, potencializar a relação, proposta por esse autor, no que tange à relevância da realidade latino-americana para a Teologia.

De acordo com Lopez (2009, p. 17), na introdução à obra conjunta *Pueblo Oprimido, Señor de la Historia,* Hugo Assmann

> Propõe, de modo crítico, que Medellín testemunha a emergência de uma linguagem nova e desafiadora: a linguagem da libertação. Linguagem esta que emerge na América Latina em decorrência da experiência histórica do acaso das perspectivas desenvolvimentistas. Experiência que impulsionou "a muitos cristãos, e até mesmo aos níveis oficiais das Igrejas, a uma linguagem nova e desafiadora: a linguagem da libertação". Desta forma "em Medellín e em muitos outros pronunciamentos de eclesiásticos, esta linguagem passou a formar parte do conteúdo de documentos oficiais.

Porém também a inicial euforia da impactante denúncia representada pelos documentos de Medellín foi se esgotando rapidamente. Neste nível oficial, tratou-se, evidentemente, de uma linguagem de denúncia cuja articulação revelou-se, na prática, irrealizável. Foi, contudo, muito mais que o avançado do Concílio Vaticano II, "[...] não só porque se tratava de um enfoque distinto e mais latino-americano, mas, sobretudo porque possibilitou a muitos radicalizar decididamente o que nos citados documentos não era mais que uma vaga aproximação da nossa realidade" (ASSMANN, 1972, p.10).

Segundo Hugo Assmann, o ponto de partida contextual da Teologia da Libertação é a situação histórica de dependência e dominação em que se encontram os povos do Terceiro Mundo[45]. Isso tem duas razões: a primeira é porque se busca uma Teologia "latino-americana" e esta é a situação contextual latino-americana. Mas há outra razão fundamental: a situação de dominação, dependência e subdesenvolvimento de dois terços da humanidade incide, como desafio, sobre o próprio sentido histórico do cristianismo e questiona radicalmente a missão da Igreja.

Por isso, é conveniente insistir nesse ponto de partida contextual para que se veja que não se trata de um estreitamento local latino-americano da tarefa teológica. Se a situação histórica de dependência e de dominação de dois terços da humanidade, com seus 30 milhões anuais de mortos de fome e desnutrição não se convertem no ponto de partida de qualquer Teologia cristã hoje, mesmo nos países ricos e dominadores, a Teologia não poderá situar e concretizar historicamente seus temas fundamentais (ASSMANN, 1972, p.39-42).

De acordo com os princípios da Classificação Decimal Universal (CDU) foram identificados, classificados e catalogados por assunto no acervo da biblioteca do IFAN 50 títulos, correspondendo a 69 exemplares sobre Teologia da Libertação num total de 2.344 títulos.

No quadro 1 foram identificados nessa Biblioteca autores jesuítas, dominicanos, pastor de Igreja Batista, religiosa, ex-monge beneditino, sacerdotes, franciscanos e leigos – o que me permite supor que, dentre os intelectuais, a

[45] Terceiro Mundo é um termo da Teoria dos Mundos, originado na Guerra Fria, para descrever os países que se posicionaram como neutros na Guerra Fria, não se aliando nem aos Estados Unidos e aos países que defendiam o capitalismo, e nem à União Soviética e aos países que defendiam o socialismo. O conceito mais amplo do termo pode definir os países em desenvolvimento e subdesenvolvidos, ou seja, os que possuem uma economia e/ou uma sociedade pouco ou insuficientemente avançada(s).

Teologia da Libertação era um movimento que não estava restrito somente à Igreja Católica.

Outro dado que me chama a atenção é o fato de os teólogos estarem atuando em países da América do Sul, sobretudo, aqueles que viviam sob a violência das ditaduras militares.

A presença de apenas duas mulheres, no quadro a seguir, poderia significar que a produção feminina na área foi pouco valorizada pelos pesquisadores do IFAN ou que ela foi efetivamente incipiente. Mas cabe pontuar que se pode supor, depois de uma breve pesquisa da biografia de ambas, que essas autoras militaram em institutos ou órgãos reconhecidamente ligados à Teologia da Libertação ou à ala mais à esquerda da Igreja Católica Apostólica.

Ivone Gebara, por exemplo, lecionou no Instituto de Teologia do Recife até sua dissolução decretada pelo Vaticano, em 1999, ou seja, na época do papado de João Paulo II. Ela foi condenada ao 'silêncio obsequioso', uma punição que a Igreja impõe a quem fala demais. Considerada feminista, a religiosa, teóloga e filósofa, manifestou-se favorável à mulher poder decidir sobre seu corpo e por ser favorável ao aborto foi punida. Já Maria Clara Lucchetti Bingemer lecionou no Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis, onde vários franciscanos pertenciam à Teologia da Libertação.

NOME	**NACIONALIDADE**	**ORDEM**	**Localização da maior parte do tempo onde atuaram**
JORGE V. PIXLEY Chicago, 1938	Chicago	Pastor da Igreja Batista	Nicarágua Doutor estudos bíblicos em Chicago. Entre 1963-1975 professor do antigo testamento. Exegeta muito competente tem privilegiado o estudo da Bíblia na ótica do povo simples e pobre.
CLODOVIS BOFF Concórdia-SC 1945	Brasil	OFM	Rio de Janeiro Padre franciscano do Servo de Maria, catarinense de Concórdia. Destaca-se na comunidade teológica por seu vigor teórico e lucidez cortante. Sua tese *Teologia e prática* é um marco teórico importante da Teologia da Libertação e seu livro *Como trabalhar com o povo,* o catecismo de todo agente popular.

LEONARDO BOFF Concórdia-SC 1938	Brasil	OFM	Rio de Janeiro Teólogo brasileiro, escritor e professor universitário, expoente da Teologia da Libertação no Brasil. Foi membro da Ordem dos Frades Menores, tendo ingressado em 1959 e foi ordenado sacerdote em 1964. Em 1970, doutorou-se em Filosofia e Teologia na Universidade de Munique, Alemanha. Ao retornar ao Brasil, ajudou a consolidar a Teologia da Libertação no país. Lecionou Teologia Sistemática e Ecumênica no Instituto Teológico Franciscano em Petrópolis (RJ) durante 22 anos. Foi editor das revistas *Concilium* (1970-1995) (Revista Internacional de Teologia), *Revista de Cultura Vozes* (1984-1992) e *Revista Eclesiástica Brasileira* (1970-1984). Seus questionamentos a respeito da hierarquia católica, expressos no livro "Igreja, Carisma e Poder" foi alvo de um processo na Congregação para a Doutrina da Fé, sob a direção de Joseph Ratzinger, hoje o Papa Bento XVI, e que culminou em sua saída da Igreja. É respeitado pela sua história de defesa pelas causas sociais e atualmente debate também questões ambientais.
JOSÉ ALDUNATE 05/6/1917	Chile	Jesuíta	Santiago Sacerdote da Companhia de Jesus do Chile. Foi professor de Moral, padre-operário e um defensor dos direitos humanos durante o regime militar.
MANUEL DÍAZ MATEOS	Peru	Jesuíta	Lima Padre e orientador de comunidades de leigos unidos pela espiritualidade inaciana com desejo de seguir a Cristo, que concretiza no meio social em que vivem, seja profissional, econômico e político cultural em Lima. Desde fevereiro de 2012 vive na Comunidade do Instituto Bíblico de Roma.
Frei Betto Belo Horizonte 25/08/1944	Brasil	Dominicano	Belo Horizonte Pseudônimo de **Carlos Alberto Libânio Christo,** é um escritor e religioso dominicano brasileiro, filho do jornalista Antônio Carlos Vieira Christo e da escritora e culinarista Maria Stella Libanio Christo, autora do clássico "Fogão de Lenha - 300 anos de cozinha mineira".
GUSTAVO GUTIÉRREZ Lima, 08/06/1928	Peru	Dominicano	Chile É um teólogo peruano e sacerdote dominicano, considerado o fundador da Teologia da Libertação. Sofreu de osteomielite na infância e adolescência,

			permaneceu em cadeira de rodas dos doze aos dezoito anos. Ao recuperar a mobilidade, estudou Medicina e Letras na Universidad Nacional Mayor de San Marcos. Foi militante da Ação Católica, o que o motivou a aprofundar os estudos teológicos. Decidido pelo sacerdócio, entrou para o seminário em Santiago do Chile. Estudou Filosofia e Psicologia na Universidade Católica de Louvain, Bélgica. Seus estudos de Teologia foram efetuados na Universidade Católica de Lyon, França, na Universidade Gregoriana de Roma e no Instituto Católico de Paris, chegando ao grau de doutor.
YVES CONGAR Sedan, 8/4/1904 Paris, 22/6/1995	França	Dominicano	França Teólogo dominicano francês, ordenado em 1930. Foi fundador e diretor da coleção Unam Sanctam, e professor de Teologia na faculdade de Le Saulchoir.
FRANCISCO CATÃO Rio de Janeiro, 1927.	Brasil	Ex-monge Beneditino	São Paulo / França Doutor em Teologia pela Universidade de Strasbourg (França) e professor de Cristologia e Teologia Espiritual no Instituto Teológico Pio XI, dos padres salesianos, em São Paulo. É também membro do Conselho Editorial de Paulinas. Em 1969, foi preso pela ditadura militar e viveu na clandestinidade por algum tempo, até exilar-se na Europa. Lá viveu por 15 anos, integrando o braço financeiro do Movimento Popular de Libertação e trabalhando em Genebra com o objetivo de financiar a resistência à ditadura no Brasil. Voltou ao país em 1985. Em 1987, casou-se com Laura Souza Pinto.
ENRIQUE DUSSEL Mendoza, 24/12/1934	Argentina	Leigo	México / Espanha Filósofo argentino radicado (exilado) desde 1975 no México. É um dos maiores expoentes da filosofia da libertação e do pensamento latino-americano em geral. Entre 1953 e 1957 estudou filosofia na Universidade Nacional de Cuyo. Sua tese de licenciatura trata da noção de bem comum entre os gregos. Radicado na Espanha, segue seus estudos filosóficos na Universidad Complutense de Madrid. Em 1959 apresenta sua tese (em que segue investigando o bem comum) e obtém o doutorado.
JULIO DE SANTA ANA	Uruguai	Leigo	Suíça Doutor em Ciências da Religião em Strasbourg (França), ex-Secretário Geral do Movimento Igreja

			e Sociedade na América Latina, ex-Diretor da Comissão de Participação das Igrejas no Desenvolvimento, do Conselho Mundial de Igrejas; ex-Diretor do Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular (CESEP) e ex-Professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da UMESP-SP. Teólogo uruguaio que trabalhou por mais de dez anos no Brasil e atualmente ensina em Genebra, na Suíça.
IVONE GEBARA São Paulo, 1944	Brasil	Congregação das Irmãs de Nossa Senhora - Cônegas de Santo Agostinho	Pernambuco Doutora em Filosofia pela PUC-SP e graduada em Teologia pela Universidade Louvain (Bélgica). Vive há décadas no Nordeste, numa vida de "inserção" no meio popular, atualmente em Camaragibe (PE). Lecionou durante 17 anos no Instituto de Teologia do Recife, até sua dissolução decretada pelo Vaticano em 1999.
MARIA CLARA LUCCHETTI BINGEMER Rio de Janeiro, 1949	Brasil	Leiga	Rio de Janeiro Teóloga leiga, mãe de três filhos. Teve sua formação inicial em Comunicação Social. É professora da PUC do Rio de Janeiro e no Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, RJ.
HUGO ASSMANN Venâncio Aires, 22/7/1933- Piracicaba, 22/02/2008	Brasil	Sacerdote	Piracicaba Teólogo católico brasileiro que desenvolveu importante obra após o Concílio Vaticano II. É considerado um dos pioneiros da Teologia da Libertação no Brasil.
JOSEPH COMBLIN Bruxelas, 22/03/1923 Simões Filho, Ba 27/03/2011	Bélgica	Sacerdote	Brasil – Bahia Sacerdote e missionário belga, teólogo da Teologia da Libertação. Era doutor em Teologia pela Universidade Católica de Louvain. Belga, no Brasil adotou o nome de José. Era um homem tímido. Na década de1960, passou pelo Chile e voltou em 1965, a convite de dom Hélder Câmara, arcebispo de Olinda e Recife, para ser seu assessor. Como lembra o padre José Oscar Beozzo, teólogo e historiador, padre Comblin era bem radical em suas críticas. Em 1968, ele redigiu um documento sobre a situação da América Latina. Comblin, um dos mais destacados nomes da Teologia da Libertação, foi considerado subversivo, mas permaneceu no país até 1971. Naquele ano, ao voltar de uma aula dada na Bélgica, foi barrado e expulso. Exilou-se no Chile, de onde teve de sair com a ascensão de Pinochet. No Equador, trabalhou com indígenas e traduziu a Bíblia para o quíchua. Voltou definitivamente ao Brasil nos anos de 1980.

MIGUEL SAPATA RAMALHO 29/05/1932	Portugal	Sacerdote	Lisboa Sacerdote da Igreja Católica de Portugal e atuante na Teologia da Libertação. Ordenado em 12/08/1956.
PAULO M. TONUCCI	Itália	Sacerdote	Brasil Chegou ao Brasil no final de 1965 e foi desempenhar o seu trabalho sacerdotal num bairro periférico da cidade de Salvador, chamado Fazenda Grande do Retiro. Nos primeiros anos de sacerdócio no Brasil, Pe. Paulo começou a se relacionar com o Centro de Ação Social – CEAS, coordenado pelos jesuítas, que mantinha relações estreitas com organizações de esquerdas que faziam oposição e resistiam ao regime militar; se destaca também a forte influência sacerdotal e política do abade do Mosteiro de São Bento de Salvador, Dom Timóteo Amoroso Anastácio.
RONALDO MUÑOZ Santiago 07/3/1933 -15/12/2009	Chile	Sacerdote	Chile Estudou arquitetura por alguns anos e depois ingressou como religioso, em 1954, professando seus primeiros votos em março de 1955. Tendo terminado seus estudos no Seminário de Los Perales**,** em Valparaíso**,** recebeu ali mesmo a ordenação sacerdotal no dia 23 de julho de 1961. Depois, continuou os estudos de pós-graduação na Universidade Gregoriana de Roma e no Instituto Católico de Paris, onde obteve seu doutorado.

Quadro1: Identificação da Ordem Religiosa a que pertencem os autores.

Considero a Biblioteca do IFAN como um lugar de memória, porque, de acordo com Nora (1993, p.12), "Os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma extrema onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela a ignora". Ainda, para Nora "A verdadeira percepção do passado consist[e] em considerar que ele não [é] verdadeiramente passado" (NORA, 1993, p.18).

A separação entre memória e história na sociedade contemporânea produz significados bem definidos para o autor. A memória é tida como tradição definidora, portadora de uma herança que dá sentido e forma, é viva e dinâmica. Nora chega a afirmar que ela é: ditatorial e inconsciente de si mesma, organizadora e toda poderosa, espontaneamente atualizadora, uma memória sem passado que reconduz

eternamente a herança, conduzindo o antigamente dos ancestrais ao tempo indiferenciado dos heróis, das origens e dos mitos (NORA, 1993, p. 9). Para ele, a memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história só se liga a continuidades temporais, às evoluções, e às relações das coisas, e

> O passado nos é dado como radicalmente outro, ele é esse mundo do qual estamos desligados para sempre. É colocando em evidência toda a extensão que dele nos separa que nossa memória confessa sua verdade como operação que, de um golpe a suprime (NORA, 1993, p. 14).

Sendo assim:

> A história é reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história é uma representação do passado. Porque é efetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. A história porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discurso crítico. A memória instala a lembrança no sagrado, a história liberta, e a torna sempre prosaica. A memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Hallbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existirem; que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada. A história, ao contrário, pertence a todos e a ninguém, o que lhe dá uma vocação para o universal. A memória se enraíza no concreto, no espaço, no gesto, na imagem, no objeto. A história se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo (NORA, 1993, p. 19).

Todas as análises não são apenas conexões casuais. Os livros transformam-se ao sabor da sequência em que são lidos. Como traçar todas as conexões e de que modo muitos desses livros vinculam-se entre si? Os livros nos oferecem subsídios documentais e questionamentos instigantes aos que se debruçam sobre eles. Tal questionamento fica aqui como provocação, para que se examine mais detalhadamente outros aspectos que integram a coleção de livros incorporados à Biblioteca do IFAN.

O espaço da biblioteca como extensão do Instituto Franciscano, especialmente para a concretização das pesquisas, foi estratégico para disseminá-las, pois a coleção de livros que, destinados ao uso dos pesquisadores do IFAN, organizam e constituem o acervo da Biblioteca do IFAN, representada como necessária ao desempenho das pesquisas.

Bencostta (2007, p. 18) parte do pressuposto de que, na materialização da coleção, inscrevem-se dispositivos de constituição e organização; dispositivos que

não se resumem a procedimentos de seleção dos enunciados teóricos vinculados nos volumes que a compõem, mas abrangem, também, a própria configuração material – textos e tipografia – desses volumes. Dessa forma, o livro tem uma potencialidade que não pode ser desprezada, pois ele vai tecendo a trama entre seus leitores, os motivos, as diferenças, as intenções e evidenciando pistas do seu propósito no acervo, fazendo sentido para a história do conhecimento e da educação.

Os livros não existem no vazio, os escritores, como tais, têm uma função definida, exata e proporcionalmente à sua competência como escritores. Por isso ao analisar um livro, é importante que se conheça o tema ou o conteúdo que o compõe, para que se possa fazer uma leitura aprofundada, tirando do próprio texto os elementos para sua análise. Para elaborar uma análise é necessário, antes de tudo, que se pense sobre o sentido da palavra analisar: que é o de decompor um todo em partes com o objetivo de conhecer a sua natureza, suas proporções, suas funções e suas relações com esta ou aquela natureza.

Um objeto, ao ser analisado, terá uma relação implícita com outro(s) objeto(s). Assim, se o texto aborda questões psicológicas, remete o analista ao conhecimento da Psicologia, se aparecem aspectos filosóficos, a leitura remete a questões da Filosofia. Em outras palavras, cada livro apresenta as características da área do conhecimento que lhe é pertinente, mas, também, concepções referentes ao conhecimento de outras áreas.

Tomar essa biblioteca como objeto de pesquisa significou tanto refletir acerca das implicações da valorização das histórias e memórias franciscanas quanto atentar para a conservação de um patrimônio bibliográfico singular pela Ordem Franciscana, na contemporaneidade. De acordo com Henri Atlan 1972, citado por Le Goff (2003, p. 421):

> A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pôde sair dos limites físicos do nosso corpo para se impor quer nos outros, quer nas bibliotecas.

No quadro anterior, os dados apresentados foram tomados a partir da catalogação, via CDU. Contudo, considero essa técnica, por si só, limitada. Embora os dados sejam necessários, são insuficientes para contemplar o perfil do acervo e os referenciais teóricos de toda produção da Teologia da Libertação. Por isso,

elaborei o quadro 2 em que consta toda a produção dos autores citados no quadro 1 com seus respectivos títulos, assuntos e exemplares disponíveis no acervo da Biblioteca do IFAN.

A CDU é utilizada nas bibliotecas do mundo todo, ou seja, a classificação (276) utilizada aqui no Brasil para Teologia da Libertação é mesma em qualquer biblioteca no exterior que trabalhe com esse sistema. Porém, se forem considerados apenas os seus dados, não seria possível mostrar o pensamento marxista, de CEBs, das lutas de classes e da Teologia da Libertação no acervo da Biblioteca do IFAN. O leitor mais desatento pode não perceber a relação que existe entre exemplares de tais temáticas por não estarem 'juntos' na mesma prateleira no acervo da biblioteca. Por isso, a importância de não homogenizar e nem universalizar: para não perder a singularidade do contexto. Vale ressaltar a importância do livre acesso às obras, principalmente, quando o leitor caminha com autonomia pelo acervo numa biblioteca.

A seguir. alguns exemplos de obras do acervo que não estão com a classificação 276, porém contemplam a temática da Teologia da Libertação do autor Frei Betto: *O que é comunidade eclesial de base, Cartas da prisão, Cristianismo e marxismo*, entre outros.

AUTOR	ASSUNTO/Nº DE TÍTULOS	EXEMPLARES
JORGE V. PIXLEY	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**2** PIXLEY, Jorge V. 1937-; BOFF, Clodovis 1944-. **Opção pelos pobres.** Petrópolis: Vozes, 1986. 280 p. **Ex.: 1** / *Classificação: 276 P764o* PIXLEY, Jorge V. 1937-; BOFF, Clodovis 1944-. **Opção pelos pobres.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. v. (Série I: experiência de Deus e justiça) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 P764op 2. ed.*
CLODOVIS BOFF	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**5** BOFF, Clodovis et al. **Cristãos:** como fazer política. Petrópolis: Vozes, 1987. 165 p. (Coleção fazer ; 26) **Ex.: 3** / *Classificação: 282:321.7 C951* BOFF, Clodovis. **Teologia e prática:** teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978. 408 p. (Centro de investigação e divulgação.15Teologia ;) **Ex.: 2** / *Classificação: 276 B661tp*

LEONARDO BOFF	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 17	**49** BOFF, Leonardo et al. **O franciscanismo no mundo de hoje.** Petrópolis: Vozes, 1981. 118 p. (Documentos franciscanos ;18) **Ex.: 2** / *Classificação: 271.3 Fr892* BOFF, Leonardo. **A fé na periferia do mundo.** 2. ed Petrópolis: Vozes, 1979. 128 p. (Centro de investigação e divulgação.17Teologia ;) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B661f 2. ed.* BOFF, Leonardo. **A vida religiosa e a igreja no processo de libertação.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes: Conferência dos Religiosos do Brasil, 1976. 101 p. (Coleção vida religiosa: temas atuais ;1) **Ex.: 3** / *Classificação: 276 B661v 2. ed.* BOFF, Leonardo. **A voz do arco-íris.** Rio de Janeiro: Sextante, 2004. 157 p. ISBN 85-7542-123-9 **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B661vo* BOFF, Leonardo. **Antropologia teologica.** Petrópolis: s. n., 1976. 133 p. **Ex.: 1** / *Classificação: 21 B661a* BOFF, Leonardo. **Crise:** oportunidade de crescimento. Campinas: Verus, 2002. 212 p. ISBN 85-87795-34-1 **Ex.: 2** / *Classificação: 276 B661cr* BOFF, Leonardo. **Dignitas terrae:** ecologia: grito da terra, grito dos pobres. 3. ed. São Paulo: Ática, 1999. 341 p. (Série religião e cidadania) ISBN 85-0805519-6 **Ex.: 2** / *Classificação: 276 B661di 3. ed.* BOFF, Leonardo. **Ecologia mundialização espiritualidade:** a emergência de um novo paradigma. 2. ed. São Paulo: Ática, 1996. 180 p. (Série religião e cidadania) ISBN 85-0804502-6 **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B661e 2. ed.* BOFF, Leonardo. **Ecologia mundialização espiritualidade:** a emergência de um novo paradigma. São Paulo: Ática, 1993. 180 p. (Série religião e cidadania) ISBN 85-08-04502-6 **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B661e* BOFF, Leonardo. **Ecologia:** grito da terra, grito dos pobres. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. 319 p. ISBN 85-7542-098-4 **Ex.: 2** / *Classificação: 276 B661eg* BOFF, Leonardo. **Ética da vida.** 2. ed. Brasília: Letraviva, 2000. 241 p. ISBN 85-87374-20-6 (broch.) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B611et 2. Ed.* BOFF, Leonardo. **Francisco de Assis:** homem do

		paraíso. Petrópolis, RJ: Vozes, 1985. 126 p. **Ex.: 1** / *Classificação: 271.3 B661f* BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder:** ensaios de eclesiologia militante. Petrópolis: Vozes, 1981-1982. 249 p. (Teologia21) **Ex.: 2** / *Classificação: 276 B661i 3. ed.* BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder:** ensaios de eclesiologia militante. São Paulo: Ática, 1994. 367 p. (Série religião e cidadania) ISBN 85-08-04653-7 **Ex.: 2** / *Classificação: 276 B661ir* BOFF, Leonardo. **Novas fronteiras da igreja:** o futuro de um povo a caminho. Campinas: Verus, 2004. 193 p. ISBN 85-87795-60-0 **Ex.: 3** / *Classificação: 276 B661n* BOFF, Leonardo. **O caminhar da igreja com os oprimidos:** do vale de lágrimas rumo à Terra Prometida. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. 351 p. **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B661ca 3. ed.* BOFF, Leonardo. **O caminhar da igreja com os oprimidos:** do vale de lágrimas à Terra Prometida. Rio de Janeiro: Codecri, 1980. 252 p. (Coleção edições do Pasquim ;82) **Ex.: 2** / *Classificação: 276 B661c* BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo:** ensaio sobre a vocação humana. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1974. 166 p. (Centro de investigação e divulgação. (Teologia ;6) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B661d 3. ed.* BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo:** ensaio sobre a vocação humana. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 181 p. ISBN 85-326-0502-8 **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B661d 8. ed.* BOFF, Leonardo. **O evangelho do Cristo cósmico:** a realidade de um mito, o mito de uma realidade. Petrópolis [RJ]: Vozes, 1971. 121 p. (Centro de investigação e divulgação.1Teologia ;) **Ex.: 1** / *Classificação: 232 B661e* BOFF, Leonardo. **São Francisco de Assis:** ternura e vigor: uma leitura a partir dos pobres. Petrópolis: Vozes, 1981. 197 p. (Coleção CEFEPAL. Série estudos fransciscanos ;15) **Ex.: 2** / *Classificação: 271.3:92 S. FRANCISCO B661s* BOFF, Leonardo. **Teologia desde el cautiverio.** Bogotá: Indo-American, 1975. 202 p. (Colección Iglesia nueva ;23) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B661te* BOFF, Leonardo. **Teologia do cativeiro e da libertação.** 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 271 p. **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B661tc 5. ed.*

		BOFF, Leonardo. **Teologia do cativeiro e da libertação.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980. 274 p. (Centro de investigação e divulgação.20Teologia ;) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B661tc 2. ed.* BOFF, Leonardo. **Teologia do cativeiro e da libertação.** São Paulo, SP: Círculo do Livro, 1987. 274p. **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B661tg* BOFF, Leonardo. **Testigos de Dios en el corazón del mundo.** Madrid: Publicaciones Claretianas, 1977. (Publicaciones del Instituto Teológico de Vida Religiosa) ISBN 84-85167-09-0 **Ex.: 1** / *Classificação: 271.01 B661t* BOFF, Leonardo; BETTO. **Mística e espiritualidade.** Rio de Janeiro: Rocco, 1994. 163 p. (Coleção Arco do tempo) ISBN 85-325-0461-2 **Ex.: 1** / *Classificação: 242 B661m* BOFF, Leonardo; BETTO; BOGO, Ademar. **Valores de uma prática militante.** São Paulo: Consulta Popular, 2000. 80 p. (Cartilha (Consulta popular) ;9) **Ex.: 1** / *Classificação: 109.39 B661v* BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Como fazer teologia da libertação.** Petrópolis: Vozes, 1986. 141 p. (Coleção fazer ;17-18) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B661co* BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Da libertação:** o sentido teológico das libertações sócio-históricas. Petrópolis: Vozes, 1979. 114 p. (Centro de investigação e divulgação.19Teologia ;) **Ex.: 2** / *Classificação: 276 B661da (IFAN) Ac.89133* BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Teologia da libertação no debate atual.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 77 p. (Teologia orgânica ;13) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B661t 2. ed.* BOFF, Leonardo; BOFF, Clodovis. **Teologia da libertação no debate atual.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 77 p. (Teologia orgânica ;13) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B661t 3. ed.* BOFF, Leonardo; BUHLMANN, Walbert (Coord.). **Os franciscanos ante os desafios do Terceiro Mundo:** Congresso Missionário Interfranciscano de Mattli (Suíça), realizado de 13 a 25 de setembro de 1982. Petrópolis, RJ: Vozes: CEFEPAL, 1983. 250 p. (Coleção CEFEPAL ;18.Série estudos franciscanos ;) **Ex.: 3** / *Classificação: 271.3 Fn892* BOFF, Leonardo; CAYOTA, Mario; CROCOLI, Aldir. **Francisco na ótica latino-americana:** fundamentação franciscana de justiça, paz e ecologia. Petrópolis: Serviço Inter-Franciscano de Justiça, Paz e Ecologia,

		1991. 132 p. **Ex.: 1** / *Classificação: 271.3 B661fn*
JOSÉ ALDUNATE	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**1** ALDUNATE, José 1917- (Coord.). **Direitos humanos, direito dos pobres.** Petrópolis: Vozes, 1991. 207 p. (Teologia e libertação. Série V, Desafios da vida na sociedade ; 3) ISBN 85-326-0041-7 (broch.) **Ex.: 3** / *Classificação: 276 D635*
MANUEL DÍAZ MATEOS	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**1** DÍAZ MATEOS, Manuel. **A vida nova:** fé, esperança e caridade. Petrópolis: Vozes, 1993. 278 p. (Coleção teologia e libertação.4Série III a libertação na história ;) ISBN 85-326-0904-X **Ex.: 1** / *Classificação: 276 D538v*
FREI BETTO	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**16** Betto. **Fome de pão e de beleza.** [São Paulo]: Siciliano, [19--]. 330 p. **Ex.: 1** / *Classificação: 276 B466f* Betto. **Cartas da prisão.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. 232 p. **Ex.: 1** / *Classificação: LO 869.0 B466c* Betto. **Cartas da prisão.** São Paulo: Círculo do Livro, [198-]. 242 p. **Ex.: 1** / *Classificação: LO 869.0 B466ca* Betto. **Cristianismo & marxismo.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 47 p. **Ex.: 1** / *Classificação: 26:141.8 B466c 2. ed.* Betto. **Fidel e a religião:** conversas com Frei Betto. 18. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986. 381 p. (Leituras afins) **Ex.: 1** / *Classificação: 92 FIDEL CASTRO B466f 18. ed.* Betto. **O que é comunidade eclesial de base.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1981. 115 p. (Coleção Primeiros passos ;19) **Ex.: 6** / *Classificação: 254.5 B466q 4. ed.* Betto. **O que é comunidade eclesial de base.** São Paulo: Brasiliense, 1981. 115 p. (Coleção Primeiros passos ;19) **Ex.: 1** / *Classificação: 254.5 B466q* Betto. **Oração na ação:** contribuição à espiritualidade da libertação. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. 108 p. **Ex.: 1** / *Classificação: 264.063 B466o*

		Betto. **Sinfonia universal:** a cosmovisão de Teilhard de Chardin. 2. ed. São Paulo: Ática, 1997. 127 p. ISBN 85-08-06597-3 **Ex.: 3** / *Classificação: 18 TEILHARD B466s*
GUSTAVO GUTIÉRREZ	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**4** GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação:** perspectivas. Petrópolis: Vozes, 1975. 274 p. **Ex.: 3** / *Classificação: 276 G995t* GUTIÉRREZ, Gustavo. **Onde dormirão os pobres?** 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003. 66 p. **Ex.: 1** / *Classificação:* 282:304 G995o
YVES CONGAR	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**1** CONGAR, Yves. **Os leigos na igreja:** escalões para uma teologia do laicato. São Paulo: Herder, 1966. 712p. **Ex.: 1** / *Classificação: 276 C759L*
FRANCISCO CATÃO	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**2** CATÃO, Francisco A. C. **O que é teologia da libertação.** São Paulo: Brasiliense, 1985. 100 p. (Coleção Primeiros passos ;160) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 C356q* CATÃO, Francisco A. C. **O que é teologia da libertação.** São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986. 100 p. (Coleção Primeiros passos; 83) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 C356qt*
ENRIQUE DUSSEL	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 5	**5** DUSSEL, Enrique D. **Caminhos de libertação latino-americana:** interpretação histórico-teológica. São Paulo: Paulinas, 1985. v. (Coleção Estudos e debates latino-americanos ;6) ISBN 85-05-00151-6 **Ex.: 1** / *Classificação: 276 D968c* DUSSEL, Enrique D. **Caminhos de libertação latino-americana:** história, colonialismo e libertação. São Paulo: Paulinas, 1985. v. (Coleção Estudos e debates latino-americanos ;7) ISBN 85-05-00152-4 **Ex.: 1** / *Classificação: 276 D968c* DUSSEL, Enrique D. **Caminhos de libertação latino-americana:** interpretação ético-teológica. São Paulo: Paulinas, 1985. v. (Coleção Estudos e debates latino-americanos ;8) ISBN 85-05-00153-2 **Ex.: 1** / *Classificação: 276 D968c* DUSSEL, Enrique D. **Caminhos de libertação latino-americana:** reflexões para uma teologia da libertação. São Paulo: Paulinas, 1985. v. (Coleção estudos e

		debates latino-americanos ;9) ISBN 85-05-00154-0 **Ex.: 1** / *Classificação: 276 D968c* DUSSEL, Enrique D. **Ética comunitária.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 285 p. (Coleção Teologia e libertação.8Série III, a libertação na história ;) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 D968e 3. ed.*
JULIO DE SANTA ANA	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**1** SANTA ANA, Julio de (Ed.). **A igreja dos pobres.** São Bernardo do Campo [SP]: Imprensa Metodista, 1985. 230 p. (Ciências da religião) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 I27*
IVONE GEBARA **e** **MARIA CLARA LUCCHETTI BINGEMER**	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**1** GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres:** um ensaio da mulher e da América Latina. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. 208 p. (Coleção Teologia e libertação.13Série IV, a igreja, sacramento de libertação ;) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 G262m 2. ed.*
HUGO ASSMANN	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**1** ASSMANN, Hugo. **René Girard com teólogos da libertação:** um diálogo sobre ídolos e sacrifícios. Petrópolis: Vozes; Piracicaba [SP]: Unimep, 1991. 331 p. ISBN 85-326-0574-5 Ex.: 1 / *Classificação: 276 A867c*
JOSEPH COMBLIN	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 3	**6** COMBLIN, Joseph. **A vida:** em busca da liberdade. São Paulo: Paulus, 2007. 182 p. (Coleção Temas de atualidade) ISBN 978-85-349-2733-8 **Ex.: 1** / *Classificação: 276 C724v* COMBLIN, Joseph. **Cristãos rumo ao século XXI:** nova caminhada de libertação. 3. ed. São Paulo: Paulus, 1996. 373 p. (Coleção Temas de atualidade) ISBN 85-349-0534-7 **Ex.: 3** / *Classificação: 276 C724c 3. ed.* COMBLIN, Joseph. **Teologia da libertação, teologia neoconservadora e teologia liberal.** Petrópolis: Vozes, 1985. 135 p. (Teologia orgânica ;14) **Ex.: 2** / *Classificação: 276 C724t*
MIGUEL SAPATA RAMALHO	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**1** RAMALHO, Miguel Sapata. **Horizontes de libertação:** linhas fundamentais da teologia da libertação em Leonardo Boff. Lisboa: Multinova, 1978. 149 p. **Ex.: 1** / *Classificação: 276 R136h*

PAULO M. TONUCCI	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**1** TONUCCI, Paulo M. **Teologia da libertação, o que é?.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 33 p. (Coleção da base para a base ;14) **Ex.: 1** / *Classificação: F 276 T631t 3. ed.*
RONALDO MUÑOZ	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**1** MUÑOZ, Ronaldo. **Teologia de la liberacion.** Buenos Aires: Centro Franciscano, [19--]. 53 p. (Apuntes) **Ex.: 1** / *Classificação: 276 M938t*
GERALDO BEZERRA MENEZES	TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO = 1	**1** MENEZES, Geraldo Bezerra de. **À margem da pseudo-teologia da libertação:** seu desprezo pela pureza da fé. Rio de Janeiro: [s. n.], 1985. 15 p. **Ex.: 1** / *Classificação: F 276 M511m*

Quadro 2**:** Autores e seus respectivos títulos, assunto e exemplares do acervo da Biblioteca do IFAN.

Constata-se que a Teologia da Libertação foi um forte movimento de crítica social no interior da Igreja, e que teve dentre os franciscanos alguns teólogos de peso, por isso a Biblioteca do IFAN acolheu e protegeu os livros, preservando-os no seu acervo.

A presença de pensadores vinculados à Teologia da Libertação, no acervo, estimulou pesquisas, publicações e eventos do IFAN, no período que se estende de 1990 a 2002. Pontuo que tais iniciativas se deram em franco diálogo e intercâmbio com pesquisadores de diferentes áreas do conhecimento e instituições acadêmicas e que, a partir delas, consegui a origem de diferentes publicações.

Destaco, a seguir, alguns eventos e respectivas publicações porque considero que são representativas desse período:

- 1º Simpósio PUC-SP e USF (22 a 26 de abril de 1991) Misticismo e novas religiões na PUC-SP, organizado por Alberto da Silva Moreira da Silva (USF) e Renée B. Zicman (PUC-SP)

Este evento nacional foi organizado pela Faculdade de Ciências da Religião da PUC/SP e o Instituto Franciscano de Antropologia (IFAN) da Universidade São Francisco/Bragança. Nele foram privilegiados temas que

> [...] buscaram explicar tendências e movimentos observados no campo religioso, as novas práticas espirituais na sociedade, questionar as formas como a dimensão místico-religiosa e apropriada e funcionalizada por uma outra racionalidade, aquela da eficácia e do mercado e, ainda, lançar luzes sobre o futuro das formas históricas - entre elas, a experiência nova das Comunidades de Base - assumidas pelo Cristianismo no Continente. (MOREIRA, 1994, p.13)

O livro *Misticismo e novas religiões*, publicado pela Editora Vozes, organizado por Alberto da Silva Moreira e Renée Zicman, em 1994, teve sua origem nesse Seminário. No sumário da obra encontram-se descritas as temáticas e seus respectivos autores, e, a partir desse sumário, pode-se perceber o enfoque interdisciplinar da obra que acolheu artigos de sociologia da religião, de antropologia social, de psicologia, de economia, de teologia e de filosofia. Os autores que contribuíram para a obra foram: *Carlos Rodrigues Brandão, José Guilherme Cantor Magnani, Antonio Mendonça, Jether Ramalho, José Jorge de Carvalho, Frei Betto, Pierre Weil, Luiz Eduardo Wanderley, Hugo Assmann, Lisias Negrão, Renato Ortiz, Jung Mo Sung, Leonardo Boff, Júlio de Santa Ana e Carlos Palácio.*

- I Seminário de Estudos IFAN em parceria com a Faculdade de Direito de Bragança Paulista e o Regional da Ordem dos Advogados do Brasil, realizado de 20 a 24 de maio de 1991

A temática abordada foi *OAB: a ética e o homem no direito e no mundo das leis.* Seus organizadores foram Alberto da Silva Moreira, José Machado e Luiz Peluso, tendo contado com a participação de juízes, advogados, promotores e delegados da região bragantina. A programação deste Seminário foi a seguinte:

> **Introdução à ética no direito**, professor da Faculdade de Direito de Bragança Luiz Peluso.
> **O justo e o legal à luz da ética**, Marcos Freitas do IFAN
> **Ética social na prática jurídica**, professor Mario Simas da PUC-SP e conhecido advogado de presos políticos no período militar.
> **Ética profissional do advogado**, Rosa Benites Pelicani da OAB/SP.
> **O direito como instrumento de libertação**, jurista Dalmo Dallari, da USP e, na época, da Secretaria de Negócios Jurídicos da Prefeitura de São Paulo.
> A organização dos trabalhos desta conferência foi realizada por Frei Agostinho Piccolo, Frei Fabio Panini e Alberto da Silva Moreira. (RELATÓRIO DO IFAN, 1991, p.13).

De acordo com o Relatório do IFAN (1991), a partir desse evento, o Instituto passou a promover, conjuntamente, com as Faculdades da USF diferentes eventos

visando criar e promover um ambiente de discussão acadêmica e estimular a produção teórica dos docentes, proporcionando um espaço de estudos e debates sobre temas relevantes naquele contexto.

- Seminário Nacional sobre energia alternativa, de 18 a 20 de outubro de 1991, realizado no Horto Florestal de São Paulo,

Uma iniciativa do Projeto Justiça, Paz e Ecologia, organizado pelo IFAN em parceria com o Serviço Interfranciscano de Justiça, Paz e Ecologia (SINFRAJUPE), visando atingir as pessoas e instituições que atuam como multiplicadores de opinião e líderes de movimento populares. Este evento se inscreveu na série de atividades realizadas em todo o Brasil como preparatória à Conferência ECO-RIO 92. Chamo a atenção para o fato de que, nesse momento, o IFAN contou com apoio financeiro da *Missionszentrale der Franziskaner* de Bonn na Alemanha.

Os temas abordados foram:

> Energia orgânica – biodigestor, Temístocles Cardoso, engenheiro agrônomo e superintendente técnico da Secretaria Municipal de Abastecimento de São Paulo e pelo grupo de agricultora alternativa da ESALQ-USP de Piracicaba.
> Energia nuclear e suas alternativas, Rui de Góis Leite, representante do Green Peace, Gabriel Bittencourt, do Núcleo Ecológico Morro de Ipanema e Henrique Vianna, historiador.
> Energia solar, José Tomaz Pereira da Faculdade de Engenharia da Unicamp, complementada por Maria Alice Duddy, do movimento popular de Angra dos Reis, e Fernando Albuquerque, diretor da empresa Heliodinâmica.
> Energia eólica, Waldo Bustamente Gómez, diretor do Centro de Experimentación em Tecnologia Apropriada da Universidad Católica de Santiago do Chile. (RELATÓRIO DO IFAN, 1991, p. 14)

Durante os anos de 1995 e 1996, o Instituto Franciscano de Antropologia da USF organizou e promoveu o fórum de estudos avançados sobre O *Terceiro Mundo,* com o objetivo de promover pesquisas, organizar publicações e inserir o Instituto nos debates sobre a história do Terceiro Mundo. As sessões mensais de trabalho reuniram, durante dois anos, cerca de sessenta estudiosos e incluíram quatorze conferências de intelectuais brasileiros de conhecida trajetória e reputação, a maioria deles com vários livros publicados, convidados a expor, a debater e a escrever.

O pesquisador Alberto da Silva Moreira organizou, coordenou e direcionou os trabalhos e o esforço para temas correlatos e complementares ao projeto. O fruto

desse fórum acadêmico é o livro *Sociedade global: cultura e religião*, publicado pela Editora Vozes em 1998. Os textos seguem a ordem de apresentação cronológica das conferências proferidas par Gabriel Cohn, Maria Lucia Bueno Coelho de Paula, José Mario Ortiz Ramos, José Guilherme Cantor Magnani, José Jorge de Carvalho e Paula Monteiro e Alberto da Silva Moreira.

O trabalho desenvolvido no IFAN, no período de 1990-2002, pelo grupo de pesquisadores coordenados pelo teólogo Alberto da Silva Moreira acerca da economia e das relações de produção na região bragantina, sensibilizou a justiça do trabalho da Comarca de Bragança Paulista para o problema do trabalho infantil nas olarias manuais[46]. Esse grupo envolveu-se diretamente em iniciativas destinadas à erradicação do trabalho infantil nessas olarias da região.

A Biblioteca do IFAN se inscreve em um ambiente de formação teológica de movimentos sociais de base, leigos, representantes de comunidade e até mesmo de formadores de opinião do município de Bragança Paulista e região. Ela sugere um movimento de algumas lideranças franciscanas no sentido de ampliação das temáticas abordadas e maior densidade teórica aos seus pesquisadores. A Biblioteca do IFAN contribuiu para a formação de teólogos e teóricos franciscanos, e tal formação não foi, necessariamente, aquela destinada aos aspectos votivos e contemplativos.

[46] *Cadernos do IFAN*, 1998 (20-21). Meninos de Barro: trabalho infantil nas olarias. Meninos de Barro: a sujeição da infância nas olarias de Bragança Paulista. Bragança Paulista: Histórico e evolução recente. Mudanças recentes na estrutura de emprego. Caracterização das olarias do município. A incorporação do trabalho infantil nas olarias. Infância na olaria. Proposta de Programa de Renda Mínima para o Município de Bragança Paulista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

> Uma biblioteca não é apenas um lugar de caos e ordem: ela é também o reino do acaso. Mesmo depois de receber uma estante e um número, os livros mantêm mobilidade própria. Abandonados a seus próprios recursos, reúnem-se em formações inesperadas, seguem regras secretas de semelhança, genealogias sem registros, interesses e temas comuns.
>
> Alberto Manguel[47]

A biblioteca na atualidade, em sentido amplo, é um espaço destinado à reunião e à coleção de informações de todos os tipos em diferentes suportes (impressos textuais, imagéticos, audiovisuais e sonoros). Entretanto, essa única percepção de uma biblioteca é muito ingênua e/ou simplista, pois uma biblioteca não é só um mero repositório de conhecimentos sistematizados. Ela pode ser abordada como uma arena de tensão e conflito, em que se inscrevem determinadas concepções e percepções do que é o conhecimento e qual é o conhecimento que se quer acessar e preservar, bem como qual é o perfil de usuário que se pretende acolher e formar com seu acervo. No transcorrer desta pesquisa conclui que uma biblioteca também é um espaço que educa – lugar significado pelas memórias e histórias que lhes deram origem, signo que instaura uma dada visão de civilidade e erudição. Logo "[...] a biblioteca está disposta estrategicamente a agir como centro nervoso para coletar e difundir conhecimento" (DARNTON, 2010, p. 68).

A origem e o desenvolvimento do acervo de uma biblioteca sugerem uma intencionalidade e a adoção de procedimentos técnicos que garantam a organização e a acessibilidade de seu acervo. Uma biblioteca pressupõe uma dada catalogação do conhecimento e um dado percurso de acesso aos seus documentos pelos seus usuários. Se, por um lado, tal catalogação permite a localização, consulta e a leitura de seu acervo, por outro ela oculta de seu usuário que tais procedimentos só ocorrem com títulos que compõem o catálogo dessa biblioteca. O usuário em potencial e/ou o usuário mais incauto podem ficar reféns desse acervo organizado e

[47] MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006. p. 139.

até mesmo automatizado, porque suas buscas tenderão a ficar restritas a um dado sistema de recuperação da informação.

Muitas bibliotecas acompanharam as mudanças tecnológicas ocorridas na sociedade e o acervo desvencilhou-se de seu antigo caráter sagrado e secreto para se transformar em instrumento de conhecimento e trabalho, posto ao alcance de um número muito maior de pessoas. As mudanças ocorridas na produção de diferentes suportes da informação e na própria concepção do que é uma biblioteca foram ao encontro das transformações tecnológicas relativas às potencialidades que a automação abre para desde a gestão e o cruzamento de informação até a possibilidade de preservação de fontes documentais, através da digitalização das mesmas. As bibliotecas existem para acessar diferentes informações em diferentes suportes desde a sua origem. Na atualidade, para além desta questão é necessário observar que as bibliotecas automatizadas guardam entre si determinadas singularidades, ancoradas nas diferenças oriundas da intencionalidade e da escala do processo de gestão de seu acervo (DARNTON, 2010). Neste sentido, é digno de nota que as bibliotecas e os serviços ofertados de gestão da informação tendem, cada vez mais, a serem tomados como mercadorias.

No trabalho destinado à formação do acervo da Biblioteca do IFAN, convivi com dúvidas e inquietações relativas ao seu processo de formação. A possibilidade de explorar a história desse acervo me estimulou a apresentar um projeto que tomasse a Biblioteca do IFAN como objeto de pesquisa. Nessa perspectiva, preocupei-me, primeiramente, em compreender o sentido histórico dessa biblioteca, sua criação na Ordem Franciscana e sua importância para a própria universidade, onde está localizada. Considero que esta pesquisa contribui para a ampliação da visibilidade da presença franciscana na história da educação do País.

Nesta pesquisa, constatei que as questões que balizaram sua organização e acesso, ultrapassavam orientações meramente técnicas, porque tais práticas estavam imbricadas em relações de poder e na formação de teólogos da própria Ordem Franciscana, bem como na presença e inserção desses religiosos no Ensino Superior, em um país que se despedia dos anos de Ditadura Militar. Dentre as várias marcas do período, pontuo neste trabalho a busca por novos sentidos para as instituições e as organizações sociais, e a ampliação da participação política dos

cidadãos em diferentes instâncias sociais. Assim como, a emergência de uma outra configuração da sociedade civil.

A criação das Faculdades Franciscanas inscreve-se no panorama nacional em que ocorreu a ampliação da oferta de cursos superiores e a privatização da área. A Biblioteca do IFAN, por sua vez, se inscreve na história da presença franciscana na educação superior brasileira, quando os franciscanos assumiram a direção do Instituto de Ensino Superior da Região Bragantina, em 1976.

No processo de formação de acervo da Biblioteca do IFAN, rastreei desde questões que balizaram sua origem até relações de poder e estratégias embasadas no projeto de uma dada formação de teólogos *da* e *para* a Ordem Franciscana.

Cumpre pontuar que a presença dos teólogos no IFAN, ligados à Teologia da Libertação, influenciou profundamente as linhas de pesquisa e atuação desse Instituto, o que implicou tanto a solicitação e aquisição de obras voltadas às questões mais candentes da área social daquele contexto para a Biblioteca do IFAN – uma biblioteca especializada –, quanto a promoção de eventos relativos à tal cenário sociocultural. O acervo da Biblioteca do IFAN acolhe obras oriundas de diferentes conventos franciscanos e outras que foram incorporadas com o intuito de suscitar e acolher reflexões balizadas pela Teologia da Libertação. No acervo da Biblioteca do IFAN há marcas de autores militantes desse movimento assim como produções intelectuais sobre a Teologia da Libertação, defendidas e pesquisadas pelos pesquisadores e teólogos do IFAN.

Uma biblioteca especializada diferencia-se de uma biblioteca comum em decorrência do cuidado que se tem com o acervo, pois é esse acervo que a diferencia de outras unidades de informação. Contudo, existem discordâncias quanto a tal conceituação, pois existem três princípios teóricos quanto a seu conceito: os que se prendem ao acervo que a biblioteca possui e disponibiliza ao usuário, os que tratam do tipo de usuário que a frequenta e os que associam o tipo do acervo ao tipo de usuário que a biblioteca possui. Percebe-se que todas essas teorias tentam encontrar o conceito de biblioteca especializada focando ora no acervo ora no usuário e às vezes nos dois. Aqui, tomei por biblioteca especializada aquela cujo acervo seja direcionado para a satisfação das necessidades de um público específico.

Sendo assim, optei por abordar a Biblioteca do IFAN como um lugar de memória e resistência, sobretudo, da Teologia da Libertação. Ao finalizar a pesquisa, reafirmo o fato da separação entre o acervo bibliográfico e o Instituto Franciscano de Antropologia foi no mínimo curioso. A pesquisa autoriza-me a pensar que as iniciativas destinadas à gestão do acervo da Biblioteca do IFAN sinalizam que havia "um cuidado particular" com as histórias e memórias franciscanas.

Contemplei duas linhas de investigação simultâneas. Na primeira, analisei obras e documentos que permitiram identificar aspectos das histórias e memórias da formação de tal biblioteca e, na segunda, pesquisei a composição de seu acervo e os princípios que nortearam sua organização e seu acesso. Nesse sentido, considerei o sistema de classificação e seleção utilizado e identifiquei as editoras presentes nesse acervo. Lancei, ainda, um olhar cuidadoso ao conjunto de obras, garimpado na época, e que originou uma coleção especial e rara que passou a compor o acervo da Biblioteca de Obras Raras da USF.

Tais questões, que balizaram a pesquisa sobre a origem desta Biblioteca, permitiram extrapolar uma preocupação assentada tão somente no relato de procedimentos técnicos inerentes à formação, à organização e ao acesso desse acervo.

Por fim, acredito que esta pesquisa contribui para a ampliação da compreensão das histórias e memórias dos franciscanos e da presença franciscana na Educação Superior brasileira.

REFERÊNCIAS

ANDRADES, Marcelo Fereira de. **Editora Vozes**: 100 anos de historia 1901-2001. Petrópolis: Vozes, 2001.

ARANHA, Maria Lúcia de A. **História da Educação**. 2 ed. atual.. São Paulo: Moderna, 1996.

ARAÚJO, Emanuel. A construção do livro. 2. ed. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital; São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 2008.

ARENDT, Hannah. **As esferas pública e privada**. In: _____. A condição humana. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

ARNS, J. C. **Bom Jesus**: uma escola centenária em sua moldura histórica. Curitiba: Departamento Gráfico, 1997.

ASSMANN, Hugo (Org.). **Pueblo oprimido, señor de la historia.** Montevideo: Tierra Nueva, [1972].

_____. **A Trilateral.** Nova fase do Capitalismo Mundial. Petrópolis: Vozes, 1979.

BAGNOREGIO, Boaventura de; DE BONI, Luis Alberto; JERKOVIC, Jerônimo. **Escritos filosófico-teológicos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BARATIN, Marc; JACOB, Christian. **O poder das bibliotecas**: a memória dos livros no Ocidente. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.

BATTLES, Matthew. **A conturbada história das bibliotecas**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2003.

BEHRENS, Marilda Aparecida. **O paradigma emergente e a prática pedagógica**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

BERNARDI, Orlando. **O encanto da vida**: elementos de espiritualidade franciscana. Bragança Paulista: EDUSF, 2005.

_____. **Francisco de Assis**: um caminho para a educação. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco: Instituto Franciscano de Antropologia, 2003. (Estudos franciscanos)

_____. **Visão franciscana da vida e do mundo**. Bragança Paulista: EDUSF, 1996. 99 p. (Cadernos do IFAN, v. 13)

BICCAS, Maurilane Souza, CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Reforma escolar e práticas de leitura de professores: a Revista do Ensino. In: CARVALHO, Marta M. Chagas de Carvalho; VIDAL, Diana G. (Org.). **Biblioteca e formação docente: percursos de leitura (1902-1935).** BH: Autêntica; Centro de Memória da Educação FE/USP; FINEP,2000.

BOAS**,** Sérgio Vilas. **Ensino superior particular:** um voo histórico. São Paulo: Editora Segmento, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 3. Ed. 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil: promulgada em 5 de outubro de 1988.** 14. ed. São Paulo: Saraiva, 1996.

_____. **Lei** nº 5.540 de 28 de novembro de 1968

_____. Congresso. **Projeto de Lei** nº 2546/2003

_____. Congresso. **Projeto de Lei** nº 3476/2004.

_____. **Decreto** nº 5.205 de setembro de 2004

_____. **Lei** nº 10.861, de 14 de Abril de 2004.

_____. **Medida Provisória** nº 213, de 13 de setembro de 2004.

BUARQUE, C. **A aventura da universidade**. São Paulo/Rio de Janeiro: Unesp/ Paz e Terra, 1994.

BUENO, Maria de Fátima Guimarães. O Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa em História da Educação (CDAPH). **Horizontes**, Bragança Paulista, v. 23, n. 2, p. 121-126, 2005.

BUFREM, Leilah Santiago. **Editoras universitárias no Brasil**: uma crítica para a reformulação da prática. São Paulo: Edusp: Com-Arte; Curitiba: Editora UFPR, 2001. 416 p. (Memória editorial; 3) ISBN 85-314-0122-4 (Edusp)

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 215 p.

_____. **Uma história social do conhecimento**: de Gutenberg a Diderot**.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

_____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

CALDERÓN, Adolfo Ignacio; SAMPAIO, Helena (Org.). **Experiências universitárias, experiências solidárias**. 2. ed. São Paulo: Olho d'Agua, 2001. (Socializando experiências; 2).

CAMPELLO, B.; CALDEIRA, P da T. **Introdução às fontes de informação**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2005.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **Reformas da Instrução Pública.** Org. por Eliane M. T. Lopes, Luciano M. de Faria Filho, Cynthia G. Veiga. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CASSARES, Norma Cianflone. **Como fazer conservação preventiva em arquivos e bibliotecas.** São Paulo: Arquivo do Estado/ Imprensa Oficial, 2000. 5 v.

CELANO, Tomás de. “Vida I” In: SILVEIRA, I.; REIS, O. **São Francisco de Assis**. Escritos e biografias de São Francisco de Assis: crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscanos. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro: do leitor ao navegador.** São Paulo: UNESP, 1998.

_____. **A ordem dos livros**: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII 2. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

_____. **Inscrever e apagar:** cultura escrita e literatura (séculos XI-XVIII). São Paulo: UNESP, 2007.

_____. **Leituras e leitores na França do Antigo Regime.** São Paulo: UNESP, 2004.

COLOMBO, Fausto. **Arquivos imperfeitos**: memória social e cultura eletrônica. São Paulo: Perspectiva, 1991. (Coleção Debate).

COMBLIN, Joseph. **Teologia da libertação, teologia neoconservadora e teologia liberal.** Petrópolis: Vozes, 1985.

_____. **Os sinais dos tempos e a evangelização:** estudos de teologia pastoral. São Paulo: Duas Cidades, 1968.

_____. **La nueva práctica de la Iglesia en el Sistema de la Seguridad Nacional**. Exposición de sus principios teóricos, 1975. p.175-176.

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **Caderno do III CONED**. Brasília: Fórum Nacional em Defesa da Escola Pública, 2000.

CUNHA, Luiz Antônio. Ensino Superior e Universidade no Brasil. In: Lopes, E.M.T. et al. **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000

_____. Nova reforma do ensino superior: a lógica reconstruída. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n.101, p.20-49, 1997.

_____. **A universidade crítica**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1983.

CURY, Carlos R. Jamil. **Ideologia e Educação brasileira: católicos e liberais**, São Paulo: Cortez e Moraes, 1988

DARNTON, Robert. **A questão dos livros**: passado, presente e futuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____. **O Beijo de Lamourette**- Mídia, Cultura e Revolução. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

_____. **Boemia literária e revolução**: o submundo das letras no antigo regime. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

_____. Edição e sedição: o universo da literatura clandestina no século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

DESBONNETS, Théophile. **Da intuição à instituição**. Petrópolis: Cefepal, 1987.

DREIFUSS, René Armand. **1964 a conquista do Estado**: ação política, poder e golpe de classe. Petrópolis: Vozes, 1981.

DURHAM, Eunice Ribeiro; SAMPAIO, Helena. **O ensino privado no Brasil**. São Paulo: NUPES, 1995. 18 p. (Documento de trabalho, 3)

FARIA FILHO, Luciano Mendes. Instrução elementar no século XIX. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil.** BH: Autêntica, 2000.

_____. Educação do povo e autoritarismo das elites: instrução pública e cultura política no século XIX. In: MAGALDI, Ana M., ALVES et al. **Educação no Brasil: história, cultura e política**. Bragança Paulista: EDUSF, 2003.

FIQUEIREDO, Erika Suruagy A. Reforma do Ensino Superior no Brasil: um olhar a partir da história. **REVISTA DA UFG**. Tema Ensino Superior Órgão de divulgação da Universidade Federal de Goiás - Ano VII, No. 2, dezembro de 2005.

FIGUEIREDO, Nice. Bibliotecas Universitárias e especializadas: paralelos e contrastes. **Revista de Biblioteconomia de Brasília,** *v.* 7, n. l, p. 9-25, jan./jun. 1979.

FISCHER, Steven Roger. **Historia da leitura**. São Paulo: UNESP, 2006.

FONTES FRANCISCANAS: **Escritos e biografias de São Francisco de Assis:** crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

GARCIA, Antônio (org.). **Estudos de filosofia medieval:** a obra de Raimundo Vier. Petrópolis: São Paulo: Vozes, IFAN, Editora UFPR, 1997.

GEMELLI, Agostinho. **O franciscanismo**. Petrópolis: Vozes, 1944.

GESTEIRA, Cid Santos. Cursos sequenciais. In: DURHAM, E.; SAMPAIO, H. (Orgs.). **O ensino superior em transformação**. São Paulo: USP/NUPES, 2001.

GUINCHAT, Claire; MENOU, Michel. **Introdução geral às ciências e técnicas da informação e documentação.** 2ed. Corrigida e aumentada pôr Marie-France Blanquet. Tradução de Míriam Vieira da Cunha. Brasília: MCT/CNPq/ IBICT / Fundação Banco do Brasil, 1994.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação: perspectivas**. Petrópolis: Vozes, 1975.

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: EDUSP, 2005.

HILSDORF, Maria Lúcia S. **História da Educação brasileira:** leituras. São Paulo: Thomson, 2002.

HORTA, José Silvério Bahia. **O hino, o sermão e a ordem do dia**: a educação no Brasil (1930-1945). Rio de Janeiro: UFRJ. 1994

INFORMAÇÃO. Universidade São Francisco. Bragança Paulista [SP]: [s. n.], 2002-.

INFORMATIVO DAS FACULDADES FRANCISCANAS, Bragança Paulista [SP]: [s. n.], 1984-1986

KEEN, P. G. W. **Decision support systems**: an organizational perspective. Massachusets: Addison-Wesley, 1978.

KLEIN, Lucia; SAMPAIO, Helena. **Políticas de ensino superior na America Latina**. São Paulo: NUPES, 1994. (Documento de trabalho, 1)

KOCHEN, M. **Principles of information retrieval**. Los Angeles : Melville, 1974.

LAFER, Celso. **Público e privado**: o direito à informação e o direito à intimidade. In:

_____. A reconstrução dos direitos humanos: um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LANCASTER, F. W. **Indexação e resumos**: teoria e pratica. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE COADIC, Y.F **A ciência da informação**. 2. ed. Brasília: Briquet de Lemos, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

_____. **São Francisco de Assis**. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.
LEROI GOURHAN, A. **O gesto e a palavra**. Rio de Janeiro: Edições 70, 1990.

LIBANIO, João Batista. **Gustavo Gutiérrez**. São Paulo: Loyola, 2004. (Coleção Teólogos do século XX)

LIMA, Edison R.; PHILLIPS, E. H.; VISCONTI, Pedro. **Editoras universitárias**: problemas e soluções : um enfoque interamericano. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1989. 67 p.

LOPES, Claudinei Jair. **A relevância teológica da história e a relevância histórica da teologia na Teologia da Libertação Latino-americana:** estudo sobre o papel e a importância da mútua relevância entre teologia e história na elaboração do método teológico segundo os encontros de San Lorenzo del Escorial (1972) e da Cidade do

México (1975). Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Teologia da PUC-Rio, 2009. 3. v.

MANSELLI, Raoul. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1997.

MANGUEL, Alberto. **A biblioteca à noite**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Uma historia da leitura**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARGOTTO, Lilian Rose, SOUZA, Maria Cecilia C. C. de. A psicologia entre notas, cópias e citações: periódicos educacionais paulistas (1902/1930). In: CARVALHO, Marta M. Chagas de; VIDAL, Diana G..**Biblioteca e formação docente: percursos de leitura (1902-1935).** BH: Autêntica; Centro de Memória da Educação FEUSP; FINEP, 2000.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista:** imprensa e práticas socioculturais em tempos de república, São Paulo (1890-1922). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; FAPESP; Imprensa Oficial do Estado, 2001.

MARTINS, Maria do Carmo. **A construção da proposta curricular de história da CENP no período de 1986 a 1992**: confrontos e conflitos. 1996. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação da UNICAMP, SP.

_____. Histórias do currículo e currículos narrativos: possibilidades de investigação na história social do conhecimento. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v.18, n. 2 (53), p. 39-50, maio/ago. 2007.

MARTINS, Maria do Carmo; ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. Lugares de memória: sedução, armadilhas, esquecimento e incômodos. **Horizontes**, Bragança Paulista, v. 23, n. 2, p. 91-99, 2005.

MARTINS, Wilson. **A palavra escrita**: história do livro, da imprensa e da biblioteca. São Paulo: Editora Ática, 2002.

MATOS, Olgária. **Reflexões filosóficas sobre o mundo contemporâneo**. São Paulo: Editora Nova Alexandria, 2006.

MAZZUCO, Vitório. **Francisco de Assis e o modelo de amor cortês-cavaleiresco na personalidade e espiritualidade de Francisco de Assis.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

MEDEIROS, G. F. de. **Por que preservar, conservar e restaurar?** Belo Horizonte: Superintendência de Museus do Estado de Minas Gerais, 2005.

MINDLIN, José. Obras raras: Inep recupera coleção do seu acervo. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos - RBEP**, Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais, ano 79, n. 192, p. 1-4, maio/ago. 1998.

_____. **Memórias esparsas de uma biblioteca**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Florianópolis, SC: Escritório do Livro, 2004.

MIRANDA, Maria do Carmo Tavares de. **Os franciscanos e a formação do Brasil**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1969.

MOREIRA, Alberto da Silva (Org.), **Herança Franciscana**. Petrópolis, Vozes, 1996.

_____. **Sociedade global**: cultura e religião. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista [SP]: Universidade São Francisco, 1998. 164 p.

MOREIRA, Alberto da Silva; ZICMAN, Renée (Org.). **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista [SP]: USF, Instituto Franciscano de Antropologia, 1994. 176 p.

MORIN, Edgar, et al. **A religação dos saberes**: o desafio do século XXI. Trad. Flávia Nascimento. 3.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

MORSE, P. M. Browsing and search theory. In: Rawski, C. H. **Toward a theory of librarianship**. New Jersey: The Scarecrow Press, 1973. p. 246-261.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo: PUC, n.10, p. 07-28, dez.1993.

OLIVEN, Arabela Campos. **Resgatando o significado do departamento na universidade brasileira**. In MRTINS, Carlos Benedito. Ensino Superior Brasileiro. São Paulo, Perspectiva, 1989.

PAIXÃO, Fernando (coord.). **Momentos do livro no Brasil**. São Paulo: Ática, 1995.

PICCOLO, Agostinho Salvador. **Francisco de Assis**: por uma pedagogia humanista. Bragança Paulista: EDUSF, 2005.

PINTO, Júlio Pimentel. Os muitos tempos da memória. **Projeto História,** São Paulo: PUC, n. 17, p.203-212, nov. 1998.

PROUST, M. **Em busca do tempo perdido**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

RAMOS, E. M.; BERTHOLINO, M.L.F.; BELLUZZO,R.C.B. Gestão de qualidade em bibliotecas universitárias: em busca de indicadores de desempenho. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 1998, FORTALEZA. **Anais...** Fortaleza: UFCE, 1998. 2 disquetes.

RAMOS, Fábio Pestana. A constituição afetiva da infância e da família no período colonial? O nascimento da profissão docente no Brasil. In: ALMEIDA, Jane Soares de (org.). **Profissão docente e cultura escolar**. São Paulo: Intersubjetiva, 2004, p.13-40.

REFORMA universitária: relatório do Grupo de Trabalho. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, DF, v. 50, n. 111, p. 119-175, jul./set. 1968.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

RIBEIRO, Maria das Graças M. **Educação superior brasileira**: reforma e diversificação institucional. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2002.

ROMANO, Roberto. **A universidade e o neoliberalismo**. In: Caminhos, Belo Horizonte: APUBH, n. 18, 1999.

ROSAS, Paulo. **Para compreender a educação superior brasileira.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ROTHEN, José Carlos. Os bastidores da Reforma Universitária de 1968. **Educ. Soc.,** Campinas, vol. 29, n. 103, p. 453-475, maio/ago. 2008. Disponível em http://www.cedes.unicamp.br

RÖWER, Basílio. **Paginas de história franciscana no Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1941.

_____. **Os franciscanos no Sul do Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1943.

_____. **O Convento de Santo Antônio do Rio de Janeiro.** Petrópolis: Vozes, 1945.

_____. **A Ordem Franciscana no Brasil.** 2. ed., aum. Petrópolis: Vozes, 1947.

_____. **História da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil:** através da atuação de seus provinciais de 1967 a 1901. Petrópolis: Vozes, 1951.

_____. **O Convento Santo Antônio do Rio de Janeiro:** sua história, memórias, tradições. Rio de Janeiro: Zahar: Comissão para as Comemorações da Chegada de D. João e da Família Real ao Rio de Janeiro, 2008.

ROWLEY, Jeniffer. **Informática para bibliotecas**. Brasília: Briquet de Lemos / Livros, 2002. Trad. de Antonio Briquet de Lemos. Título original Computers for Libraries.

SABATIER, Paul. **Vida de São Francisco de Assis.** Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco: Instituto Franciscano de Antropologia, 2006.

SALVADÓ, Francisco. **Relação entre a Instituição cientifica e seu editor**. Porto Alegre: UFRGS, 1981.

SAMPAIO, Helena. **O ensino superior no Brasil**: o setor privado. São Paulo: Hucitec, FAPESP, 2000.

_____. **A evolução do ensino superior brasileiro:** 1808-1900. São Paulo: NUPES, 1991. 28 p. (Documento de trabalho8/91)

SANGENIS, Luiz Fernando Conde. **Gênese do pensamento único em educação: franciscanismo e jesuitismo na educação brasileira.** Orientadora: Profa. Dra. Célia Frazão Soares Linhares. Rio de Janeiro/RJ, Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2004 – Tese de doutorado.

São Francisco de Assis. Escritos e biografias de São Francisco de Assis. Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. 4. ed. Petrópolis: Vozes e CEFEFAL, 1986.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **A longa viagem da biblioteca dos reis**: do terremoto de Lisboa à Independência do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Divina Aparecida da; ARAÚJO, Iza Antunes. **Auxiliar de biblioteca**: técnicas praticas para formação profissional. 4. ed. Brasília: Thesaurus, 2003.

SILVA JÚNIOR, João dos Reis; SGUISSARDI, Valdemar. **Novas faces da educação superior no Brasil:** reformas do Estado e mudança na produção. Bragança Paulista [SP]: Editora Universitária São Francisco, 1999. 279 p. (Coleção estudos CDAPH ;4)

SILVEIRA, Ildefonso; REIS, Orlando dos (Org.). **São Francisco de Assis: escritos e biografias de São Francisco de Assis** : crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. Petrópolis: Vozes : CEFEPAL, 1981.

SOUZA, Cleonice Aparecida de; BERNARDI, Orlando; BUENO, Maria de Fatima Guimarães. O acervo da Biblioteca de Obras Raras. **Boletim CDAPH**, Bragança Paulista, v. 3, n. 1, p. 53-62, jan./jun. 2002.

SOUZA, P.N.P. **LDB e educação superior**: estrutura e funcionamento. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 2001.

SOUZA, Rosa F. de. O espaço da educação e da civilização: origens dos grupos escolares no Brasil. In: SOUZA, Rosa F de; VALDEMARIN, Vera; ALMEIDA, Jane S. **O legado educacional do século XIX**. Araraquara, SP: UNESP, 1998.

SPOTO, Donald. **Francisco de Assis, o santo relutante.** Rio de Janeiro, Objetiva, 2003.

SCHWARTZMAN, Simon. A revolução silenciosa do ensino superior. In: DURHAM, E.; SAMPAIO, H. (Orgs.). **O ensino superior em transformação**. São Paulo: USP/NUPES, 2001.

TAYLOR, Mark C. **Restauração religiosa:** dossiê publicado em 22/06/2006. Disponível em http://www.claudiocarvalhaes.com. Acesso em 16/07/2011.

TORRESINI, Elisabeth R. **Editora globo**: uma aventura editorial no anos 30 e 40. São Paulo: EDUSP; Porto Alegre: UFRGS, 1999.

UNIVERSIDADE SÃO FRANCISCO. **Diretrizes gerais para a educação franciscana**. [S. l.]: [s. n.], [2010?].

_____. **Proposta político-pedagógica para a USF**. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 1999.

VALENTIM, M. L. **Formação do profissional da informação**. São Paulo: Polis, 2002.

VEIGA, Cynthia Greive. **História da educação**. São Paulo: Ática, 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves. **O exercício disciplinado do olhar: livros, leituras e práticas de formação docente do Instituto de Educação do Distrito Federal (1932-1937).** Bragança Paulista, SP: Universidade São Francisco, 2001. (Coleção Estudos CDAPH. Série Historiografia).

_____. Escola nova e processo educativo. In: LOPES, Eliane M. T.; FARIA FILHO, Luciano M.; VEIGA, Cynthia G. (Org.). **500 anos de educação no Brasil.** BH: Autêntica, 2000.

VILLALTA, Luiz Carlos. O que se fala e o que se lê: Língua, Instrução e Leitura. *In*: SOUZA, Laura de Mello (org.) e NOVAIS, Fernando A. (dir.), *História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

WEGNER, Robert. **Livros do Arco do Cego no Brasil colonial**. *Hist. cienc. saude-Manguinhos* [online]. 2004, vol.11, suppl.1, pp. 131-140. ISSN 0104-5970. http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59702004000400007.

WEITZEL, S. R. O desenvolvimento de coleções e a organização do conhecimento: suas origens e desafios. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 7, n. 1, p. 61-67, jan./jun. 2002.

ZAVALLONI, Roberto. **Pedagogia franciscana. Desenvolvimentos e perspectivas**. Tradução de Celso Márcio Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1999.

APÊNDICE A: Lista de *Cadernos do IFAN* por ano das publicações, com a temática de cada fascículo e os autores dos artigos.

CADERNOS DO IFAN - COLEÇÃO 1992-2001

1992(01) - O HOMEM PERANTE O NOVO MILÊNIO

O projeto de humano da modernidade - Alberto da Silva Moreira
Introdução
1. A inspiração fundamental e programática da modernidade
2. O projeto de humano da modernidade ou a autocompreensão do homem moderno
3. Modernidade e América Latina, ou a humanidade negada ao pobre

A Concepção Franciscana do Homem - Vitório Mazzuco FILHO - OFM
1. Francisco e seu substrato medieval
2. A religião como modelo
3. A luta entre o bem e o mal
4. O "Homo Viator"
5. A penitência: um caminho para eliminar os excessos
6. O "Santo Propósito"
7. A "Floresta dos Símbolos"
8. A nobreza de costumes
9. O ser discípulo
10. Francisco e as criaturas
11. A cortesia como virtude: nobreza de atitudes
Conclusão

Etnografias do Feminino –Tania Dauster
Introdução
1. O humano feminino
2. Alegorias do feminino

Novo Paradigma do humano. Projeção de Busca – Emmanuel Carneiro Leão

1992(02) - MEMÓRIA E LIBERALISMO

Alberto da Silva Moreira

1992(03) - A QUESTÃO ENERGÉTICA: SEMINÁRIO SOBRE ENERGIAS ALTERNATIVAS

A questão energética – Frei José Altamiro Andrade e SILVA

Seminário de Energia Alternativa - José Luis Timone

Biodigestor-Programa de Aproveitamento de Lixo Orgânico das Feiras confinadas na cidade de São Paulo –Temístocles C. Cristófaro
1. A produção de gás metano e biogás
2. A produção de biofertilizante
3. Construção e custo do biodigestor

ENERGIA ORGÂNICA
Agricultura orgânica - **Pedro Jovchelevich**
Implantação de programa de coleta seletiva e reciclagem de lixo no município de Piracicaba – **Ana Lúcia Nakagawa, Maria Paula D.A. Marques e Waldir Vieira**

ENERGIA NUCLEAR
Energia nuclear – **Rui de Gois Leite**
Uma historia com ranço do autoritarismo – **Gabriel Bittencourt**
O Brasil e o programa nuclear paralelo: um esboço histórico – **Enrique Viana Arce**

ENERGIA SOLAR
Introdução à utilização da energia solar – **José Tomaz Vieira Pereira**
1. Introdução
2. Utilização da energia solar
3. Perspectivas da energia solar

Forno solar – **Mary Alice Duddy**

Painéis solares heliowartt – **Fernando B. Albuquerque**

ECO-ÉTICA
Eco-ética da alteridade – **Rosa Maria Vianna**
Ética e relações humanas - **Ken O'Neil**
A ecologia é multipolar – **Maurício Waldman**

Ecologia, ética e teologia - Frei Nilo Agostini
1. Soou o alarme
2. Uma civilização em crise
3. Queremos viver
4. Diferentes compreensões
5. A questão ética
6. Fundamentação teológica
7. É hora de agir!

1993(04) - 500 ANOS DE AMÉRICA

Abertura/Apresentação – Alberto da Silva Moreira

A sujeição das culturas e a reinvenção do subalterno – Marcos Tadeu Del Roio

A conquista: civilização ou barbárie? - Riolando Azzi
1. A perspectiva dos conquistadores
2. O horizonte dos dominados
Conclusão

A sociedade no divã. Procurando uma identidade não-desejada - Hector Hernan Bruit

"Depois vieram os homens Brancos..." Alguns documentos dos índios sobre eles e os brancos Carlos Rodrigues Brandão
1. Alguns pontos de partida
2. Nós, nações indígenas...
3. Tornar-se presente como índio

O estigma da imagem: a dramatização sobre o negro no séc. XIX - Eduardo Spiller Pena

Crônica dos anos de fogo - Paulo César Botas
1. O cristão e a revolução: o homem novo
2. Libertação e tomada do poder: a igreja popular
3. Cultura e revolução: a luta contra o preconceito e o autoritarismo

Herdeiros do genocídio: uma leitura teológica - Alberto da Silva Moreira
Introdução
A cristandade que invade o novo mundo
Os atores da conquista
Como era esse cristianismo?
As motivações da conquista
O custo humano da conquista e da colonização
Como experimentaram os índios a invasão
Questões colocadas à identidade cristã

1993(05) - A ÉTICA NA MEDICINA E NO DIREITO

Ética social na prática jurídica - Mário de Passos Simas

O Direito como instrumento de libertação – Dalmo de Abreu Dallari

O legal e o justo à luz da ética - Marcos Cezar de Freitas
Introdução
1. A meritocracia
2. A seletividade e a ausência de socorro
3. A barbárie
4. O injusto e o ilegal
5. Conclusão

Direito e ética social – Adelmo Fioranelli Junior
1. Introdução
2. Prática jurídica
3. Ética social
4. Ética social e estrutura do estado
5. Ética social e aplicação do direito
6. Ética social e conhecimento jurídico
7. Ética social, prática jurídica e a Constituição de 1988
8. Considerações finais

Por que falar de ética na prática médica? - Alberto da Silva Moreira
I. O contexto da pergunta pela ética na medicina
II.O que vem a ser Ética e sobretudo Ética Médica?
Conclusão

1993(06) - REFORMA AGRÁRIA E EDUCAÇÃO POPULAR

Apresentação - Alberto da Silva Moreira

Dimensões do conservadorismo na crise do capitalismo- o popular na educação e na questão agrária - **Marcos Cezar de Freitas**
Introdução
A democracia como valor universal e o reformismo revolucionário
O ser e o estar na fala dos outros
A modo de conclusão

Reforma agrária durante o estatuto da terra: um conto sem fadas e com muitas bruxas - Jonival Ferreira Cortes
1. Introdução
2. A ordem é resistir: a luta pela terra durante os anos de chumbo
3. O país em movimento
4. Participação política: em busca da democracia perdida
5. A fala dos trabalhadores rurais

6. As origens da ABRA: a defesa do estatuto da terra
7. A atuação da ABRA nos anos 1967 a 1974
8. O movimento da ABRA
9. Reforma agrária: dilemas e esperanças
10. Uma ação coerente

1994(07) - IGREJA E QUESTÃO AGRÁRIA

Apresentação - Alberto da Silva Moreira

O papel da igreja na questão agrária - Alberto da Silva Moreira
1. Retrospectiva Histórica
2. Igreja e conflito agrário sob a ditadura militar
3. A função social da igreja nos conflitos agrários
4. Uma igreja em luta contra o latifúndio
5. A dimensão política do trabalho da CPT
6. A dimensão teológica: ser o rosto camponês da igreja
7. Uma igreja do seguimento e do martírio
8. As características da violência
9. A direita se arma no campo
10. Memória da resistência e dimensão sacramental das lutas no campo
11. A relevância estratégica da(s) igreja(s) na questão agrária
12. A relevância estratégica da questão agrária para as igrejas
13. A relevância política da questão agrária
14. A relevância teológica da questão agrária

1994(08) - A SOCIEDADE MEDIEVAL : O MUNDO DE FRANCISCO DE ASSIS

Introdução - Alberto da Silva Moreira

A sociedade Medieval – Frei Ildefonso Silveira OFM
Introdução
1. Conceituação
2. Periodização da Idade Média
3. Elementos característicos da idade média
4. Feudalismo e feudalização da Europa
4.1. Feudalismo em Assis
4.2. Feudalismo na cúpula da igreja
4.3. Feudo- vassalismo nos mosteiros
4.4. Feudalização de toda a sociedade medieval européia
5. A cristandade medieval
5.1. A monasticização de instituições eclesiásticas
5.2. A cristandade contestada
Conclusão

1994(09) - DESENRAIZAMENTO E RELIGIOSIDADE DOS OPRIMIDOS : MÁGIA E BRUXARIA

Apresentação - Alberto da Silva Moreira

Desenraizamento e religiosidade dos oprimidos - Flávio Di Giorgi

Mesa redonda: Magia e buxaria - Flávio Di Giorgi
Abertura: **Hiro Kumasaka**
Magia e bruxaria: **Paula Montero**
Contraponto: **João Ribeiro Júnior**

Debates
Perguntas do público

1995(10) - TEMAS DE BIOÉTICA

Apresentação - Alberto da Silva Moreira

Transmissão da vida: polêmicas e desafios éticos - Frei Antonio Moser OFM
Introdução
1. Deus encontra-se na origem de todas as coisas
2. Tode ser humano é constituído à imagem do Criador
3. Cabe ao ser humano a administração de tudo o que existe
Conclusão

Mercantilização do corpo humano, mercado de órgãos, sangue, fetos, barriga de aluguel. Aspectos ético-jurídicos - Maria Celeste Cordeiro Leite dos Santos
1. Mudanças ocorridas
2. O que é Bioética?
3. Bioética e Direito
4. Mercantilização do corpo humano: o limite personalístico – O princípio da indisponibilidade do corpo de outrem
5. Conclusões

Manipulação Genética: entre a ficção e a realidade. Desafios ético-filosóficos - Antonio Sérgio Ramalho
O fascínio da nova genética
Os benefícios e os perigos da Engenharia Genética
Engenharia Genética e Educação

O mito de Asclépios e o médico lidando com a morte - Roosevelt M.S Cassorla
1. Onipotência
2. Indiferença
3. Agressividade

Mortalis: Os médicos e a morte - Carlos Alberto Pessoa Rosa
Introdução
A morte e o médico
A morte e os familiares
A morte e o paciente
Uma visão crítica
A quem pertence o direito de decidir pela morte?
A quem pertence nosso corpo?
Aspectos éticos e jurídicos da eutanásia
O médico, a sociedade e a eutanásia
Minha experiência e opinião sobre a eutanásia
Conclusão

1995(11) - MEDIEVALÍSTICA / DUNS SCOTUS / FÉ, POLÍTICA E MODERNIDADE

Apresentação - Alberto da Silva Moreira

As universidades e os franciscanos no século XIII - Alberto da Silva Moreira

Tomás de Aquino e Scotus: Aproximações e diferenças - Luis Alberto de Boni
Tomás e Scotus: dois mundos
O objeto do conhecimento humano
Analogia e univocidade
A existência de Deus: de princípios diferentes, por caminhos semelhantes a conclusões diferentes

Duns Scotus e o pensamento moderno - Clóvis Carvalho Júnior
I.Precursores e momento anterior: - a questão da univocidade na Ordem dos Frades Menores
II.O império do pensamento
III.A modernidade de Duns Scot
IV.Duns Scot e o Estado

Fé, política e modernidade na América latina – uma visão Franciscana - Alberto da Silva Moreira
Esclarecimento
A. Introdução

B. Visão de conjunto

C. Informação

I. Distinções hermenêuticas e históricas

II. Religião e Política na América Latina

III. Política e modernidade capitalista – um desafio radical ao movimento francisclariano
1. Um cenário mundial em rápida transformação
2. O quadro atual desde uma América Latina "excluída"
3. A amplitude dos desafios para a fé politicamente esclarecida
4. A tematização da relação fé e política nas igrejas da América Latina
5. O sentido de uma polítca libertadora
6. Como a fé pode contribuir para a tarefa política?

IV. A política na compreensão de Francisco e Clara
1. Como a política entra no universo de Francisco e do movimento Franciscano
2. Francisco e o conflito social a questão do poder
3. Francisco e a administração do conflito: a questão da reconciliação

V.A família franciscana: solidários com todos que lutam por uma sociedade economicamente justa e politicamente democrática

D. Conclusão

1995(12) - FRANCISCANISMO / ESTUDOS DE GENÊRO E MODERNIDADE

Apresentação - Alberto da Silva Moreira

Itinerário de Francisco de Assis - Ildefonso Silveira OFM
Introdução
1. O jovem Francisco di Bernardone busca a grandeza humana e encontra Jesus Cristo
2. Itinerário do encontro com Jesus Cristo
3. Qual Jesus Cristo Francisco encontrou?
4. A originalidade de Francisco
5. O santo admirado e amado por todos

Francisco e Clara: uma nova humanidade é possível - Antônio Moser OFM
Introdução
I. As faces múltiplas da humanização-des-humanização
II. Deus os quis diferentes fecundos e no amor
III. Francisco e Clara: símbolos de uma nova humanidade
Conclusão

Sobre São Francisco - Alberto da Silva Moreira
I. Interpelando um estranho

II. A era da autonomia e da vontade de poder
III. Algumas paragens onde a modernidade se depara com São Francisco
Conclusão

1996(13) - VISÃO FRANCISCANA DA VIDA E DO MUNDO

Cosmovisão Franciscana – Frei Orlando Bernardi, O.F.M.

Introdução

I. Um pouco do tempo e da vida de Francisco

A. Do tempo
1. O feudalismo
2. As comunas
3. As relações humanas
4. O papel do dinheiro
5. A situação da igreja

B. Da vida de Francisco
1. Vocação cavalheiresca
2. A fala do crucifixo
3. Os primeiros discípulos
4. A aprovação do seu modo de vida
5. As clarissas e a III Ordem da penitência
6. Problemas na fraternidade

II. Os ideais de Francisco
1. O Deus de Francisco
2. O Jesus Cristo de Francisco
3. A igreja de Francisco
4. O homem em Francisco
5. Francisco e a criação

III. A Escola Franciscana
1. Deus na escola franciscana
2. Cristo na escola franciscana
3. O homem na escola franciscana
4. A criação na escola franciscana

IV. A pedagogia franciscana
1. A personalidade de Francisco
2. Condução da fraternidade
3. O projeto formativo
4. Método educativo
5. Educar para a paz

Conclusão
Bibliografia

1996(14) - RELIGIÃO APÓS O SEU FINAL : ADORNO VERSUS HABERMAS

Religion tras su final: adorno versus Habermas – José A. Zamora*
I. Significación Del tema teológico em Habermas y adorno
II. Desencantamento y lingüistización racionalizadora
III. Persistencia residual de La religión después de La lingüistización
IV. Mundo de vida y discurso
V. Pensamiento mítico y evolución social

VI. Discurso y experiência corporal
VII. El estrato semântico más antiguo
VIII. Auschwitz y La Idea de reconciliación

1996(15) - NEOPENTECOSTALISMO / MERCADO DE TRABALHO

Apresentação - Alberto da Silva Moreira

Novas igrejas e movimentos religiosos: o pentecostalismo autônomo - Alberto da Silva Moreira
Introdução
1. Formação histórica do catolicismo brasileiro
2. Raízes históricas do pentecostalismo brasileiro
3. Demandas sociais e características do pentecostalismo autônomo
4. Desafios político-teológicos do pentecostalismo autônomo
Conclusão

Notas sobre o mercado de trabalho do pós-guerra nos países capitalistas centrais - Fernando Augusto Mansor de Mattos

1997(16) - PLANO REAL: O QUE É CIÊNCIA

Apresentação - Alberto da Silva Moreira

Contexto e perspectivas do plano real - Fernando Augusto Mansor de Mattos
Apresentação
Características gerais dos planos de estabilização latino-americanos nos anos 90
Plano real
Conta de capital e perspectivas do plano real
Conclusões possíveis

O que é ciência - Newton Freire-Maia
Como fazer uma pesquisa científica?
Onde fazer ciência?
As fraudes científicas
Ciência e Religião
A Ciência no Brasil
Pequena história da Ciência no Brasil
Expedições
Universidades
O problema da Bioética
O papel do governo
O futuro

1997(17) - ECONOMIA REGIONAL : BRAGANÇA PAULISTA

Apresentação - Alberto da Silva Moreira

Bragança Paulista: histórico e evolução recente de alguns indicadores - Alberto da Silva Moreira, Ednilson José Arendit, Fernando Augusto Manson de Mattos
Apresentação
Caracterização econômica

Meio ambiente: vida e morte. O impacto ambiental e sócio-econômico da duplicação da rodovia Fernão dias na região bragantina - Jonival Ferreira Côrtez, João Luis Hoefel, Andri Werner Stahel, Mara Rúbia Domingues
Introdução

Comentário sobre os trabalhos desenvolvidos
Trabalhos desenvolvidos
Pesquisa de campo
Resultados levantados pela pesquisa
Resultados gerais
Considerações finais

Processo de internacionalização da economia brasileira e tendências na região da alta bragantina - Adriana Gomes de Freitas, Jonival Ferreira Côrtes, Armando Tedeschi
Considerações gerais
Metodologia de trabalho
Resultados
Atividades produtivas na região de Bragança Paulista

Tecnologias apropriadas ao desenvolvimento. A apicultura em áreas de preservação ambiental – Um estudo na região bragantina - Nanci Costa da Silva, João Luis Hoefel
Introdução
Unidades de conservação
A área de proteção ambiental da bacia dos rios Piracicaba e Juqueri-Mirim (APA Piracicaba) e a preservação ambiental
Apicultura – considerações gerais
Produtos comerciais derivados da apicultura
Apicultura na região bragantina
Conclusão

1997(18) - FRANCISCANISMO E PÓS-MODERNIDADE

Apresentação - Alberto da Silva Moreira

A águia e a galinha - Leonardo Boff

São Francisco e os pós-modernos - Alberto da Silva Moreira
I. Interpelando um estranho
II. A era da mercadoria e da vontade de poder
III. Algumas paragens onde a modernidade se depara com São Francisco
Conclusão

O franciscanismo de santo Antonio - Orlando Bernardi OFM
Introdução
A experiência reconciliatória de Francisco
A fraternitas de Francisco, sua identidade
A difícil passagem da fraternidade para a ordem
Frei Antônio: mestre de teologia e pregador
Professor de teologia
Antônio pregador
Francisco e Antonio: diferenças e semelhanças
A santidade de ambos
Franciscanismo e/ou minorismo?
Conclusão

1998(19) - ECONOMIA E ÉTICA / URBANIZAÇÃO / MEIO AMBIENTE

Apresentação – Alberto da Silva Moreira

Globalização da economia e a deterioração da ética – Fernando Mattos
Apresentação
As transformações do capitalismo no pós-guerra
A emergência da ordem econômica global e a ressurreição da hegemonia liberal

Conclusões pouco definitivas

Adam Smith – ética e economia – Romano Cappelletto
Introdução
A "theory of moral sentiments"
"Riqueza das nações"

Urbanização e meio ambiente – Ednilson José Arendit
Introdução
A cidade e o meio ambiente
Expansão urbana e problemas socioambientais no Brasil: uma breve análise
Conclusão

1998(20/21) - MENINOS DE BARRO: TRABALHO INFANTIL NAS OLARIAS

Apresentação – Alberto da Silva Moreira

Introdução - Meninos de barro a sujeição da infância nas olarias de Bragança Paulista – Alberto da Silva Moreira, Fernando Augusto Mansor de Mattos, Edinilson José Arendit, Gabriela Fernanda Gentina

Capitulo I. Bragança Paulista: histórico e evolução recente
Apresentação
1.1. Caracterização econômica breve histórico
1.2. Perfil econômico atual
1.3. A importância das olarias no contexto econômico local

Capítulo II – Mudanças recentes na estrutura de emprego em Bragança Paulista
Introdução
2.1. Evolução na estrutura setorial do emprego formal em Bragança Paulista nos últimos 10 anos
Conclusões

Capítulo III – Caracterização das olarias do município de Bragança Paulista
Introdução
3.1. O caráter clandestino das olarias
3.2. O processo produtivo nas olarias
3.3. Avaliação do peso econômico da atividade oleira na economia do município de Bragança Paulista
3.4. Trabalho adulto

Capítulo IV – A incorporação do trabalho infantil nas olarias
4.1. Considerações sobre o trabalho infantil
4.2. O trabalho infantil e a unidade de produção familiar
4.3. Processo de trabalho e indicadores socioeconômicos e demográficos das crianças empregadas nas olarias
4.4. Análise dos questionários aplicados às crianças e adolescentes

Capítulo V – Infância na olaria
Introdução
5.1. Trabalho e dinheiro
5.2. Trabalho e atividade escolar
5.3. As meninas oleiras - do fogão ao barro
5.4. As crianças e a família
5.5. O lazer dos pequenos oleiros
5.6. Infância e religião

Capítulo VI – Proposta de programa de renda mínima para o município de Bragança Paulista
Apresentação do tema e exposição de motivos
Proposta de programa para garantir renda mínima às famílias

Conclusão
Anexos

1999(22) - PENSAMENTO FRANCISCANO EDUCAÇÃO ARTE SACRA

Apresentação – Alberto da Silva Moreira

Inspirações franciscanas para uma educação humanizadora – Alberto da Silva Moreira
O que significa **EDUCAR** em tal contexto? Educar no mundo das coisas vãs?
São Francisco e os horizontes da modernidade desencantada
Inspirações franciscanas para uma educação humanizadora

Iconografia religiosa: história e teologia dos crucifixos franciscanos – Orlando Bernardi OFM
1. A expressão religiosa na arte
2. Os ícones e sua expressão
3. O ícone como expressão artística
4. O oculto à cruz do senhor
5. A representação do crucificado
6. O século XIII
7. Os crucifixos dos sécs. XII e XIII
8. Os crucifixos franciscanos

1999(23) - SECULARIZAÇÃO? METAFÍSICA DO MERCADO PÚBLICO

Apresentação – Alberto da Silva Moreira

Uma querela de espíritos: para uma crítica brasileira do suposto desencantamento do mundo moderno – José Jorge de Carvalho
I. Caminhos da diversidade religiosa brasileira
II. Tradição e imaginação nos movimentos religiosos
III. Confrontos inter-religiosos e espaço público encantado

Crítica teológica ao sacrificialismo do mercado – Jung Mo Sung
I. Exclusão social e insensibilidade
II. As "causas" da insensibilidade social
III.Crítica à religião do mercado com base na teologia

O público e o privado na educação superior no Brasil nos anos noventa: a última reforma do século – João dos Reis Silva Jr, Valdemar Sguissardi
Introdução
Características da reconfiguração da educação superior brasileira
O diálogo do governo com os setores público, comunitário e privado
A mudança das esferas pública e privada na educação superior
A expansão do capital e a nova racionalidade da educação superior brasileira
Do estado de bem-estar social ao estado gestor
Conclusão

1999(24) - GLOBALIZAÇÃO, MERCOSUL, EDUCAÇÃO, MOVIMENTOS SOCIAIS

Apresentação – Alberto da Silva Moreira

Globalização e suas implicações sociais no mercosul – Jorge R. B. Tapia
Introdução
Globalização: mitos e realidade
Três mitos da globalização
Os argumentos contra os três mitos

Globalização e regionalismo: a experiência do Mercosul
A dimensão econômica
A situação social no Mercosul
Algumas evidências empíricas da situação social
Redução de empregos assalariados
Expansão das ocupações precárias
Indicadores de desenvolvimento humano
Considerações finais

Reformas educacionais, reconversão produtiva e a constituição de um novo sujeito – algumas notas com base em Lukács – João dos Reis Silva Junior

Movimentos sociales y alternativas de sociedad – Imanol Zubero
El componente cultural de los movimientos sociales
Um escenario de combate cultural
La política de la vida
Nuevos marcos dominantes de protesta
Constituirse em retos simbólicos
La importancia de la comunicación
Imaginar futuros posibles
Construir zonas liberadas
El reto de la eficacia política
Alianzas y bloques sociales
Los movimientos sociales como potencia débil

2000(25) - MONTAIGNE E A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO NO RENASCIMENTO

Apresentação – Alberto da Silva Moreira

Retrato inacabado: Montaigne e a formação do indivíduo na renascença – Liana Eppinghaus Barbalho Silva Teles
Prefácio
Introdução
Espaço – Do cosmo ao Infinito: a expansão do universo e o lugar do ser humano
Tempo – Presente: tempo de viver
Passado: a antiguidade
Novo mundo: a alteridade
Conclusão: a formação permanente do indivíduo para a liberdade
Bibliografia

2000(26) - INDÚSTRIA CULTURAL HINKELAMMERT E O SUJEITO, SUJEITO HUMANO E GLOBALIZAÇÃO

Apresentação – Alberto da Silva Moreira

Teoria crítica da indústria da cultura – José Antonio Zamora
I. Crise e crítica: a teoria crítica em seu contexto
II. A cultura na sociedade capitalista

Sujeito como transcendentalidade ao interior da vida real. Um diálogo com o pensamento de Franz Hinkelammert – Jung Mo Sung
1. Sujeito não é uma substância
2. Ser humano como sujeito e ator social
3. Sujeito e transcendentalidade ao interior da vida real
4. Sujeito e ilusão transcendental

La vuelta del sujeto humano reprimido frente a la estratégia de globalización – Franz J. Hinkelammert
El individuo calculador como punto de partida de la reflexión
El orden de los intereses materiales calculados
El quiebre interno de la persecución de los interesses materiales
La vuelta del sujeto reprimido y el bien común
Declaração final do colloquium 2000 – "faith communities and social movements facing globalisation"
Analysis of the problem
Experiences under globalization
Theological insights
Strategic options
We commit ourselves political action
Education
Religious and social movements

2000(27) - ENTRE O DESEJO E O DESPREENDIMENTO: A NOÇÃO DO DINHEIRO NA IGREJA PERFECT

Apresentação – Alberto da Silva Moreira

Entre o desejo e o desprendimento: a noção do dinheiro na igreja perfect liberty do Brasil – José Charles Paulino da Silva
Introdução

Capítulo I – A igreja perfect liberty do Brasil
1. Desenvolvimento histórico da Igreja PL
1.1. Origens
1.2. A vinda para o Brasil
1.3. A Igreja PL hoje no Brasil
1.3.1. O perfil do peelista brasileiro
2. A organização da Igreja PL
2.1. A hierarquia
2.1.1. Escala hierárquica da Igreja PL
2.2. As Igrejas, os blocos e os departamentos
2.3. As cerimônias
3. A doutrina religiosa peelista
3.1. A gênese da doutrina
3.2. O conceito de Deus
3.3. O conceito de salvação
3.4. Mishirassê e mioshiê
3.5. O oyashikiri
3.6. Os preceitos da Igreja PL
3.7. As instruções para a prática da vida religiosa da Igreja PL

Capítulo II – O dinheiro e a Igreja PL
1. Dinheiro, capitalismo e movimentos religiosos
2. Dinheiro segundo a Igreja PL
2.1. O dinheiro e a auto-expressão. A tensão entre o ter e o ser
2.2. O dinheiro e o espírito de doação – o dar para ser

Capítulo III – A prática e a visão do fiel: uma análise das entrevistas
1. Um novo enfoque do dinheiro
2. Treinando o desapego: a oferenda na prática e visão dos fiéis
2.1. O desapego: uma prática efetiva?
2.2. A gratuidade do hoshô e a emulação
2.3. Quando a benção não acontece
2.4. O efeito terapêutico da prática da doutrina
Conclusão
Notas

Bibliografia

2001(28) - SINCRETISMO / O CORPO NA MÍDIA / IGREJA CATÓLICA E GLOBALIZAÇÃO

Apresentação – Alberto da Silva Moreira

Sincretismo afro-católico no Brasil: lições de um povo em exílio – Afonso Maria Ligorio Soares
1. A contribuição afro-brasileira: sincretismo ou sincretização?
2. As religiões tradicionais africanas
3. Um novo olhar para o sincretismo religioso

Espelho eletrônico – Antonio Ribeiro de Almeida Junior
Narciso, mídia e lucro
Dimensão cultural das imagens e das representações do corpo
Socialização pela mídia
Aparência ontem e hoje
Alguns aspectos da socialização pela mídia

Embracing pop culture: the catholic church in the world market – Michael L. Bludde
Culture industries in the world economy
The pivotal culture industry
Christianity and global culture industries
Hyping the gospel
To resist or not to resist

2001 (29/30) - OS ESPIRITUAIS

Apresentação – Renato Kirchner

Os espirituais, hoje? – Frei Hermógenes Harada, OFM
Introdução
1. Os espirituais, um ponto de interrogação da perplexidade
2. O espírito dos espirituais
3. Espírito franciscano, hoje?
Conclusão

O lobo de gúbio: espiritualidade franciscana em tempos de conflitos- Apresentação – Alberto da Silva Moreira
Introdução
1. O livro dos Actus-Fioretti
2. O tempo dos Fioretti
3. Os franciscanos e a questão da pobreza de Cristo e dos Apóstolos
4. O lobo de Gúbio
5. Francisco e a administração do conflito – a questão da reconciliação
Conclusão

Ângelo Clareno, um espiritual inquieto – Frei Orlando Bernardi, OFM
Vida de Angelo Clareno
Clareno escritor
Itinerário espiritual
O seguimento como sinal identificador
Francisco, homem novo

APÊNDICE B: Lista dos títulos publicados pela Editora Vozes, separados por década, que compunham o acervo da biblioteca até o ano de 2010

1910-1919

- JORGENSEN, Johannes. **S. Francisco de Assis. Petrópolis**. Petrópolis: Vozes, 1916. 441p. (tem 1925, 1932, 1944)
- **OS FRANCISCANOS em São Paulo**: apontamentos históricos. Petrópolis: Vozes, 1915. 20p.
- SINZIG, Pedro. **Jahrbuch 1910 der suedbrasilianischen Franziskanerprovinz von der Unbefleckten Empfaengnis**. Petrópolis: Vozes, 1911. 84 p.
- SINZIG, Pedro. **Jahrbuch der suedbrasilianischen Franziskanesprovinz von der Unbefleckten Empfaengnis**. Petrópolis: Vozes, 1911. 766 p.
- SINZIG, Pedro. **Jahrbuch der suedbrasilianischen Franziskanerprovinz von der Unbefleckten Empfaengnis: 1913 und 1914**. Petrópolis: Vozes, 1915. 266 p.
- SINZIG, Pedro. **Jahrbuch der suedbrasilianischen Franziskanesprovinz von der Unbefleckten Empfaengnis: 1911 und 1912**. Petrópolis: Vozes, 1913. 171 p.
- SINZIG, Pedro. **Sei compor.** Petrópolis: Vozes, 1919. 262 p.

1920-1929

- ALENCAR, Brazilina de. **O sol de Assis. Petrópolis**: Vozes, 1926. 75 p.
- BIANCHINI, Ermenegildo. **A Regra dos Frades Menores**. Petrópolis: Vozes, 1925. 116 p.
- CATECISMO da Venerável Ordem Terceira de S. Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1928. 87 p.
- FELDER, Hilarin. **Os ideais de São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1926. 666 p.
- JORGENSEN, Johannes. **S. Francisco de Assis**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1925. 456 p.
- SILVA, D. Francisco de Paula e. **Vida de S. Francisco de Paula:** fundador e primeiro Superior Geral dos Mínimos. Petrópolis: Vozes, 1925. 216 p.
- SINZIG, Pedro. **São Francisco de Assis e seu culto no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1926. 175 p.

1930-1939

- BRANDAO, Ascanio, Pe. **Eva Lavalliere, Terceira Franciscana.** Petrópolis: Vozes, 1936. 64 p.
- 14 ESBOCOS. Petrópolis: Vozes, 1931. 16 p.
- O CAMINHO reto da perfeição cristã. Petrópolis: Vozes, 1938. 110 p.
- CONGRESSO Regional da Ordem Terceira de São Francisco de Assis - Rio, 21 a 23 de Abril de 1939. Petrópolis: Vozes, 1939. 117 p.

- **ESCRIPTOS espirituales de S. Boaventura**. Petrópolis: Vozes, 1936. 294 p.
- **ESCRIPTOS espirituales de S. Boaventura**. Petrópolis: Vozes, 1937. 231 p.
- FREITAS, Diogo, Fr. **Elenco biográfico**: religiosos antigos da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1931. 406 p.
- GOLLAND TRINDADE, Henrique b. 1897. **Os contos de Frei Jacopone**. Petrópolis: Vozes, 1933. 125 p.
- GOLLAND TRINDADE, Henrique. **O operário penitente Matt Talbot da Ordem IIIª de São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1937. 180 p.
- HASELBECK, G., Fr. **Os mananciais da vida franciscana.** Petrópolis: Vozes, 1933. 107 p.
- JORGENSEN, Johannes. **S. Francisco de Assis**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1932. 434 p.
- MÄDER, Robert. **Viva Christo-Rei!** Petrópolis: Vozes, 1930. 144 p.
- A ORDEM Terceira de S. Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1935. 30 p.
- **OS OPÚSCULOS de S. Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1935. 222 p.
- **PRECES Communes: ad usum Provinciae Immaculatae Conceptionis B. M. V**.. Petrópolis: Vozes, 1934. 93 p.
- PRONTUARIO dos Terceiros Franciscanos. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1932. 161 p
- **A PROVINCIA Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil**: na festa do centenário da Independência Nacional 1822-1922. Petrópolis: Vozes, 1922. 334 p.
- SCHNEIDER, Saturnino. **Escritos espirituais de S. Boabentura.** Petrópolis: Vozes, 1937. 2 v.
- SCHNEIDER, Saturnino. **Vida de São Pascoal Baylao.** Petrópolis: Vozes, 1936. 207 p.
- RÖWER, Basílio. **O Convento de São Boaventura de Macacu e o hospício de S. Sebastião de Araruama**: subsídios para a historia dos franciscanos da Província da Imaculada Conceição do Brasil. Petrópolis: Vozes, 1935. 47 p.
- RÖWER, Basílio. **Os franciscanos nos campos dos Goytacazes: subsídios para a história dos Franciscanos da Prov. da I. C**. Petrópolis: Vozes, 1934. 46 p.
- SINZIG, Pedro; RÖWER, Basílio. **Cecília:** manual de cânticos sacros. Petrópolis: Vozes, 1939. 288 p.
- SINZIG, Pedro. **Um apóstolo dos nossos dias: resumo da biografia "Frei Rogério Neuhaus".** Petrópolis: Vozes, 1936. 183 p.
- STICCO, Maria. **São Francisco de Assis. Petrópolis**: Vozes, [1937]. 439 p.
- THIEMAN, Pachomio, Fr. **Santa Margarida de Cortona.** Petrópolis: Vozes, 1938. 223 p.
- THUREAU-DANGIN, Paulo. **Um pregador popular na Itália da renascença:** São Bernardino de Sena. Petrópolis: Vozes, 1937. 263 p.
- XAVIER, Francisco. **Santa Clara: a plantinha de São Francisco.** Petrópolis: Vozes, 1934. 78 p.

1940-1949

- ALCIRA, Fidel de. **Conferencia sobre a ordem terceira franciscana.** Petrópolis: Vozes, 1945. 2 v.
- BERRI, Cancio, Fr. **Vida de Santo Antonio contada às crianças.** Petrópolis: Vozes, 1948. 126 p.

- BUECKER, Donato, Fr. **Normas para o governo de fraternidades da Ordem Terceira de S. Francisco de Assis.** Petrópolis: Vozes, 1947. 115 p.
- CASTRO, Américo Mendes de Oliveira. **Frei Luiz**. Petrópolis: Vozes, 1942. 197 p.
- DELGADO, Conrado, P. **De relationibus inter parochum religiosum et eius superiores regulares.** Petrópolis: Vozes, 1943. 156 p.
- GEMELLI, Agostino. **O franciscanismo.** Petrópolis: Vozes, 1944. 468 p.
- GOLLAND TRINDADE, Henrique. **Subida ao Monte Alverne**: pequeno tratado de espiritualidade franciscana. Petrópolis: Vozes, 1941. 147 p.
- GUIA da vida interior: para Terceiros Franciscanos. Petrópolis: Vozes, 1943. 126 p.
- **I FIORETTI de São Francisco de Assis**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1940. 278 p
- JORGENSEN, Johannes. **Escalada do Alverne**. Petrópolis: Vozes, 1942. 230 p.
- JORGENSEN, Johannes. **S. Francisco de Assis**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1944. 397 p.
- JORGENSEN, Johannes. **Peregrinações franciscanas.** Petrópolis: Vozes, 1943. 397p.
- LEKEUX, Martial. **O bem-aventurado Luquesio:** comerciante e enfermeiro. Petrópolis: Vozes, 1947. 59 p.
- Mariófilo. Maria **Santíssima, espelho da mocidade**: assim devo ser! assim posso ser! assim quero ser!. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1945. 94 p.
- MEUFFELS, Huberto, Pe. **Os mártires de Gorcum:** episodio das guerras religiosas do século XVI. Petrópolis: Vozes, 1949. 198 p.
- NEIVA, Sebastião da S. **Heróis desconhecidos.** Petrópolis: Vozes, 1946. 93 p.
- No Monte Tabor: três dias de retiro espiritual. Petrópolis: Vozes, 1944. 92 p.
- O'BRIEN, Isidoro. **S. Antonio intimo:** vida do taumaturgo de Pádua. Petrópolis: Vozes, 1947.
- **A ORDEM de Frades Menores Capuchinhos**. Petrópolis: Vozes, 1948. 272 p.
- **OS OPÚSCULOS de S. Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1943. 221 p.
- Pierre-Baptiste. **Espírito da Ordem Terceira Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1944. 282 p.
- PIMENTEL, Mesquita. **A caridade fraterna na ordem terceira franciscana.** Petrópolis: Vozes, 1941. 69 p.
- REGRA e Constituições Gerais das Religiosas Franciscanas da Ordem da Conceição da B. V. M.. Petrópolis: Vozes, 1944. 222 p.
- RÖWER, Basílio. **Paginas de historia franciscana no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1941. 660 p.
- RÖWER, Basílio. **Os franciscanos no Sul do Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1943. 77 p.
- RÖWER, Basílio. **O Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro**. Petrópolis: Vozes, 1945. 466 p.
- RÖWER, Basílio. **A Ordem Franciscana no Brasil**. 2. ed., aum. Petrópolis: Vozes, 1947. 216 p
- RÖWER, Basílio. **Santo Antonio:** vida, milagres, culto. Petrópolis: Vozes, 1949. 160 p
- SA, Carlos. **Retrato de São Francisco de Assis.** Petrópolis: Vozes, 1945. 268 p
- SAINT-MAURICE, Béraud de. **João Duns Scot, doutor dos tempos novos**. Petrópolis: Vozes, 947. 323 p.
- SCHMITT, Elzeário. **As bem-aventurancas franciscanas**. Petrópolis: Vozes, 1949. 91 p.

- WILLAM, Franz Michel. **Vida de Maria, mãe de Jesus**. Petrópolis: Vozes, 1940. 447 p.

1950-1959

- ALMEIDA, Aluísio de. **São Paulo, filho da igreja**. Petrópolis: Vozes, 1957. 221 p.
- BAEZ, Agustin; PONTE, J. M. Nunez. **São Francisco: patrono da ação católica**. Petrópolis: Vozes, 1950. 256 p.
- BAGGIO, Hugo D. **A dama da Imaculada:** traços biográficos da B. Beatriz da Silva e Menezes. Petrópolis: Vozes, 1955. 53 p.
- BARBET, Pierre. **Frei Jacopone de Todi.** Petrópolis: Vozes, 1957. 90 p.
- BEUTTENMILLER, Leonila Linhares. **Frei Pedro Sinzig**. Petrópolis: Vozes, 1955. 207 p.
- CABRE, Francisco, Fr**. Perfil de São Francisco Solano**: apostolo da Argentina e do Peru 1549-1610. Petrópolis: Vozes, 1952. 134 p.
- CASTRO, Fernando Pedreira de. **Dom Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira**: o heróico bispo de Olinda. Petrópolis: Vozes, 1956. 176 p.
- CASTRO, João José Pedreira de. **Frei Fabiano de Cristo.** Petrópolis: Vozes, 1957. 206 p.
- CHANCEREL, Leon. **São Luis de Tolosa.** Petrópolis: Vozes, 1958. 109 p.
- CHRISTOPHE, Jacques. **Santa Rosa de Viterbo.** Petrópolis: Vozes, 1957. 91 p.
- DIRETORIO da Regra de São Francisco. Petrópolis: Vozes, 1958. 351 p.
- DUHAMELET, Genevieve. **Santo Elzeario e a bem aventurada Delfina.** Petrópolis: Vozes, 1956. 101 p.
- ENGLEBERT, Omer; PICCOLO, Pacomio S., Fr. **São Pascoal Bailao:** patrono dos Congressos Eucarísticos. Petrópolis: Vozes, 1955. 77 p.
- **O ESPELHO da perfeição**. Petrópolis: Vozes, 1975. 119 p.
- GOLLAND TRINDADE, Henrique. **Matt Talbot**: o operário penitente. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1957. 181 p.
- GRABMANN, Martin. **Introdução à suma teológica de Santo Tomás de Aquino**: introdução histórica e prática. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1959. 149 p.
- FELDER, Hilarin. **Os ideais de S. Francisco de Assis**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1953. 447 p.
- HOEPERS, Mateus. **Os papas da Ação Católica e a Ordem Terceira Franciscana.** Petrópolis: Vozes, 1952. 37 p.
- **I FIORETTI de São Francisco de Assis.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1950. 287 p.
- JANSSEN, Julio, Fr. **Novena em honra de São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1954. 72 p.
- JORGENSEN, Johannes. **São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1957. 415 p.
- LAURENTIN, René. **Sentido de Lourdes**. Petrópolis: Vozes, [1957]. 126 p.
- **LEGENDA dos três companheiros**. Petrópolis: Vozes, 1954. 128 p.
- LOPES, Roberto Belarmino 1919-. **Cancioneiro da dona pobreza**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1956. 95 p

- LOPES, Roberto Belarmino. **Monte Alverne**: pregador imperial - 1858-1958. Petrópolis: Vozes, 1958. 227 p
- MARISTELA. **Frei Galvão bandeirante de Cristo**. Petrópolis: Vozes, 1954. 215 p.
- MANUAL Seráfico: Orações para uso dos Irmãos Menores. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1953. 180 p.
- MUSICA sacra. Petrópolis: Vozes, 1953. 6 v.
- **ORDENACOES** Provinciais e Costumeiro da Província de Imaculada Conceição da B. M. V.. Petrópolis: Vozes, 1957. 59 p.
- **OS OPÚSCULOS** de S. Francisco de Assis. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1956. 162 p.
- PERANTONI, Pacifico M. Luigi. **A espiritualidade franciscana**: carta encíclica. Petrópolis: Vozes, 1950. 56 p.
- PIMENTEL, Mesquita. **São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1952. 64 p.
- PIO XII, Papa. **O espírito de Cristo na Ordem Terceira Franciscana.** Petrópolis: Vozes, 1956. 15 p.
- REGRA e Constituições da Ordem Terceira de São Francisco. Petrópolis: Vozes, 1959. 84 p
- ROMAG, Dagoberto. **A Ordem dos Frades Menores**. Petrópolis: Vozes, 1953. 165 p.
- RÖWER, Basílio. **História da Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil**: através da atuação de seus provinciais de 1967 a 1901. Petrópolis: Vozes, 1951. 308 p.
- RÖWER, Basílio. **Os franciscanos no Sul do Brasil durante o século XVIII**. Petrópolis: Vozes, 1954. 92 p.
- RÖWER, Basílio. **Paginas de historia franciscana no Brasil**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1957. 568 p.
- SINZIG, Pedro. **Pela mão de uma menina**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1957. 207 p.
- STICCO, Maria. **São Francisco de Assis**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1955. 286 p.
- SURIAN, Carmelo. **Desiderio desideravi, o reino eucarístico.** Petrópolis: Vozes, 1957. 189 p.

1960-1969

- AMORIM, Guedes de. **Francisco de Assis**: renovador da humanidade. Petrópolis: Vozes, 1965. 399 p.
- BERRI, Cancio, Fr. **Vida de São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1960. 157 p.
- BERRI, Cancio, Fr. **Vida de Santo Antonio, contada as crianças.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1961. 118 p.
- BETTONI, Efrem. **Visão franciscana da vida**. Petrópolis: Vozes, 1963. 181 p.
- BOAVENTURA; TEILHARD DE CHARDIN, Pierre. **Itinerário do cosmo ao Omega**. Petrópolis: Vozes, 1968. 110 p.
- CHAUCHARD, Paul. **Teilhard de Chardin e o otimismo da cruz**. Petrópolis: Vozes, 1967. 63 p.
- CHOISY, Maryse. **Teilhard e a Índia**. Petrópolis: Vozes, 1967. 51 p.
- CUYPERS, Hubert. **Vocabulário Teilhard**. Rio de Janeiro: Vozes, 1967. 117 p.

- DEVAUX, André A. **Teilhard e Saint-Exupéry**: divergências e concordâncias. Petrópolis: Vozes, 1967. 80 p.
- FORMA de vida para os sacerdotes e seminaristas da Ordem Terceira Secular de São Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1963. 31 p.
- **HOMENAGEM** da Paróquia de N. Sra. do Desterro de Quissama aos Revmos. Padres Franciscanos. Petrópolis: Vozes, 1962. 39 p.
- **I FIORETTI** de São Francisco de Assis. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1964. 221 p.
- KOSER, Costantino. **O pensamento franciscano**. Petrópolis: Vozes, 1960. 170 p
- LIGNEUL, André. **Teilhard de Chardin e o personalismo**. Petrópolis: Vozes, 1968 77 p.
- MAGLOIRE, George. **Teilhard e o sinantropo**. Rio de Janeiro: Vozes, 1967. 64 p.
- MARIA TERESALINA, Me. **Ate a morte.** Petrópolis: Vozes, 1966. 125 p
- MEYER, François. **Teilhard e as grandes rotas do mundo vivo**. Petrópolis: Vozes, 1967. 53 p.
- MEYER, François. **Teilhard e as grandes rotas do mundo vivo**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1969. 53 p.
- PALAZZOLO, Jacinto de, Fr. **Crônica dos Capuchinhos do Rio de Janeiro**. Petrópolis: Vozes, 1966. 374 p.
- PALMARES, Rafael de União dos, Pe. **A flor do evangelho.** Petrópolis: Vozes, 1963. 61 p.
- PRIMEIRO Congresso Nacional Franciscano em São Lourenço. Petrópolis: Vozes, 1964. 173 p.
- RIVIÈRE, Claude; DETREZ, Conrad. **Teilhard, Claudel e Mauriac**. Petrópolis: Vozes, 1967. 56 p.
- RÖWER, Basílio. **O Convento de N. Senhora da Penha do Espírito Santo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1965. 111 p.
- RÖWER, Basílio. **Santo Antonio:** vida, milagres, culto. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1968. 152 p.
- SECRETARIADO NACIONAL DA ORDEM TERCEIRA FRANCISCANA NO BRASIL. **Manual da Ordem Terceira de São Francisco.** Petrópolis: Vozes, 1960. 444 p.
- SCHILLEBEECKX, Edward. **Maria, Mãe da redenção**: linhas mestras religiosas do Mistério Mariano. Petrópolis: Vozes, 1966. 127 p.
- WILLEKE, Venâncio. **A praxe adotada pelos franciscanos nas missões entre os índios**: 1585-1619. Petrópolis: Vozes, 1963. 278 p.
- WILLEKE, Venâncio. **Franciscanos no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1969. 102 p. (Separata da Revista de Cultura Vozes n. 5)

1970-1979

- ARANGO, José Mario Jaramillo. **Francisco de Assís**: o cavalheiro da pobreza. Petrópolis: Vozes, 1970. 59 p
- A REGRA e as Constituições Gerais da Ordem dos Frades Menores. Petrópolis: Vozes, 1974. 199 p.
- BAGGIO, Hugo D. **Francisco mostrou o caminho**. Petrópolis: Vozes, 1972. 103 p
- BAGGIO, Hugo D. **Joana Angelica: mártir da independência**. Petrópolis: Vozes, 1972. 55 p.

- BAGGIO, Hugo D. **Madre Maria de Jesus Crucificado**. Petrópolis: Vozes, 1973. 125 p.
- BAGGIO, Hugo D. **O irmão Francisco passa entre os homens**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. 95 p. (Coleção estudos franciscanos)
- BAGGIO, Hugo D. **Santa Maria, rogai por nós.** Petrópolis: Vozes, 1976. 31 p.
- BAGGIO, Hugo D. **Pão e peixe no deserto.** Petrópolis: Vozes, 1977. 66 p.
- BAGGIO, Hugo D. **Santa Beatriz da Silva e Menezes.** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1978. 112 p.
- BOAVENTURA. **Legenda maior e legenda menor:** vida de São Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes : CEFEPAL, 1979. 202 p.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. **História da filosofia cristã**: desde as origens até Nicolau de Cusa. Petrópolis: Vozes, 1970. 582 p.
- BOFF, Clodóvis. **Teologia e prática**: teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978. 408 p.
- BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo**: ensaio sobre a vocação humana. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1974. 166 p.
- BOFF, Leonardo. **A fé na periferia do mundo.** 2. ed Petrópolis: Vozes, 1979. 128 p.
- BOFF, Leonardo. **A vida religiosa e a igreja no processo de libertação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes: Conferência dos Religiosos do Brasil, 1976. 101 p.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodóvis. **Da libertação**: o sentido teológico das libertações sócio-históricas. Petrópolis: Vozes, 1979. 114 p. (Centro de investigação e divulgação)
- BOFF, Leonardo. **O evangelho do Cristo cósmico:** a realidade de um mito, o mito de uma realidade. Petrópolis: Vozes, 1971. 121 p.
- BÓRMIDA, Jerônimo. **A oração dos Irmãos Menores.** Petrópolis: Vozes: CEFEPAL, 1979. 64 p.
- CONSTITUICOES da Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora do Amparo. Petrópolis: Vozes, 1979. 69 p.
- CONSTITUICOES Gerais da Ordem dos Frades Menores. Petrópolis: Vozes, 1971. 159 p.
- DOCUMENTOS do Capítulo Geral de Medellin: 178º da Ordem Franciscana. Petrópolis: Vozes, 1971. 94 p.
- DOORNIK, N. G. M. van. **Francisco de Assis, profeta de nosso tempo**. Petrópolis: Vozes: CEFEPAL, 1976. 199 p.
- DUNS SCOTUS, John. **Pode-se provar a existência de Deus?** Petrópolis: Vozes, 1972. 87 p.
- ESSER, Kajetan; HARDICK, Lothar. **Os escritos de São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1970. 289 p.
- ESSER, Kajetan. **Origens e espírito primitivo da Ordem Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1972. 310 p.
- GUTIÉRREZ, Gustavo. **Teologia da libertação: perspectivas**. Petrópolis: Vozes, 1975. 274 p.
- HOEPERS, Mateus. **Novas fraternidades franciscanas seculares.** Petrópolis: Vozes : CEFEPAL, 1979. 122 p.
- HOEPERS, Mateus. **Roteiros de formação dos franciscanos seculares do Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1973. 69 p.

- **I FIORETTI** de São Francisco de Assis. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1973. 254 p.
- ITINERARIO franciscano. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1973. 143 p
- KOSER, Costantino. **Carta Encíclica:** por ocasião dos 750 anos desde a estigmatização de S. F.. Petrópolis: Vozes, 1975. 14 p.
- KOSER, Costantino. **Vida com Deus no mundo de hoje.** Petrópolis: Vozes, 1971. 210p.
- LAGENEST, J. P. Barruel de. **Elementos de sociologia da religião**: guia para pesquisas. Petrópolis: Vozes, 1976. 70 p.
- Lazaro. **Vocação franciscana**. Petrópolis: Vozes, 1976. 214 p.
- Lazaro. **Vocação franciscana**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1977. 215 p.
- LECLERC, Eloi 1921-. **O cântico das criaturas ou os símbolos da união**. Petrópolis: Vozes, 1977. 189 p.
- **LEGENDA** dos três companheiros. Petrópolis: Vozes, 1978. 78 p.
- **LEGENDA** dos três companheiros. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1978. 78 p.
- Manuel da Ilha. **Narrativa da Custódia de Santo Antonio do Brasil - 1584/1621.** Petrópolis: Vozes: Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil, 1975. 148p.
- MARCINISZYN, Albano, Fr. **Convento de Santo Antonio do Rio de Janeiro**. Petrópolis: Vozes, 1975. 39 p. (Separata da revista franciscanan. 48, ano LII)
- MATURA, Thaddée. **O projeto evangélico de Francisco de Assis.** Petrópolis: Vozes: CEFEPAL, 1979. 91 p.
- MINISTROS GERAIS DA FAMILIA FRANCISCANA. **Irmãos, vamos começar:** Carta Encíclica. Petrópolis: Vozes, 1975. 23 p.
- MINISTROS GERAIS DA FAMILIA FRANCISCANA. **Sempre levava Jesus nos membros:** Carta Encíclica. Petrópolis: Vozes, 1978. 32 p.
- MOURA, Abdalazis de. **Frei Damião e os impasses da religião popular.** Petrópolis: Vozes, 1978. 103 p.
- MUELLER, Andreas. **Missionare im Lernprozess.** Petrópolis: Vozes, 1979. 223 p.
- MURARO, Rose Marie; SILVEIRA, Ildefonso. **São Francisco de Assis**: em quadrinhos. Petrópolis: Vozes, 1976. 39 p.
- NEOTTI, Clarêncio. **Centenário da Igreja do Sagrado Coração de Jesus**: 1874-1974. Petrópolis: Vozes, 1974. 21 p.
- NEOTTI, Clarêncio (Coord.). **Nosso irmão:** Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1975. 291 p.
- NITHACK, Eduardo Chagas, Fr.; COSTELLA, Antonio. **Novena em louvor a São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1978. 71 p.
- NIGG, Walter. **O homem de Assis:** Francisco e seu mundo. Petrópolis: Vozes, 1975. 142 p
- NOVO cerimonial para a OFS do Brasil: aprovado "ad experimentun" pelo Conselho dos Quatro Comissari. Petrópolis: Vozes, 1971. 23 p.
- **O ESPELHO** da perfeição. Petrópolis: Vozes, 1975. 119 p.
- **O ESPELHO** da perfeição. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1979. 119 p.

- REGRA e Constituições Gerais das Monjas Franciscanas da Ordem da Imaculada Conceição da Bem-Aventura. Petrópolis: Vozes, 1976.185 p.
- STICCO, Maria. **São Francisco de Assis**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1978. 287 p.
- Thomas. **Vida de São Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1975. 223 p.
- Thomas. **Vida de São Francisco de Assis**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1976. 221 p.
- WILLEKE, Venâncio. **Franciscanos na história do Brasil.** Petrópolis: Vozes, 1977 152 p.
- WILLEKE, Venâncio. **Franciscanos no Maranhão e Piauí:** 1600/1878, 1952/1977. Bacabal: Vozes, 1978. 146 p.
- WILLEKE, Venâncio. **Missões franciscanas no Brasil**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1978 197 p.

WILLEKE, Venâncio. **Missões franciscanas no Brasil:** 1500-1975. Petrópolis: Vozes, 1974. 201 p.

1980-1989

- BAGGIO, Hugo D. **Feixe de espigas**. Petrópolis: Vozes, 1982. 62 p.
- BAGGIO, Hugo D. **Frei Rogerio Neuhaus**: o missionário do Planalto Catarinense. Petrópolis: Vozes, 1983. 95 p.
- BAGGIO, Hugo D. **Frei Junipero Serra**: o desbravador da Califórnia. Petrópolis: Vozes, 1985. 126 p. (Coleção heróis franciscanos)
- BAGGIO, Hugo D. **Zaqueu, desce da árvore.** Petrópolis: Vozes, 1986. 95 p.
- BAGGIO, Hugo D. **Clara de Assis, a plantinha de São Francisco.** Petrópolis: Vozes, 1988. 93 p.
- BETTO, Frei. **Cristianismo & marxismo.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1986. 47 p
- BOFF, Clodóvis et al. **Cristãos:** como fazer política. Petrópolis: Vozes, 1987. 165 p.
- BOFF, Leonardo**. Teologia do cativeiro e da libertação**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1980. 274 p.
- BOFF, Leonardo. **Igreja, carisma e poder**: ensaios de eclesiologia militante. Petrópolis: Vozes, 1981-1982. 249 p.
- BOFF, Leonardo et al. **O franciscanismo no mundo de hoje**. Petrópolis: Vozes, 1981. 118 p.
- BOFF, Leonardo. **São Francisco de Assis**: ternura e vigor: uma leitura a partir dos pobres. Petrópolis: Vozes, 1981. 197 p.
- BOFF, Leonardo; BUHLMANN, Walbert (Coord.). **Os franciscanos ante os desafios do Terceiro Mundo**: Congresso Missionário Interfranciscano de Mattli (Suiça), realizado de 13 a 25 de setembro de 1982. Petrópolis: Vozes: CEFEPAL, 1983. 250 p.
- BOFF, Leonardo. **Francisco de Assis**: homem do paraíso. Petrópolis: Vozes, 1985.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodóvis. **Teologia da libertação no debate atual**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 77 p.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodóvis. **Teologia da libertação no debate atual**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 77 p.
- BOFF, Leonardo; BOFF, Clodóvis. **Como fazer teologia da libertação**. Petrópolis: Vozes, 1986. 141 p.

- BOFF, Leonardo. **Teologia do cativeiro e da libertação**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 1987. 271p
- BOFF, Leonardo. **O caminhar da igreja com os oprimidos**: do vale de lágrimas rumo à Terra Prometida. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. 351 p
- CLARA. **Os escritos de Santa Clara.** Petrópolis: Vozes: CEFEPAL, 1981. 120 p.
- COMBLIN, Joseph. **Teologia da libertação, teologia neoconservadora e teologia liberal**. Petrópolis: Vozes, 1985. 135 p.
- CONTI, Martino. **Leitura bíblica da Regra Franciscana.** Petrópolis: Vozes : CEFEPAL, 1983. 307 p.
- DUQUOC, Christian; FLORISTÁN SAMANES, Casiano; LE GOFF, Jacques et. al. **Francisco de Assis**: além do tempo e do espaço. Petrópolis: Vozes, 1981. 109 p.
- OS ESCRITOS de Santa Clara. Petrópolis: Vozes : CEFEPAL, 1981. 120 p.
- ESSER, Kajetan; HARDICK, Lothar. **Os escritos de São Francisco de Assis**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1982. 289 p.
- FLOOD, David. **Frei Francisco e o movimento franciscano.** Petrópolis: Vozes : CEFEPAL, 1986. 211 p.
- FREZZA, Vincenzo. **Ordem Franciscana Secular**: uma forma de vida evangélica: reflexões sobre a Regra da Ordem Franciscana Secular. Petrópolis: Vozes: CEFEPAL, 1986. 112 p.
- GODET, Jean-Francois, Fr. **Regra e vida dos irmãos e irmãs da Terceira Ordem Regular de São Francisco.** Petrópolis: Vozes : CEFEPAL, 1983. 117 p.
- GOLLARTE, Paulo. **Deus tem a palavra:** homilias. Petrópolis: Vozes, 1981. 208 p
- HILLESHEIM, Salésio Lourenço; IAKOVACZ, Luiz. **Cantor do Irmao Sol.** Petrópolis: Vozes, 1987. 477 p.
- LAPIDE, Pinchas. **O Sermão da Montanha:** utopia ou programa? Petrópolis: Vozes, 1986. 135 p.
- LAZARO. **História franciscana.** Petrópolis: Vozes: CEFEPAL, 1985. 637 p.
- LECLERC, Eloi. **Francisco de Assis:** o retorno ao evangelho. Petrópolis: Vozes: CEFEPAL, 1983. 134 p.
- LORTZ, Joseph. **Francisco de Assis, o santo incomparável**. Petrópolis: Vozes: CEFEPAL, 1982. 89 p.
- **O POVERELLO**: 800 anos em louvor de Cristo, Amem. Petrópolis: Vozes, 1982. 528 p.
- PEDROSO, José Carlos Corrêa. **Dona pobreza**. Petrópolis: Vozes, 1981. 178 p. PIXLEY, Jorge V.; BOFF, Clodóvis. **Opção pelos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1986. 280 p.
- PIXLEY, Jorge V.; BOFF, Clodóvis. **Opção pelos pobres.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- SALVADOR, Angelo Domingos, Fr. **Formação para a vida franciscana.** Petrópolis: Vozes : CEFEPAL, 1981. 176 p.
- SFREDO, Joaquim, Irmão. **Santo Antonio me ajuda:** reflexões sobre Santo Antonio. Petrópolis: Vozes, 1985. 117 p.
- SILVEIRA, Ildefonso; REIS, Orlando dos (Org.). **São Francisco de Assis:** escritos e biografias de São Francisco de Assis: crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. Petrópolis: Vozes : CEFEPAL, 1981. 1372 p.

- SURIAN, Carmelo. **Dinâmica do desejo**: Freud, Cristo, Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1982. 178 p.
- TONUCCI, Paulo M. **Teologia da libertação, o que é?** 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1985. 33 p.
- TREZENA de Santo Antonio e a liturgia da missa. Petrópolis: Vozes, 1980. 137 p.
- ZUDAIRE, Jaime, Fr. **Espiritualidade secular franciscana:** reflexões sobre a Regra da OFS. Petrópolis: Vozes : CEFEPAL, 1984. 121 p.

1990-1999

- ABATI, Atílio, Fr. **Novena de Santa Clara.** Petrópolis: Vozes, 1997. 55 p.
- ALDUNATE, José (Coord.). **Direitos humanos, direito dos pobres**. Petrópolis: Vozes, 1991. 207 p.
- ASSMANN, Hugo. **René Girard com teólogos da libertação**: um diálogo sobre ídolos e sacrifícios. Petrópolis: Vozes; Piracicaba [SP]: Unimep, 1991. 331 p.
- BALEN, Cláudio van. **Salmos:** rezar a vida. Petrópolis: Vozes, 1995. 259 p.
- BARTOLI, Marco. **Clara de Assis**. Petrópolis: Vozes: Família Franciscana do Brasil, 1998. 224 p.
- BOEHNER, Philotheus; GILSON, Étienne. **História da filosofia cristã**: desde as origens até Nicolau de Cusa. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 1995. 582 p.
- BOFF, Leonardo. **O destino do homem e do mundo**: ensaio sobre a vocação humana. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998. 181 p.
- CONTI, Martino. **Identidade dos Irmãos e Irmãs da TOR:** comentário a Regra. Petrópolis: Vozes : CEFEPAL, 1992. 208 p.
- DÍAZ MATEOS, Manuel. **A vida nova**: fé, esperança e caridade. Petrópolis: Vozes, 1993. 278 p.
- **DICIONÁRIO franciscano**. Petrópolis: Vozes, CEFEPAL, 1993.
- DUSSEL, Enrique D. **Ética comunitária**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1994. 285 p.
- ESSER, Kajetan. **A Regra definitiva dos Frades Menores**: a luz das mais recentes pesquisas. Petrópolis: Vozes, 1966. 80 p.
- GEBARA, Ivone; BINGEMER, Maria Clara Lucchetti. **Maria, mãe de Deus e mãe dos pobres**: um ensaio da mulher e da América Latina. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988. 208 p.
- GUIMARÃES, Almir Ribeiro. **Páginas franciscanas**: seleção de textos das fontes franciscanas e de autores contemporâneos. Petrópolis: Vozes: CEFEPAL, 1992. 101 p.
- LEERS, Bernardino. **Francisco de Assis e a moral cristã**. Petrópolis: Vozes, 1995. 132 p.
- PINTARELLI, Ary E. **O espírito de Assis**: discursos e alocuções de João Paulo II sobre a paz. Petrópolis: Vozes, 1996. 101 p.
- **O FRANCISCANO e as criaturas.** Petrópolis: Vozes: Família Franciscana do Brasil, 1997. 126 p.
- **O FRANCISCANO e a terra.** Petrópolis: Vozes: Família Franciscana do Brasil, 1998. 126 p.
- **O FRANCISCANO e Deus Pai**. Petrópolis: Vozes: Família Franciscana do Brasil, 1999. 93 p.
- MANSELLI, Raoul. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes: Família Franciscana do Brasil, 1997. 331 p.

- MAZZUCO, Vitório. **Francisco de Assis**: e o modelo de amor cortês-cavaleiresco na personalidade e espiritualidade de Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1994. 136 p.
- MAZZUCO, Vitório. **Francisco de Assis**: e o modelo de amor cortês-cavaleiresco na personalidade e espiritualidade de Francisco de Assis. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1996. 136 p.
- MOREIRA, Alberto da Silva (Org.). **Herança franciscana**: festschrift para Simão Voigt, OFM. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista [SP]: Editora Universitária São Francisco, 1996. 380p.
- MOREIRA, Alberto da Silva. **Sociedade global**: cultura e religião. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista [SP]: Universidade São Francisco, 1998. 164 p.
- MOREIRA, Alberto da Silva; ZICMAN, Renée (Org.). **Misticismo e novas religiões.** Petrópolis: Vozes, Bragança Paulista [SP]: USF, Instituto Franciscano de Antropologia, 1994. 176 p.
- MÜLLER, Nelson; SILVA, José Belisário da; TEIXEIRA, Celso Márcio (Org.). **A maneira franciscana de evangelizar.** Petrópolis: Vozes: Família Franciscana do Brasil, 1996. 187 p.
- PICCOLO, Agostinho Salvador**. Santo Antônio do mundo inteiro**. Petrópolis: Vozes, 1998. 71 p.
- PIMENTEL, Mesquita. **Uma pioneira da Ação Católica:** a Ordem Terceira de São Francisco de Assis. Petrópolis: Vozes, 1990. 141 p.
- PINTARELLI, Ary E. **Cavaleiros da dona pobreza**. Petrópolis: Vozes, 1997. 244 p.
- PINTARELLI, Ary E. **Sabedoria de um simples**: os ditos do Beato Egídio da Assis. Petrópolis: Vozes, 1997. 190 p.
- ROTZETTER, Anton. **Clara de Assis**: a primeira mulher franciscana. Petrópolis: Vozes: CEFEPAL, 1994. 344 p.
- SCHALÜCK, Hermann. **Encher a Terra com o evangelho de Cristo**. Roma: Vozes, 1996.
- SCHEPER, Wenceslau (Coord.). **Salve Rainha, Mãe de Misericórdia**: coletânea de exemplos marianos. Petrópolis: Vozes, 1993. 178 p.
- SILVEIRA, Ildefonso. **São Francisco de Assis: e "nossa irmã a mãe terra".** Petrópolis: Vozes, 1994. 86 p
- SILVEIRA, Ildefonso. **Retrato de Santa Clara de Assis**: na literatura hagiográfica. Petrópolis: Vozes, 1995. 70 p.
- SILVEIRA, Ildefonso. **Senhora pobreza**. Petrópolis: Vozes, 1997. 124 p.
- SILVEIRA, Ildefonso. **São Francisco de Assis:** ensaios de leitura das fontes. Petrópolis: Vozes: CEFEPAL, 1990. 125 p.
- SILVEIRA, Ildefonso. **São Francisco de Assis:** cavaleiro da nova milícia. Petrópolis: Vozes : CEFEPAL, 1991. 87 p.
- **UMA MULHER chamada Clara de Assis**. Petrópolis: Vozes: CEFEPAL, 1993. 62 p.
- ZAVALLONI, Roberto. **Pedagogia franciscana:** desenvolvimento e perspectivas. Petrópolis: Vozes: Família Franciscana do Brasil, 1999. 448 p.

2000-2010

- AGOSTINI, Nilo. **Evangelização**: contribuição franciscana. Petrópolis: Vozes: Família Franciscana do Brasil, 2000. 158 p.
- BECKHÄUSER, Alberto. **Meu Deus e meu tudo**: mensagem de São Francisco de Assis aos fiéis penitentes. Petrópolis: Vozes: Família Franciscana do Brasil, 2001. 117 p.
- CONTI, Martino**. Estudos e pesquisas sobre o franciscanismo das origens**. Petrópolis: Vozes: Família Franciscana do Brasil, 2004. 367 p.
- ECKHART. **Sermões alemães:** sermões 1 a 60. Bragança Paulista [SP]: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2006. 366 p. ISBN 85-86965-92-8 (EDUSF)
- ECKHART. **Sermões alemães:** sermões 61 a 105. Bragança Paulista [SP]: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2008. 292 p.
- **O FRANCISCANISMO e a Santíssima Trindade**. Petrópolis: Vozes: Família Franciscana do Brasil, 2000. 104 p. (Cadernos franciscanos; 15)
- FRANCISCANOS, Província da Imaculada Conceição do Brasil. **Plano de evangelização**: 2004-2006: texto de trabalho capítulo provincial 2003. Petrópolis: Vozes, 2003. 127 p
- HEIDEGGER, Martin 1889-1976. **Parmênides.** Bragança Paulista [SP]: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2008 238 p.
- HEIDEGGER, Martin. **Ser e verdade:** a questão fundamental da filosofia; da essência da verdade. 2. ed. Bragança Paulista [SP]: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2007. 142 p. (Pensamento humano)
- HEIDEGGER, Martin. **Fenomenologia da vida religiosa**. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista [SP]: Editora Universitária São Francisco, 2010. 339 p. (Coleção pensamento humano)
- KIERKEGAARD, Soren. **As obras do amor:** algumas considerações cristãs em forma de discursos. Bragança Paulista [SP]: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2005. 431p. (Coleção pensamento humano)
- LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007. 383 p.
- PICOLLO, Agostinho. **A Cidade de Deus:** contra os pagãos. 7. ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista [SP]: Editora Universitária São Francisco, 2010. 584p. (Coleção pensamento humano).
- SCHUBACK, Marcia Sá Cavalcante. **Para ler os medievais**: ensaio de hermenêutica imaginativa. Petrópolis: Vozes, 2000. 323 p.
- TEIXEIRA, Celso Márcio (Org.). **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes: Família Franciscana do Brasil, 2004. 1996 p.